

FERNANDA BOARIN BOECHAT

**ESPAÇO DA IDENTIDADE: A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO
E PERSONAGENS EM *CINZAS DO NORTE* E *ÓRFÃOS DO ELDORADO*
DE MILTON HATOUM**

**CURITIBA
2011**

FERNANDA BOARIN BOECHAT

**ESPAÇO DA IDENTIDADE: A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO
E PERSONAGENS EM *CINZAS DO NORTE E ÓRFÃOS DO ELDORADO*
DE MILTON HATOUM**

**Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de mestre junto à área de
concentração em Estudos Literários do
Programa de Pós-graduação em Letras da
UFPR.**

Linha de pesquisa: Espaço Literário, Margens e
Fronteiras.

Orientador: Paulo Astor Soethe

**CURITIBA
2011**

Agradecimentos

Ao meu vô Ary (*in memoriam*), pela alegria de viver, tão bem revelada quando impulsionou meus primeiros passos de dança nos bailes de sexta.

Aos meus pais e irmãos, meu porto seguro.

Ao amigo e orientador Paulo Astor Soethe, pela paciência e pela perspicácia.

À concessão da bolsa Capes/Reuni no segundo ano de mestrado, que possibilitou uma maior dedicação à pesquisa.

Aos amigos sinceros, de ouvidos serenos, em especial Ana Carla Magna, Allan de Paula e João Castelo Branco.

Ao Márcio, que floreia meus passos no salão e me leva para um novo lado da vida.

SUMÁRIO

Resumo.....	4
Zusammenfassung.....	5
Introdução.....	6
1. Identidade.....	15
2. Espaço literário.....	35
3. Os espaços da identidade entre cinzas e órfãos.....	62
3.1 O autor e as obras.....	62
3.2 Cinzas do Norte, cinzas do Eldorado.....	68
3.3 Órfãos do Eldorado, órfãos do norte.....	92
4. Conclusão – para além da narrativa.....	111
5. Bibliografia.....	121

Resumo

No presente trabalho propõe-se a análise do espaço literário nas obras *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum, segundo uma perspectiva que o toma como espaço da identidade. O espaço da identidade é compreendido como uma dimensão formal do espaço em literatura, que revela processos de identificação das personagens. Nesse sentido, procura-se expor no primeiro capítulo, a partir de uma perspectiva antropológica ampla que considera os Estudos Literários em diálogo com outras áreas do saber, uma reflexão que se volta para a noção de identidade, em especial na sociedade contemporânea. Em um segundo momento, expõe-se uma reflexão teórica sobre o estudo do espaço em literatura, em diálogo com outras áreas do saber. No terceiro capítulo, apresenta-se de início uma breve explanação sobre o autor e sua obra, e parte da fortuna crítica publicada em jornais e revistas; segue então uma análise do espaço literário nas obras, que remete indiretamente à discussão teórica exposta nos dois primeiros capítulos, de modo que a configuração espacial dos romances relaciona-se, como que por si mesma, aos apontamentos teóricos anteriores. Propõe-se por fim, na conclusão, uma abordagem da configuração espacial no âmbito dos Estudos Literários como elemento revelador de processos de identificação, o que reafirma um poder teorizador presente na literatura e, dessa maneira, o papel relevante dos Estudos Literários em debates com outras disciplinas.

Palavras-chave: Milton Hatoum, espaço literário, identidade.

Zusammenfassung

In der vorliegenden Arbeit wird eine Analyse der literarischen Raumgestaltung in Milton Hatoums Romanen *Cinzas do Norte* und *Órfãos do Eldorado* anhand einer Perspektive vorgenommen, die die Raumgestaltung der Literatur als Raum der Identität versteht. Dieser Raum der Identität wird als eine formelle Ausdehnung der Literatur erfasst, die die Identifikationsprozesse der Figuren enthüllt. In diesem Sinne wird im ersten Kapitel, von einer breiten anthropologischen Perspektive ausgehend, die Literaturwissenschaft im Dialog mit anderen Bereichen betrachtet und eine Überlegung über die Auffassung von Identität besonders im zeitgenössischen Kontext angestellt.

Zunächst wird eine theoretische Betrachtung der Raumgestaltung sowohl im Bereich der Literaturwissenschaft, als auch in anderen Bereichen dargelegt. Im darauf folgenden Kapitel, deren Einführung sich auf den Autor und seine Werke konzentriert, wird die Analyse der Raumgestaltung der Romane vorgestellt. Diese Analyse bezieht sich indirekterweise auf die theoretischen Überlegungen, die in den ersten beiden Kapiteln dargestellt wurden. Zum Schluss wird eine Betrachtung der Raumgestaltung im Bereich der Literaturwissenschaft vorgelegt, die eben diese Prozesse der Identifikation als eine theoretische Kraft der Literatur sichtbar macht; und so ebenso die Rolle der Literatur im Dialog mit anderen Disziplinen hervorhebt.

Schlüsselwörter: Milton Hatoum, literarische Raumgestaltung, Identität.

Introdução

No espaço dedicado à “Introdução”, gostaríamos de primeiramente apresentar a nossa compreensão a respeito de como tratamos a produção literária existente para então apontarmos como esse entendimento contribuiu para que chegássemos à formulação do nosso projeto de mestrado. Em um segundo momento, apresentaremos de maneira sucinta o caminho trilhado durante a pesquisa, e então procuraremos apontar as principais questões desenvolvidas nos capítulos que compõem a presente dissertação.

Entendemos que todos desempenhamos um papel em uma comunidade como sujeitos e então estabelecemos juntos uma comunidade discursiva. O discursivo aqui, que caracteriza essa comunidade, é visto como interlocução que se estabelece entre os sujeitos, como comunicação e ação partilhada entre os sujeitos que os conduz a questionamentos. Esses questionamentos, de ordem amplamente diversa, variam nas diversas comunidades discursivas, situadas em tempo e espaço específicos. Quando tratamos do discurso literário, lidamos com o produto de uma comunidade discursiva. Tratamos de um produto que também integra essa comunidade discursiva enquanto voz que se manifesta sobre ela e seus temas; não como algo isolado dessa comunidade ou como um objeto em vias solipsistas, mas sim, como voz ativa de um sujeito integrante de uma comunidade, que fala da mesma e para a mesma. Ademais, esse produto literário, mesmo que possa ser observado como um objeto que fala de si, estabelece também um diálogo com outros textos e com outros discursos e comunidades discursivas, trazendo à tona exposições sobre outros assuntos, desencadeando uma teia de associações diversas. O discurso literário não se encerra em si mesmo, ele é a chave para o elo com outros universos discursivos, com reflexões mais amplas; ele é visto aqui como uma ponte que proporciona àquele que lê a possibilidade de uma visão de mundo cada vez mais ampla, que abre portas ao pensamento crítico dos sujeitos que integram uma determinada comunidade. Ao entendermos que a literatura possui tal privilégio, acreditamos também que a fomentação da prática literária em uma comunidade colabora para uma formação mais completa dos sujeitos para vida, ela nos incita a imaginar a realidade sob outros ângulos, de modo que possamos conceber o mundo e organizá-lo de uma forma melhor.

Paulo Soethe aponta em *Literatura Comparada* (2009) para o conhecimento que a literatura carrega em si e em que medida é possível partilhar desse conhecimento enquanto leitor:

Os textos literários carregam em si conhecimentos sobre a vida e a experiência humana e aguçam a consciência (individual e social) quanto a certas formas de conhecer: ativam a sensibilidade e a imaginação, chamam a atenção do sujeito para sua participação no mundo material partilhado com os outros, para sua participação em uma comunidade de comunicação que se imagina e se reconfigura a todo momento¹.

Ainda sob essa perspectiva, o teórico da literatura Tzvetan Todorov aponta no recém lançado *Literatura em Perigo* (2009) para esse papel efetivo que a literatura deve desempenhar em um sujeito. Ele a desvincula de uma compreensão que a distancia não somente do mundo real, mas também de outras áreas do conhecimento, que trata a literatura apenas como um adorno cultural de uma sociedade:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver.²

A nossa compreensão sobre o papel que a literatura pode desempenhar em nós sujeitos vai ao encontro tanto da reflexão apontada por Soethe como também ao encontro da reflexão apontada por Todorov. Pretendemos, nesse sentido, ao observar as obras *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008) do escritor manauense Milton Hatoum, tratá-las antes de tudo como “plasticidade humana”³, que estabelece, por conseguinte, uma ligação direta com o humano, já que a literatura, a nosso ver, proporciona “(...) a abertura para o grande debate de idéias do qual participa todo conhecimento do homem”⁴. É ainda, nesse sentido, que vale mencionar o que o romanista e teórico da literatura Ottmar Ette chama de “ÜberLebenswissen”⁵, algo que, segundo o autor, é próprio da literatura. Para Ette (2005), vida e literatura não se separam,

¹ SOETHE, P. A. *Literatura comparada*. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009, p. 21.

² TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009, p. 76.

³ ISER, W. *O fictício e o imaginário*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996, p.8.

⁴ TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009, p.89.

É relevante mencionar que o filósofo e lingüista búlgaro Tzvetan Todorov foi um dos grandes teóricos e difusores do Estruturalismo, desenvolvido especialmente na França. Curiosamente, Todorov, que no âmbito da Teoria da Literatura se destacou mundialmente como um dos grandes propagadores do pensamento formalista, questiona, em *A literatura em perigo*, o papel que os Estudos Literários assumiu após ter sido influenciado por anos pelos estudos formalistas e estruturalistas, afirmando claramente, em tal publicação, que a busca dos estruturalistas pela imanência da obra colaborou para que a literatura fosse afastada de qualquer relação que ela poderia estabelecer com o mundo, com a vida real.

⁵ “Saber sobre a vida” ou “saber sobreviver” (Tradução minha).

[elas] se referem, do modo mais estreito uma sobre a outra, desencadeando medos, a literatura poderia – como no conto “Tlon, Uqbar, Orbis Tertius” de Jorge Luis Borges – invadir diretamente a vida e modificá-la.⁶

Quando Ette aponta “que para se contar uma história é preciso sobreviver a ela”,⁷ tem isso em mente tanto em sentido físico quanto narratológico. Aproxima a literatura da vida e propõe que a literatura é por conseguinte um “saber sobre a vida” ou ainda “saber sobreviver”. Entendemos, nesse sentido, que o conceito “ÜberLebenswissen” juntamente com o uso do verbo “überleben” (sobreviver),⁸ leva-nos a uma dimensão maior da reflexão do teórico: a que defende que a literatura deve ser posta na grande discussão entre as áreas de conhecimento e não mais ser vista apenas como um adorno cultural. Compreendemos – segundo a leitura da obra de Ette – que, a partir do momento que se reconhece na literatura um sentido tão físico quanto narratológico, e então se agrega a ela um “saber sobre a vida” ou um “saber sobreviver”, torna-se possível inseri-la em um debate maior, no espaço público e no ambiente acadêmico em especial.

É nessa compreensão a respeito da produção literária existente que sustentamos a proposta para o desenvolvimento do nosso projeto; propomos uma leitura e análise das obras selecionadas nessa pesquisa, que não se encerra nos objetos a serem observados; pretendemos, no nosso trabalho de reflexão, aproximar as obras analisadas de questões que fazem parte da nossa realidade, dialogando também com discussões presentes em outras disciplinas – aqui em especial a Sociologia, a Antropologia e a História. Entendemos, por fim, a literatura como uma dicção que fala do nosso mundo e de nós sujeitos, abordando questões humanas presentes na nossa realidade e que deve ser posta em uma discussão que vai além dos Estudos Literários.

Observamos que as obras *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008) possuem como tema central da narrativa a procura das personagens por um lugar melhor para se viver. Um lugar onde o sujeito consiga se identificar de modo mais completo, encontrar uma realização pessoal e dar fim aos anseios evidenciados em meio aos processos de

⁶ “Literatur und Leben lassen sich nicht voneinander trennen, sind aufs Engste so aufeinander bezogen, dass sie Ängste auslösen, die Literatur könnte – wie in Jorge Luis Borges’ *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* – unmittelbar ins Leben eindringen und dieses verändern.” (Tradução minha) Cf. ETTE, O. *ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Belim: Kadmos, 2005. p. 231.

⁷ Idem, p. 237.

⁸ A superposição do conceito de “saber sobre a vida” ou “ciência da vida”, “Lebenswissen”, ao vocábulo “Überleben”, “sobreviver”, potencializa os significados do título proposto por Ette, tanto mais pela intercalação de maiúsculas que chamam atenção do leitor para as ambiguidades.

identificação.⁹ A procura por esse lugar perfeito – que a nosso ver está intimamente ligada aos processos de identificação e que é evidenciada pelo autor logo nas epígrafes das duas obras – leva-nos a considerar que o espaço configurado através da linguagem é revelado especialmente através das percepções dessas personagens. Em outras palavras, entendemos que esse espaço não deve ser observado apenas como pano de fundo dos enredos e sim como um elemento carregado de significação; consideramos esse espaço como um espaço vivido e não apenas como um espaço que possa ser localizado geograficamente; ele é revelador de problemáticas humanas que se estabelecem na partilha de um lugar comum e aponta, então, para questões mais amplas, que na nossa pesquisa vão além dos enredos analisados, mas são suscitadas por eles. Temos, nos dois romances analisados, questões que, segundo a nossa perspectiva, dizem respeito às noções de identidade no momento histórico atual. Notamos que a identificação das personagens ora com um lugar, ora com outro, está intimamente ligada às relações que essas personagens mantêm com o seu coletivo. Positivamente ou negativamente, as descrições desses lugares são diretamente influenciadas pelas relações estabelecidas na partilha de um lugar comum, por processos de identificação individuais. Ademais, acreditamos que ao observarmos as obras como produto de uma comunidade discursiva que fala dessa comunidade e para ela, seja possível traçarmos um paralelo entre as questões observadas nas obras com aquelas que permeiam a noção de identidade na contemporaneidade.

Partindo de tais considerações chegamos à expressão *espaço da identidade* das personagens, já que na presente pesquisa não pretendemos abordar o espaço como elemento estritamente formal no âmbito dos Estudos Literários segundo uma perspectiva teórica específica, mas pretendemos observar uma configuração espacial que revele e suscite questões nos processos de identificação das personagens, considerados sempre em interface com a alteridade. Pretendemos, então, observar essa configuração espacial segundo uma perspectiva antropológica ampla, que engloba questões que vão além dos enredos dos romances.

Segundo essa perspectiva, antes de nos determos à análise das obras, procuraremos nos ocupar da noção de identidade e depois do estudo da categoria espaço, para então

⁹ Entendemos o processo de identificação como a admissão de características e anseios comuns, partilhados por um indivíduo com outros indivíduos, grupos ou sociedades. No primeiro capítulo da presente pesquisa, “Identidade”, retomaremos e desenvolveremos tal idéia de modo mais completo.

demonstrarmos como entendemos a idéia de espaço da identidade, que propomos como tema central à presente pesquisa.

No primeiro capítulo da presente dissertação, “Identidade”, nos concentramos em torno da noção de identidade e também em como alguns teóricos da Sociologia, Antropologia e História abordam os desdobramentos dessa noção na contemporaneidade. Notamos, durante a pesquisa, que a idéia de identidade é muitas vezes tomada como algo dado de antemão, como uma noção subjetiva estável (ao menos momentaneamente) e, então, como característica do indivíduo intrincada às noções de cultura e nação. Observamos, no entanto, após perpassarmos por esse caminho reflexivo a respeito da noção de identidade, que ela não pode se encerrar em si mesma de modo que seja vista como um estado imutável, e sim, que deve ser observada como um processo de negociação, onde as identidades individuais estão atreladas às identidades coletivas. Entendemos, nesse sentido, que a noção de identidade pode ser apontada – especialmente se considerado o tempo histórico – como um processo de admissão de características e anseios comuns entre o indivíduo com outros indivíduos, grupos ou sociedades. Poderíamos, então, apontar a idéia de identidade como algo que está constantemente sujeito a transformações, incorporações e até perdas. Após nos concentrarmos na noção de identidade segundo esses dois entendimentos – o que a considera como estável e o que a considera como um processo –, procuramos dialogar com algumas discussões que tratam da noção de identidade em vista do momento histórico atual, já que lidamos com obras contemporâneas e que possuem um enredo que também se insere nesse contexto histórico pós-moderno, revelando então problemáticas do nosso tempo. Como mencionamos, para a discussão do tema identidade, tivemos como interlocutores teóricos da Sociologia, Antropologia e História, em especial Terry Eagleton, em *A idéia de cultura* (2005), Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas* (2008), Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), Homi Bhabha, em *O local da cultura* (2007), e Zygmunt Bauman, em *Identidade* (2005).

No segundo capítulo, intitulado “Espaço literário”, procuramos inicialmente perpassar pela abordagem da categoria espaço no percurso histórico da Teoria da Literatura. Para tanto, foi necessário primeiramente que passássemos brevemente pelas suas principais correntes intelectuais, em especial aquelas que se destacaram após a consolidação da Teoria da Literatura no começo do século XX. Ainda em “Espaço literário”, procuramos observar outras propostas de análise que se concentram tanto na configuração do espaço literário como também na discussão sobre espaço em outras áreas de conhecimento, afim de que, através

dessas leituras, encontremos uma contribuição para a análise das obras. É importante ressaltar que a reflexão em torno da noção de identidade feita inicialmente colabora para a reflexão proposta em “Espaço literário”, de modo que possamos demonstrar o que entendemos sobre espaço da identidade. Como principais interlocutores nesse momento da pesquisa, temos o professor, ficcionista e ensaísta Luis Alberto Brandão, em dois artigos (2005; 2007) e em *Grafas da Identidade – literatura contemporânea e imaginário nacional* (2007), Wolfgang Iser, em *O fictício e o imaginário* (1996), Ricardo Gullón, em *Espacio y Novela* (1980), Osman Lins, em *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976), Gaston Bachelard, em *A poética do Espaço* (2008), Aleida Assmann, em *Erinnerungsräume – Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses* (1999) e Marc Augé, em *Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade* (2007).

Após dedicarmos o primeiro e o segundo capítulo à “Identidade” e depois ao “Espaço literário”, nos concentramos no capítulo “Os espaços da identidade entre cinzas e órfãos” que compreende a análise das duas obras selecionadas para o desenvolvimento de nossa pesquisa segundo a reflexão teórica feita anteriormente. Nesse momento, introduzido brevemente por uma apresentação em “O autor e as obras”, analisamos primeiramente *Cinzas do Norte* (2005) e depois *Órfãos do Eldorado* (2008).

O escritor manauense Milton Hatoum, nascido em 1952 e filho de imigrantes libaneses, é hoje um dos grandes nomes da literatura contemporânea brasileira e também reconhecido mundialmente graças a sua premiada produção literária. Hatoum mudou-se de Manaus para Brasília com 15 anos, cursou Arquitetura e Urbanismo nos anos 70 na Universidade de São Paulo e viveu nos anos 80 na Espanha, onde foi bolsista do Instituto Iberoamericano de Cooperación. Antes de voltar para sua terra natal, onde foi professor de língua e literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas, o escritor morou na França, onde fez sua pós-graduação na Universidade de Paris III. Hatoum, quando ainda integrado à carreira acadêmica, foi também professor visitante na Universidade de Berkeley na Califórnia e hoje, afastado da academia, dedica-se exclusivamente à carreira de escritor.

Milton Hatoum, aos 37 anos, publicou sua primeira obra, *Relato de um Certo Oriente* (1989), e, por ela, recebeu o prêmio Jabuti de melhor romance. Em 2000, com o lançamento do romance *Dois irmãos* e, em 2005, com o romance *Cinzas do Norte*, o autor recebe mais duas vezes a nomeação de melhor romance com o prêmio Jabuti. *Cinzas do Norte* recebeu ainda em 2006 o prêmio Portugal Telecom de Literatura, o prêmio APCA e também o Bravo!, o que colaborou para que o autor tivesse uma visibilidade ainda maior, também em nível

internacional. Após a publicação dos três primeiros romances, Hatoum lançou ainda *Órfãos do Eldorado* em 2008, incluso na Coleção Myths da editora escocesa Canongate, e, em 2009, a coletânea de contos *A cidade ilhada* – composta por seis contos inéditos e outros oito que já haviam sido publicados em jornais e revistas no Brasil e/ou no exterior e foram reescritos para a inclusão na sua última publicação.

Os dois primeiros romances de Hatoum, *Relato de um Certo Oriente* e *Dois Irmãos*, se concentram, a nosso ver, principalmente em questões que tratam da construção de personagens de origem libanesa situadas em Manaus. Parece-nos que as dificuldades vividas por esses imigrantes por conta das diferenças culturais ocupam um papel central na narrativa desses romances, levando o leitor a problemáticas humanas evidenciadas especialmente na partilha do espaço familiar. Já em *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado*, parece-nos, de modo muito sucinto e como já mencionamos anteriormente, que o foco da narrativa se concentra especialmente na busca das personagens por um lugar ideal para se viver. As personagens protagonistas, que vivem um conflito de gerações, têm agora como terra natal ora Manaus ora alguma localização do interior do Estado do Amazonas. Compreendemos, desse modo, que as problemáticas humanas evidenciadas já não são mais focalizadas nos processos migratórios ocorridos em Manaus – mesmo que eles não tenham sido excluídos dos enredos desses romances – mas sim especialmente nas questões que permeiam esses processos de identificação das personagens em meio a questões de cunho regional e nacional no contexto histórico contemporâneo.¹⁰

Na obra *Cinzas do Norte*, temos como protagonista a personagem Raimundo, apelidado Mundo. A história de Mundo, narrada pelo amigo Lavo, é carregada de inconstância, revolta e dificuldade de se fixar em um só lugar, o que também nos parece já evidenciado pelo autor na epígrafe da obra, “[s]ou donde nasci. Sou de outros lugares”, de Guimarães Rosa. A figura de Mundo, em contraposição a de Lavo, que nunca teve como objetivo sair de Manaus, é revelada em meio a constantes conflitos por conta do convívio com outras personagens que partilham o mesmo espaço. Procuramos, através das relações que se estabelecem entre Mundo e as outras personagens, observar por consequência a relação que essa personagem protagonista passa a estabelecer com Manaus, – capital do Estado do

¹⁰ Já é possível encontrar uma bibliografia considerável de trabalhos acadêmicos que envolvem as obras de Hatoum. Como contribuição para a presente pesquisa, destacamos a tese de doutorado de José Alonso Torres Freire intitulada *Entre construções e Ruínas: Uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum* apresentada em 2006 na Universidade de São Paulo. FREIRE, J.A.T. *Entre construções e Ruínas: Uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2006.

Amazonas e cidade natal da personagem –, Vila Amazônia – ilha próxima a Manaus onde o pai de Mundo pretende plantar a civilização –, Berlim – capital alemã e primeira cidade para onde a personagem se muda –, Londres – capital inglesa onde a personagem vai residir em seguida – e por fim o Rio de Janeiro – onde a família possui um apartamento de veraneio e também a última morada da personagem. A nossa atenção para a relação que Mundo estabelece com tais cidades vem permeada das problemáticas humanas que são estabelecidas em meio à partilha de um espaço comum. Notamos, e procuramos demonstrar, como as relações estabelecidas por Mundo com essas localidades estão diretamente influenciadas pelas relações estabelecidas entre ele e as outras personagens do enredo. Dessa forma, trata-se de lugares praticados, vividos não somente por Mundo, mas também por outras personagens. Observamos, nesse sentido, as relações que outras personagens estabelecem entre si, mesmo que o nosso foco seja o mundo em torno de Mundo e aquilo que essa personagem revela como um sujeito em meio a processos de identificação na contemporaneidade.

Na epígrafe de *Órfãos do Eldorado* nos deparamos com o poema “A cidade” do grego Konstantinos Kaváfis,¹¹ que aponta para a questão da busca do sujeito por um lugar melhor; o mesmo poema é ainda traduzido no corpo do texto pela personagem Estiliano, que presenteia Arminto, o narrador em primeira pessoa, com a tradução. Tal poema, incorporado no romance, parece reafirmar a questão a respeito da busca por esse lugar ideal para se viver e também para a impossibilidade de encontrá-lo.¹²

Arminto, a personagem protagonista do romance, é o foco de nosso olhar quando tratamos de tal obra e também ao desdobrarmos esse olhar para as outras personagens presentes no enredo. Nossas principais considerações se voltam para a relação de Arminto com a Cidade Encantada, mito amazônico, Vila Bela, cidade natal da personagem – aqui também o palácio branco, residência da família –, Manaus, Belém e por fim a fazenda Boa

¹¹ Dizes: “Vou para outra terra, vou para outro mar./Encontrarei uma cidade melhor do que esta. /Todo o meu esforço é uma condenação escrita./ E meu coração, como o de um morto, está enterrado./ Até quando minha alma vai permanecer neste marasmo?/ Para onde olho, qualquer lugar que meu olhar alcança,/ Só vejo minha vida em negras ruínas/ Onde passei tantos anos, e os destruí e desperdicei.”/ Não encontrarás novas terras, nem outros mares./ A cidade irá contigo. Andarás sem rumo/ Pelas mesmas ruas. Vai envelhecer no mesmo bairro,/ Teu cabelo vai embranquecer nas mesmas casas./ Sempre chegarás a esta cidade. Não esperes ir a outro lugar,/ Não há barco nem caminho para ti./ Como dissipaste tua vida aqui/ Neste pequeno lugar, arruinaste-a na terra inteira. (A cidade, 1910, Konstantinos Kaváfis) Epígrafe da obra *Órfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum.

¹² Um trecho do mesmo poema de Kaváfis é citado no romance *Seltsame Sterne starren zur Erde*, de Emine Sevgi Özdamar, e apontado por Ette para exemplificar o que ele chama de vetorização. Tal conceito ele usa para demonstrar que todos os movimentos descendentes são acumulados e memorizados nos movimentos atuais, de modo que – no romance citado, onde a personagem turca vive como imigrante em Berlim – a cidade de Istambul é reconhecida constantemente em Berlim. Cf. ETTE, O. *ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Kulturverlag Kadmos, Belim, 2005, p. 196.

Vida. Assim como em *Cinzas do Norte*, procuramos observar, mesmo que com o foco na personagem Arminto, as problemáticas humanas estabelecidas na partilha de um lugar comum, não deixando de lado a relação que a personagem protagonista estabelece com outras do enredo. Mais uma vez, buscamos demonstrar – através dessas observações quanto às relações humanas estabelecidas e quanto a essa busca por um lugar melhor – quais questões são evidenciadas nesses processos de identificação ao longo da narrativa.

Acreditamos que a relação de Mundo e de Arminto com os espaços em que se inserem, e também com as personagens que compartilham esse mesmo espaço, revela ao leitor as principais questões das obras escolhidas e analisadas na presente pesquisa. Nesse sentido, a escolha dos nossos objetos de estudo não é aleatória; concluímos que os dois últimos romances de Milton Hatoum afloram e proporcionam tal proposta a respeito de um espaço da identidade das personagens. Trata-se também de obras publicadas recentemente que colocam em evidência esse sujeito, ainda que ficcional, contemporâneo e pós-moderno que se confronta constantemente com o seu espaço individual e coletivo, colocando em pauta questões que envolvem alteridade, identidade, multiculturalidade, entre outras, destacando, a nosso ver, a participação de Milton Hatoum no discurso que se dá em torno de tais questões.

Após fazermos esse mapeamento a respeito da configuração espacial nas duas obras, encerramos o trabalho com o capítulo “Conclusão – para além da narrativa”, que pretende levar a análise proposta sobre a configuração espacial nos romances para questões mais amplas. Sintetizaremos, então, a conclusão de nossa reflexão feita anteriormente e procuraremos também demonstrar em que medida podemos afirmar que há ainda nas obras questões que tratam, por exemplo, da relação entre a metrópole e a província – em princípio no próprio Estado do Amazonas, quando falamos de Manaus e os municípios localizados no interior do Estado –, a relação de Manaus com a cidade do Rio de Janeiro, duas capitais nacionais, a relação entre Brasil e Europa, aqui Londres e Berlim, e, por último, uma possível confrontação entre o espaço histórico e mítico, evidenciada especialmente em *Órfãos do Eldorado*. Para tratarmos dessas outras questões que continuam levando os nossos objetos de estudo para além da narrativa, dialogaremos com a discussão desenvolvida por Édouard Glissant em *Introdução a uma poética da diversidade* (2005).

Durante toda a pesquisa procuramos conservar um olhar sobre as questões apontadas que preservasse o diálogo entre a literatura e a nossa realidade, de modo que pudessemos abranger as questões postas nesse trabalho de pesquisa e levá-las a um diálogo mais amplo, inserindo a literatura novamente no grande debate que envolve o conhecimento humano.

1. Identidade

Ao apontarmos o estudo do espaço literário nas obras *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfão do Eldorado* (2008) tomado como um *espaço da identidade*, propomos, como reflexão inicial de nossa pesquisa, a noção mesma de identidade, figurada literariamente. Consideramos que os processos de identificação¹³ do sujeito ficcional afeta diretamente a configuração espacial nas obras literárias a serem estudadas. Compreendemos, então, que o estudo do espaço na presente pesquisa é tomado sob um viés que vai além de uma visada que o considera como mero cenário onde as personagens estão inseridas, ele é um elemento que se constrói em estreito diálogo com a relação que as personagens estabelecem em meio à partilha de um espaço comum. Acreditamos, nesse sentido, que as configurações espaciais nas obras a serem estudadas estão intimamente ligadas aos processos de identificação das personagens, que, por sua vez, estão interligados a aspectos sociais, históricos, e também psicológicos que constroem o enredo. Agregam-se, assim, às obras literárias, questões que também perpassam tais aspectos. Ao tomarmos tais considerações como ponto de partida, procuraremos apontar para as discussões que envolvem a noção de identidade, em especial aquelas que se concentram nesta noção em vista do contexto histórico atual, já que em nossa pesquisa tratamos de obras contemporâneas e que tratam de sujeitos ficcionais inseridos em discussões recentes ou em curso. Como contribuição para a presente reflexão contamos com teóricos das Ciências Sociais e da História, o que coloca a nossa discussão no âmbito dos Estudos Literários em diálogo com outras áreas de conhecimento.

A identidade pode ser tratada, e muitas vezes foi, como um resultado imutável, intrincada especialmente às idéias de nação e de cultura. No entanto, sob a nossa perspectiva e em diálogo com a de outros teóricos, pretendemos demonstrar como a noção de identidade também pode ser vista como um processo em constante construção. Entendemos que a identidade nunca se encerra em si mesma, é justamente um processo, e nesse processo encontramos inúmeras determinantes, que estabelecem uma íntima relação com o coletivo e com aspectos individuais. Compreendemos, no entanto, que os processos de identificação individuais se encontram atrelados à noção coletiva de identidade, já que qualquer sujeito, mesmo que ficcional, está inserido em um grupo que partilha um espaço comum. Dessa

¹³ Entendemos o processo de identificação como a admissão de características e anseios comuns, partilhados por um indivíduo com outros indivíduos, grupos ou sociedades. Tal consideração será desenvolvida de forma mais completa ao longo da reflexão proposta no presente capítulo.

maneira, entendemos que a identidade não é algo que se encerra em uma noção dada previamente, mas sim algo que se constrói enquanto o sujeito compartilha, enquanto está posto em relação, nos levando a pensar nesse processo sempre em interface com a alteridade. Procuramos demonstrar, nesse sentido, que o espaço que também pode ser observado apenas como pano de fundo em uma obra literária, pode ser visto como uma configuração que se constrói de acordo com esses processos de identificação. Como já observamos, para demonstrar a identidade como um processo de identificação, passaremos primeiramente pelas discussões que a colocam como uma noção já existente previamente aos sujeitos, como um resultado já dado de antemão – abarcando principalmente as discussões sobre nação e cultura. Após abordarmos a identidade como um resultado, procuraremos demonstrá-la como uma noção que está constantemente em processo de construção. Procuramos, nesse sentido, discutir dois aspectos que nos parecem bastante relevantes para nossa pesquisa: o primeiro é como se dá a negociação identitária entre o coletivo e o individual; o segundo, as peculiaridades desse processo de identificação que se desenvolvem no contexto histórico contemporâneo em vista das personagens nas obras literárias a serem analisadas.

As personagens analisadas nas duas obras literárias selecionadas na presente pesquisa estão inseridas em um espaço geográfico que se insere em um contexto cultural e em um contexto nacional. Como é que esses contextos culturais e nacionais podem influenciar esse processo de identificação a que as personagens estão sujeitas na narrativa? Para respondermos essa questão gostaríamos de primeiramente abordarmos a idéia de cultura.

Na obra *A idéia de cultura* (2005)¹⁴, do filósofo e crítico literário britânico Terry Eagleton, encontramos no primeiro capítulo, intitulado “Versões de Cultura”, os dois principais pressupostos definidores de cultura.

Se cultura originalmente significa lavoura, cultivo agrícola, ela sugere tanto regulação como crescimento espontâneo. O cultural é o que podemos mudar, mas o material a ser alterado tem sua própria existência autônoma, a qual então lhe empresta algo da recalcitrância da natureza. Mas cultura também é uma questão de seguir regras, e isso também envolve uma interação entre o regulado e o não-regulado.(...) A idéia de cultura, então, significa uma dupla recusa: do determinismo orgânico, por um lado, e da autonomia do espírito, por outro.
15

Temos nessa passagem o principal paradoxo em torno da noção de cultura. Por um lado o que é natural e espontâneo e, por outro, aquilo que se molda conscientemente, aquilo

¹⁴ EAGLETON, T. *A idéia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

¹⁵ Idem, p. 13-14.

que se pode chamar de racionalidade ou ainda o poder do homem sobre a sua natureza ou sobre os outros indivíduos que convivem em uma mesma sociedade. Esse segundo aspecto mencionado como possível definidor de cultura aponta ainda para uma discussão de âmbito mais abrangente, já que também se pode entender uma cultura como o destilar da diversidade em uma unidade, o que pode ser representado, por exemplo, pela intenção do Estado, que tanto procura definir uma homogeneidade como também estabelecê-la. Segundo Eagleton,

o que a cultura faz, então, [como posição do Estado] é destilar a nossa humanidade comum a partir de nossos eus políticos sectários, resgatando dos sentidos o espírito, arrebatando do temporal o imutável, e arrancando da diversidade a unidade.(...) A cultura é uma forma do sujeito universal agindo dentro de cada um de nós, exatamente como o estado é a presença do universal dentro do âmbito particularista da sociedade civil.¹⁶

Tal observação de Eagleton aponta para o sentimento de cultura proporcionado intencionalmente pelo Estado, afastando-nos então da idéia ingênua e idealista de cultura como algo essencial, ligado à natureza e ao espontâneo. Nesse sentido, se é possível, por um lado, entender cultura como algo essencial, já dado de antemão, é possível também entendê-la como uma invenção sem origem verdadeira, mas que pode ser tomada como essencial ou natural. Um exemplo que justifica tal afirmação poderia ser representado pela Alemanha anti-semita de Hitler. A sociedade alemã se convence de que o anti-semitismo é uma verdade essencial e que representa uma ameaça ao suposto arianismo alemão. Tanto o anti-semitismo como o arianismo parecem corroborar a idéia de homogeneidade cultural, convencendo uma sociedade de que ela possui uma essência, que deve ser defendida ou, ao menos, preservada.

Tanto a concepção de cultura como algo essencial como a cultura como algo carregado de intencionalidade aponta para a compreensão de cultura como uma manifestação predominantemente homogênic e pura, algo que é em grande medida questionável. Já muito antes da Alemanha anti-semita de Hitler, Herder propõe a pluralização da cultura e aponta para diferenças culturais, sociais e econômicas dentro da própria nação. Tal pressuposto, mesmo que aqui mencionado de forma bastante simplificada, revela um posicionamento que vai contra a idéia de homogeneização absoluta de cultura. Passa-se, dessa maneira, a reconhecer que dentro de uma mesma cultura existe hibridez e heterogeneidade, e também que as culturas podem se envolver entre si e que nenhuma deve ser tomada a priori como isolada ou pura.

¹⁶ Ibidem, p. 18.

Esse pluralismo, no entanto, pode ser entendido como auto-identidade, transformando todo grupo que se auto-identifica em um grupo cultural. É com base nessa compreensão que se fala, por exemplo, em ‘cultura gay’, ‘cultura dos artistas’ ou ‘cultura da máfia’. Tal noção de pluralismo, a nosso ver, acaba propondo outra homogeneidade, que mesmo que possa ter uma dimensão menor em termos quantitativos não se diferencia por completo da homogeneidade defendida, por exemplo, pela Alemanha anti-semita. Entendemos que seja possível, em alguma medida, estabelecer uma unidade em um grupo ou em uma nação, mas essa unidade não é o suficiente para se estabelecer uma homogeneidade. Nesse sentido, acreditamos que em um grupo social, onde se possam encontrar semelhanças, seja possível também encontrar inúmeras diferenças. Entendemos que tanto a identificação como a não-identificação convivem simultaneamente, o que significa que a tarefa de se defender uma homogeneidade absoluta seja uma tarefa impossível. Dessa forma, todas as definições de cultura aqui abordadas nos levam a entender que um dos pressupostos para se definir o que é cultural é principalmente a observação das semelhanças e não das diferenças de um determinado grupo social. Parece-nos que tais tentativas apontadas como definições de cultura deixam de lado aquilo que é híbrido, que é marcado pela diferença, descartando ainda a possibilidade de que é justamente a presença da diferença que nos dá a possibilidade de identificar aquilo que é semelhante.

Notamos que independente de qual viés com que se procura definir uma cultura, – seja ela tomada como essencial ou como uma definição carregada de intencionalidade – ela vem sempre atrelada à idéia de identificação. Essa identificação, ademais, também só pode ser pensada na medida em que observamos um indivíduo posto em relação, seja com grupos menores ou com sociedades inteiras. Nesse sentido, a noção de cultura passa a ser a possibilidade de podermos caracterizar um determinado grupo, por exemplo, que se encontra em um mesmo espaço geográfico, que fala uma mesma língua, que é regido por determinadas regras ou que compartilha manifestações culturais comuns; como ainda menciona Terry Eagleton (2005), é “(...) uma forma normativa [do ponto de vista cognitivo] de imaginar essa sociedade” e, a nosso ver, ao compartilharmos essas normas, podemos ademais nos imaginar como sujeitos que podem ou não se identificar com essa sociedade. Na seguinte passagem, Terry Eagleton desenvolve tal argumento destacando a tentativa de se encontrar uma unidade em determinado grupo social:

Cultura como modo de vida é uma versão estetizada da sociedade, encontrando nela a unidade, imediação sensível e independência de conflito que associamos ao artefato estético. A palavra “cultura”, que se supõe designar um tipo de sociedade, é de fato uma forma normativa de imaginar essa sociedade. Ela também pode ser uma forma de alguém imaginar suas próprias condições sociais usando como modelo as de outras pessoas, quer no passado, na selva, ou no futuro político.¹⁷

Todo sujeito, para que se sinta membro de uma sociedade, procura nela reconhecer suas raízes, procura se sentir em casa, e, para isso, ele passa necessariamente por um processo de identificação que envolve seu coletivo. Esse processo pela busca de um pertencimento, no qual os sujeitos estão inseridos, é um processo de negociação entre a idéia normativa de se imaginar sua sociedade e a idéia sobre suas características individuais. Ressaltamos, dessa maneira, mais uma vez a importância de observarmos como se forma essa idéia de cultura e também de nação para que possamos observar como se dá essa negociação no processo de identificação entre o coletivo e o individual.

Terry Eagleton, ainda na obra *A idéia de cultura* (2005), aponta para o significado antropológico de cultura, que segundo o autor, começa a ganhar terreno no desenvolvimento do colonialismo do século XIX:

É com o desenvolvimento do colonialismo do século XIX que o significado antropológico de cultura como um modo de vida singular começa a ganhar terreno. E o modo de vida em questão é geralmente aquele dos “incivilizados”. Como já vimos, cultura como civilidade é o oposto de barbarismo, mas cultura como um modo de vida pode ser idêntica a ele. Herder, segundo Geoffrey Hartman, foi o primeiro a usar a palavra cultura “no moderno sentido de uma cultura da identidade: um modo de vida sociável, populista e tradicional, caracterizado por uma qualidade que tudo permeia e faz uma pessoa se sentir enraizada ou em casa.” Cultura em resumo são os outros. Como Fredric Jameson argumentou, cultura é sempre “uma idéia do Outro (mesmo quando a reassumo para mim mesmo)”.¹⁸

Na presente pesquisa não pretendemos nos concentrar no significado antropológico de cultura ou em como a idéia de cultura passou a se desenvolver dentro de uma determinada sociedade ou ainda problematizar se é possível ou não responder tal questão. Interessa-nos, no entanto, em diálogo com Terry Eagleton, ressaltar que a procura em se definir o que é uma cultura se inicia na observação do outro ou dos outros, para que então seja possível, em um processo de identificação individual, perceber-se pertencente ou não a um determinado grupo e poder ou não assumir essa idéia para si enquanto indivíduo. Essa tentativa, então, de se caracterizar “uma idéia do Outro”, parece-nos também dialogar justamente com a necessidade

¹⁷ Ibidem p. 41.

¹⁸ Ibidem p. 43.

do sujeito de se identificar com o seu coletivo. Nesse sentido, pretendemos aqui observar, servindo-nos primeiramente da discussão acerca da idéia de cultura, como essa idéia normativa de cultura influencia a figuração literária de processos individuais de identificação, já que tratamos de personagens que estão inseridas em um contexto cultural ficcionalmente figurado – mas em grande medida referenciador de um mundo da vida concreto – e que, sob a nossa perspectiva, não é colocado apenas como pano de fundo na narrativa, mas sim que leva o leitor a questões que vão além da narrativa.

Como observamos, uma das necessidades ao se caracterizar uma cultura é justamente a necessidade de fazer que os indivíduos se sintam pertencentes a um determinado grupo. Nesse caso, faz-se necessário, concentrar-se nas semelhanças deste grupo e não nas diferenças, mesmo que elas sempre estejam presentes. Tal abordagem, porém, não está livre de uma relativização que nos parece intimamente ligada ao processo de identificação individual, já que um sujeito tem autonomia para assumir ou não essa idéia do outro para si. Como Eagleton ainda menciona em *A idéia de cultura* (2005), essa busca do indivíduo, quando confrontado com a idéia coletiva de cultura, é a necessidade de encontrar aí algo que se assemelhe àquilo que ele possui de mais profundo, mesmo que essa auto-identificação não aconteça por completo. Tem-se aí, então, a tentativa de se definir cultura de modo que ela possa expressar algo de essencial, de modo que ela reflita algo que exista de mais profundo nos indivíduos despidos de suas particularidades. Há a tentativa, ainda segundo Eagleton, de demonstrar como o universal representa o paradigma do individual:

O que a própria Cultura estima não é o particular, mas algo muito diferente, o indivíduo. Com efeito, ela vê uma relação direta entre o individual e o universal. É na unicidade de alguma coisa que o espírito do mundo pode ser mais intimamente sentido; mas revelar a essência de uma coisa significa despi-la de seus particulares acidentais. O que constitui minha própria auto-identidade é a auto-identidade do espírito humano. O que me faz aquilo que eu sou é minha essência, que é a espécie a qual pertença. A Cultura é em si mesma o espírito da humanidade individualizando-se em obras específicas; e o seu discurso liga o individual e o universal, o âmago do eu e a verdade da humanidade, sem a mediação do historicamente particular. De fato, nada poderia assemelhar-se mais estreitamente ao universo do que aquilo que é puramente ele mesmo, sem nenhuma relação externa. O universal não é apenas o oposto do individual, mas o próprio paradigma dele.¹⁹

Essa busca pela essência do indivíduo, para que se sinta semelhante ao paradigma do universal e também pertencente a uma espécie, parece-nos ser um dos principais motivadores para a definição de cultura. Esse possível principal motivador da definição de cultura embasa

¹⁹ Ibidem p. 84-85.

especialmente a idéia de nação e então o Estado como seu principal interessado. Eagleton (2005) aponta ainda na mesma obra para o “(...) hífen na expressão “Estado-nação” [que] significa assim uma ligação entre política e cultura, engendrado e o ético.”²⁰ Segundo essa interpretação, um sujeito – que se identifica com determinadas características que são postas como parte de sua cultura e então a cultura da nação a qual ele pertence – terá o sentimento de defendê-la e até mesmo de preservar tais características. Na seguinte passagem, Eagleton menciona como a idéia de cultura se sobrepõe à política, mesmo que a idéia de cultura possa ser a princípio construída por uma motivação política do Estado:

A cultura é em certo sentido mais importante do que a política, mas é também menos maleável. Homens e mulheres têm maior tendência a ir para as ruas, numa manifestação, por questões culturais e materiais do que por questões puramente políticas – sendo o cultural aquilo que diz respeito à identidade espiritual de alguém, e o material à sua identidade física. Por meio do Estado-nação fomos constituídos como cidadãos do mundo; mas foi difícil ver como essa forma de identidade política podia fornecer motivos tão profundamente arraigados quanto culturais.²¹

Observamos até o momento e de forma sucinta, que a idéia de cultura pode ser atrelada a aspectos que a definem como algo essencial, ligado ao espontâneo e à natureza, ou intencional, que considera a autonomia do espírito humano. Apontamos também, em diálogo com as reflexões de Eagleton (2005), que a idéia de cultura promovida intencionalmente, pode ser motivada pela intenção do Estado, podendo ainda, a partir disso, ser tomada por uma sociedade como uma noção de caráter essencial. Esse desdobramento – a respeito da idéia de cultura promovida intencionalmente pelo Estado – é que nos interessa agora em particular. Não pretendemos nos concentrar aqui nas razões que poderiam sustentar uma posição política de um determinado Estado, porém interessa-nos observar como a idéia de cultura se vincula à idéia de nação promovida por ele.

Na obra, *Comunidades Imaginadas* (2008), do historiador Benedict Anderson, especialista em política e história da Indonésia e do Sudeste Asiático, tem-se uma reflexão sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Em tal obra, Anderson chama as nações de “comunidades políticas imaginadas”, que se legitimam, em especial, através de um vínculo emocional profundo entre os indivíduos que as compõem. O autor propõe, então, a seguinte

²⁰ Ibidem, p. 88.

²¹ Ibidem, p. 92.

definição de nação: “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada [pelo território] e, ao mesmo tempo, soberana.”²²

Essa comunidade política é imaginada, segundo o autor, pois nunca será possível que um membro de uma nação tenha conhecido ou ouvido falar de todos aqueles que anteriormente a compuseram. O que se tem, no entanto, é uma imagem viva de comunhão entre eles e que pode se concretizar de maneiras bastante diversas em épocas e em sociedades distintas. A idéia de limitada, ainda segundo Anderson, se justifica pelo fato de existirem fronteiras, que delimitam o território de uma nação, pelo fato de não ser possível se imaginar com a mesma extensão da humanidade. Essa nação é ainda apontada como soberana, já que somente um “Estado soberano”²³ poderia garantir a liberdade tão almejada pelas nações em vista da dominação do reino dinástico hierárquico de ordem divina. Por último, essa nação passa a ser imaginada como uma comunidade, já que apesar das divergências existentes, ela se sustenta através de uma camaradagem horizontal, de uma fraternidade entre os indivíduos.

A despeito da existência de razões que levam o Estado a difundir o nacionalismo e que certamente é tema de relevância na discussão posta aqui, interessa-nos especialmente como essas nações são imaginadas e em que medida isso diz respeito ao que irmana relações distintas em uma sociedade.

Anderson justifica a caracterização da nação como comunidade “imaginada” pelo fato de que se estabelece dentro dela uma comunhão entre os indivíduos sem que todos eles tenham tido algum tipo de contato uns com os outros. Essa comunhão se estabelece pelo reconhecimento de um “nós” coletivo imaginado. Essa comunhão, esse nós coletivo, faz que o sentimento de pertença se sobreponha à idéia de individualidade, que as semelhanças se sobreponham às diferenças, o que nos parece ir ao encontro da idéia de cultura que acaba por se definir com base nas características comuns de uma determinada sociedade e que não se concentra nas diferenças individuais e na hibridez nela sempre presentes. Para se imaginar um nós coletivo, como mencionamos, e então poder reconhecer em uma nação ou em uma cultura elementos que caracterizam toda uma comunidade, Anderson aponta em especial para dois instrumentos: a língua e a história – que passam a ser tomados como dados essenciais e naturais e que pouco podem vir a ser questionados.

²² ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32.

²³ Idem p. 34.

A língua, que antes de tudo é o principal meio de comunicação entre os indivíduos, é também o principal instrumento que propaga e conserva todo o conhecimento de uma geração para outra. Dois processos que envolvem a língua têm, segundo Anderson, grande relevância nessa discussão: a vernaculização e o papel da imprensa.

A vernaculização, em oposição à hegemonia do latim, fez que as nações se unificassem lingüisticamente, com a adoção de uma língua como idioma oficial. A vernaculização, juntamente com a imprensa, corroborou a concretização desse nós coletivo, difundindo amplamente aquilo que outrora era propagado oralmente em grande medida. A língua escrita passa então a ser um meio privilegiado para se conservar o passado e também difundi-lo, ela passa a ser um relevante instrumento com o qual se caracteriza o presente e pode se estimar um futuro. Anderson, ainda em *Comunidades Imaginadas* (2008), menciona nesse contexto o papel do capitalismo editorial que, segundo sua perspectiva, foi um dos grandes responsáveis pela difusão do nacionalismo, pela propagação desse nós coletivo imaginado carregado de intenções do Estado. De qualquer modo, mesmo que não ampliemos aqui nossas considerações sobre posições políticas diversas a respeito da difusão do nacionalismo, gostaríamos de ressaltar que a língua, em especial após a vernaculização e a imprensa, é um dos grandes propagadores do imaginário desse nós coletivo e também grande aliada na propagação da história nacional. Após a vernaculização, e então a língua associada à idéia de língua materna, a língua passa a ser um instrumento natural de todos aqueles que nascem em determinados países e a adquirem. A língua é o instrumento que possibilitará aos indivíduos interagir com os meios de comunicação, documentos escritos e com os seus próprios conterrâneos. Anderson menciona na seguinte passagem:

O que os olhos são para quem ama – aqueles olhos comuns e particulares, com que ele, ou ela, nasceu – a língua – qualquer que seja a que lhe coube historicamente como língua materna – é para o patriota. Por meio dessa língua, que se conhece no colo da mãe e que só se perde no túmulo, restauram-se passados, imaginam-se companheirismos, sonham-se futuros.²⁴

Assim, juntamente com a vernaculização e a idéia de língua materna, um dos grandes construtores da idéia de nação são os mitos de fundação atrelados à história nacional. Segundo Anderson, com a língua escrita, não somente os romances de fundação colaboram para a noção de nacionalismo como também os censos, os mapas e os museus promovidos

²⁴ Ibidem p. 215.

pelo Estado. A história de uma nação, tida como um dado natural e essencial, é mantida por um processo que ora ressalta a lembrança ora o esquecimento, ora seleciona ora oblitera. A manutenção dessa história nacional – que passa por esse processo que seleciona a memória, conta com os censos, os mapas e os museus como instrumentos, como fontes de dados – é determinante para a construção do nacionalismo. Benedict Anderson ressalta que essas imaginações a respeito da história nacional de um povo são permeadas por um apego afetivo, o que nos leva a relacionar esse argumento com a reflexão de Eagleton (2005) a respeito do sentimento da busca de pertença que um indivíduo possui quando confrontado com seu coletivo. O indivíduo que busca se identificar com o seu coletivo procura nos instrumentos utilizados para a difusão do nacionalismo algo com que possa se identificar. Esses instrumentos, como mencionamos, são aqueles postos como essenciais e naturais, são eles não apenas a idéia de língua materna e de mitos de fundação atrelados à história nacional, mas também os que podem ser sustentados na raça, na própria idéia de nacionalidade atrelada ao nascimento em um determinado território, na religião ou em manifestações culturais específicas.

Segundo Anderson (2008), é nesses dados compreendidos como essenciais e naturais que os indivíduos mantêm o apego afetivo que lhes possibilita estar vinculados a sua nação. Anderson, no entanto, após apontá-los como instrumentos usados para a difusão do nacionalismo, questiona-os, sustentando sua denominação de nação como comunidade imaginada, já que para ele o que a princípio é dado como essencial e natural pode ser visto apenas como um dado imaginado, como uma invenção. Esse questionamento de Anderson parece-nos bastante relevante, já que esses questionamentos também podem ser observados na literatura, de maneira que um romance, por exemplo, não tem como finalidade somente edificar uma noção estática de nação, mas sobretudo refletir sobre esses processos de maneira crítica e reveladora.

Ao observarmos a reflexão de Eagleton (2005) sobre a idéia de cultura e também os questionamentos de Anderson (2008) a respeito da origem e difusão do nacionalismo, chegamos a alguns pontos que nos parecem relevantes na discussão posta aqui a respeito da noção de identidade.

A idéia de cultura, segundo Eagleton (2008), e aqui de forma sucinta, se desenvolve em torno do paradoxo que a toma ou como espontânea e natural ou que a considera como produto da racionalidade e da autonomia humana. Na sua reflexão ele aponta ainda para uma idéia de cultura carregada de intencionalidade, mas que pode passar a ser compreendida como

essencial. A reflexão de Eagleton sobre esse desdobramento parece-nos dialogar com a discussão de Anderson (2008), quando este aponta a origem e, em especial, a difusão do nacionalismo. Parece-nos que a necessidade de uma idéia de cultura como a difusão do nacionalismo é impulsionada, em última instância, pela necessidade individual de pertença. Compreendemos que um sujeito que vive em sociedade, que partilha um espaço comum, já está envolvido de saída nesse processo de negociação identitária entre o individual e o seu coletivo. O que Eagleton e Anderson nos colocam de precioso para abordarmos essa discussão a respeito de identidade é o fato de que a imagem que temos desse coletivo pode ser questionada, o que nos é dado como cultural e nacional pode ser relativizado – não só com relação a essa negociação entre coletivo e individual, no ato de assumir algo do “Outro” ou não, mas também uma possível relativização da própria idéia que temos sobre a nossa cultura e nossa nação. Essa contestação é então determinante nos processos de identificação individual, nessa negociação que há entre o sujeito e o coletivo. O que observamos, ademais, quando tratamos do momento histórico atual, é que um contexto globalizado, que nos dá cada vez mais mobilidade e, então, acesso a outras culturas, passa a motivar esse questionamento, levando-nos a relativizar a idéia que temos sobre nossa própria cultura e nação de forma cada vez mais intensa. Como já observamos, tratamos de obras literárias publicadas já no século atual e que trata de personagens inseridas também em um contexto histórico contemporâneo. Pretendemos, nesse sentido, – a partir das reflexões postas até o momento e das reflexões suscitadas pela leitura dos romances – observar como essa relativização e esse questionamento a respeito das noções de cultura e de nação se desdobram em um momento globalizado.

Na obra *O local da cultura* (2007)²⁵, o autor indo-britânico Homi Bhabha, teórico da cultura e da literatura, propõe uma reflexão a respeito de cultura partindo do contexto do colonialismo. Já de saída, como epígrafe da obra, o autor menciona uma frase do filósofo alemão Heidegger que aponta a fronteira como um lugar onde não acaba algo, mas sim onde algo começa a se fazer presente.²⁶ Nesse sentido, parece-nos que a fronteira pode ser tomada como metáfora para uma situação de alteridade, que corrobora a construção de uma possível idéia de identidade – intimamente ligada à idéia de cultura e de nação, como observamos até o

²⁵ BHABHA, H. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

²⁶ “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente” (HEIDEGGER, M. *Poetry, Language, Thought*. New York: Harper & Row, 1971, *Building, dwelling, thinking*, p. 152-153.)

momento. Parece-nos que, graças a uma situação de alteridade, que provoca uma contínua negociação a respeito do que assumo ou não do outro, seja possível apontarmos a identidade como um processo e não como um resultado. Quando tratamos do contexto histórico atual, que permite cada vez mais mobilidade (ou obriga a ela), quando nós sujeitos somos constantemente confrontados com novas fronteiras, essa negociação toma proporções ainda maiores. Para discutirmos algumas peculiaridades desse momento globalizado, passaremos primeiramente pela discussão que trata do indivíduo pós-moderno como um indivíduo que possui uma identidade fragmentada, o que na teoria social vem sendo extensamente discutido.

Na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006)²⁷, do teórico cultural jamaicano Stuart Hall, tem-se uma reflexão que trata justamente a noção de identidade em vista do contexto histórico contemporâneo²⁸. Na referida obra, Hall ainda procura avaliar a possível existência de uma crise de identidade nesse momento e também procura demonstrar em que poderia consistir essa crise e em qual direção ela poderia estar indo. Para tanto, ele define primeiramente três concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno.

Segundo Hall (2006), o sujeito do Iluminismo era “baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação (...)”²⁹, um sujeito que não mais se encontrava submetido às condições divinas, e sim que possuía uma identidade centrada no indivíduo.

Já o sujeito sociológico passa a ser, segundo apontado por Hall, um sujeito que possui uma “concepção ‘interativa’ da identidade e do eu”³⁰. Essa nova concepção reflete, segundo o autor, uma crescente complexidade do mundo moderno e também a idéia de que o sujeito não é mais autônomo e auto-suficiente, como no caso do sujeito do Iluminismo. O que se destaca nessa nova concepção é a importância que se dá à relação entre o indivíduo e seu coletivo – mesmo que ainda seja concebido que esse sujeito tenha um núcleo ou uma essência interior – o que o modifica e o transforma constantemente. A idéia de identidade, quando se

²⁷ HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

²⁸ Vale mencionar aqui o crítico literário americano Frederic Jameson, conhecido por sua análise sobre a cultura contemporânea e sobre a pós-modernidade, assim como o antropólogo argentino Néstor García Canclini que também apresenta reflexões sobre a pós-modernidade a partir da noção de cultura na América Latina. Apesar de não termos contemplado o trabalho de tais teóricos, gostaríamos de apontar para um possível diálogo entre as reflexões de Hall, Jameson e Canclini.

²⁹ HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 10.

³⁰ Idem, p. 11.

trata do sujeito sociológico, passa a ser caracterizada como algo que preenche o espaço entre o mundo pessoal e o mundo público; é a interação desses dois mundos, de modo que o sujeito se projeta em uma identidade cultural tomando algo daí para si. Essas duas instâncias são costuradas uma à outra, e isso alinha, segundo as palavras de Hall (2006), “os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural”³¹.

Nesse sentido, essa interação, que abarca o sujeito e sua sociedade, resulta, porém, em uma identidade unificada, estável e predizível. É justamente essa descrição a respeito da identidade do sujeito sociológico que começa a mudar quando se trata do sujeito pós-moderno. Segundo Hall (2006), o sujeito pós-moderno é um sujeito fragmentado, composto não só de uma identidade, mas de várias, que muitas vezes se contradizem. Ainda segundo as reflexões apontadas por Hall, esse sujeito passa, então, a não mais ter uma identidade fixa, essencial e permanente, essa identidade passa a ser vista como uma “‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”³². É nessa concepção de identidade do sujeito pós-moderno, apontada por Stuart Hall (2006), que procuraremos nos concentrar nesse momento.³³

Esse sujeito pós-moderno, segundo Hall, inserido no nosso contexto histórico atual e então na chamada globalização, passa a viver um momento histórico que provoca uma nova negociação entre o global e o local. A globalização, devemos observar, não é um fenômeno recente, a modernidade é em si um momento globalizante. Apesar da tentativa dos estados-nação de se firmarem como autônomos e soberanos, isso nunca foi possível de maneira completa; ademais, o capitalismo, também enraizado na modernidade, sempre teve aspirações globais e não locais, sem que pudesse ser limitado por fronteiras territoriais. Tais fatores colaboraram, em especial depois dos anos 70, para que uma integração de âmbito global fosse cada vez mais intensa, para um maior contato e uma maior integração entre as nações. Nesse sentido, podemos notar, a partir desse momento, uma outra compreensão da relação espaço-tempo e também da relação espaço-lugar.

³¹ Ibidem, p. 12.

³² Ibidem, p. 12-13.

³³ Cabe aqui observar a importância do texto ficcional literário como matriz privilegiada para tal reflexão. Os romances de Hatoum, que serão observados na presente pesquisa, figuram, encenam, problematizam e questionam essa aparente fragmentação e instabilidade do sujeito pós-moderno.

Hall (2006) aponta para uma “compressão espaço-tempo”³⁴ na globalização, em outras palavras, temos uma aceleração dos processos globais, já que as distâncias começam a parecer menores, o mundo parece menor e os eventos em um determinado lugar passam a ter um impacto imediato em outros, independente de sua localização. Essa relação espaço-tempo é também a coordenada básica de todos os sistemas de representação. Isso nos parece interessante quando retomamos a idéia de cultura e de nação como um processo intimamente ligado à idéia de representação, segundo as reflexões de Eagleton (2005) e Anderson (2008). Se há uma nova organização da relação espaço-tempo e se essa relação é determinante na compreensão da idéia de cultura e de nação, então, por conseguinte, teremos uma nova determinante para a formulação da compreensão de tais idéias; mais que isso, se cultura e nação fazem parte dos processos de identificação, como se argumentou até o momento, então se passa a considerar também uma nova determinante, ao tratarmos da noção de identidade no momento histórico atual.

Também a relação “espaço-lugar” passa a sofrer alterações se comparada à sociedade pré-moderna. Nesta, o espaço e o lugar eram coincidentes, os espaços eram ocupados pela presença, por uma ação localizada. No momento atual, essa coincidência entre espaço e lugar começa a ser cada vez mais incomum. Um local pode ser praticado sem que haja a presença, sem que haja o contato físico, espaço e lugar começam a ser amplamente separados na modernidade, passam a ser instituídos como algo diferente, ou ainda, como Hall (2006) observou, “os lugares permanecem fixos; é neles que temos ‘raízes’. Entretanto, o espaço pode ser ‘cruzado’ num piscar de olhos – por um avião a jato, por fax ou por satélite.”³⁵

Ainda pensando na idéia de identidade do sujeito pós-moderno, e então daquele inserido em um mundo globalizado e que sofre os efeitos dessa globalização, gostaríamos de nos concentrar agora na possibilidade de uma nova negociação entre o global e o local. Para tanto, desenvolveremos a seguir duas direções divergentes que podem ser tomadas como consequência do processo de globalização.

A primeira nova situação, em vista do contexto histórico atual, é aquela em que o indivíduo inserido nesse contexto globalizado passa a viver em um mundo onde a compreensão de fronteira começa a se diferenciar da fronteira territorial tradicional. O trânsito territorial e também o acesso à informação cada vez mais facilitado, principalmente por conta da Internet, fazem do contato desse indivíduo com outras culturas e sujeitos algo cada vez

³⁴ Ibidem, p. 69.

³⁵ Ibidem, p. 72-73.

mais presente no dia-a-dia. A noção de alteridade, então, toma um âmbito mais amplo, já que as relações que se estabelecem nesse trânsito maior podem ser muitas vezes mais contrastivas do que aquelas com as quais esse mesmo indivíduo se depara em sua própria cultura. É nesse sentido que afirmamos que a alteridade nos parece então assumir um papel central no que diz respeito a uma nova reflexão sobre a noção de cultura e nação na atualidade globalizada. Depara-se, segundo as nossas observações e em diálogo com os teóricos mencionados, com o envolvimento efetivo de uma cultura com outra, e a idéia de que uma cultura seja provida de uma essência ou pureza já não pode mais ser sustentada. Nesse trânsito, onde as fronteiras começam a se apagar, a alteridade passa a se fazer cada vez mais presente. O outro é confrontado, questiona-se a si mesmo nessa situação de alteridade, e como resultado contamos com alguma incorporação ou negação de algo do outro para si. Temos um confronto que modifica o sujeito, que corrompe uma situação anterior. Graças a essa situação de contato cada vez mais constante com culturas e nações diferentes, gera-se uma situação onde as antigas noções de cultura e nação passam a ser tomadas de outra forma; a idéia de cultura e nação que preservava uma unidade, uma característica peculiar e única, começa, através desse contato cada vez mais intenso, a incorporar algo do outro e deixar cada vez mais evidente a hibridez presente em um grupo social. Compreendemos, nesse sentido, que seja possível ainda observar, graças a essa nova definição de fronteira, uma fragmentação de códigos culturais. Como Hall observa:

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida em que culturas nacionais tornam-se mais expostas à influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento cultural.³⁶

É possível notar, no entanto, que quando esse processo de globalização é percebido como um processo que se atrela à idéia de homogeneização, ele pode implicar em uma direção contrária. A possibilidade de se ter acesso a quase tudo contribui, como Hall aponta, para o efeito de “supermercado cultural”³⁷, já que não somente produtos e mercadorias começam a circular cada vez mais no mercado global, mas também as identidades começam a se desvincular de tempos, lugares, histórias e tradições específicas. Esse fator leva muitas

³⁶ Ibidem, p. 74.

³⁷ Ibidem, p. 75.

comunidades a passarem a defender aquilo que elas acreditam ter como essencial, provocando, então, uma postura defensiva, de preservação desses traços culturais – o fundamentalismo religioso, em especial no Oriente, parece-nos ser um exemplo bastante claro de tal processo. Os indivíduos começam a tentar identificar aquilo que eles têm de essencialmente brasileiro, alemão ou francês, por exemplo. Como se essa situação de confrontação constante com o outro provocasse também uma corrida inversa, uma busca pela identificação com aquilo que é meu essencialmente, ou com o que a minha cultura me dá essencialmente pelo simples fato de ser compreendida como minha nação, como um lugar onde eu tenho as minhas raízes. Como observou Terry Eagleton em *A idéia de cultura* (2005)³⁸:

Quanto mais avant-garde fica o mundo, mais arcaico ele se torna. À medida que a hibridez se dissemina, avolumam-se os gritos de heresia. Para cada lufada de perfume parisiense em Tóquio há um jovem skinhead neonazista ou um filósofo comunitarista de meia-idade.³⁹

A observação de Eagleton parece apontar para esse movimento inverso que acontece no processo denominado globalização, já que ao invés de se assumir uma idéia de cultura global, passa-se a defender aquilo que é particularista e que preserva o vínculo de pertencimento. Notamos, dessa maneira, que a articulação entre o local e o global nos processos de identificação passa a ser mais uma vez discutido e evidenciado. Essa tensão que na verdade sempre existiu, esse processo de identificação que ora se caracterizava mais universalista e ora mais particularista, começa a ganhar força ao longo da modernidade e se intensifica no momento histórico atual. É importante notar que em meio a esse processo histórico parece que o global não substituirá o local, que a globalização não substituirá as identidades nacionais; é possível prever, porém, que essa nova articulação possa produzir, como Hall (2006) aponta, “novas identificações ‘globais’ e novas identificações ‘loais’”.⁴⁰ A respeito dessa possível nova organização dos processos de identificações, ou quais são as conseqüências concretas desse momento globalizado, não se pode ainda precisar. Hall (2006) nos dá, porém, uma conclusão provisória:

³⁸ EAGLETON, T. *A idéia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

³⁹ Idem, p. 95.

⁴⁰ HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 78.

(...) parece, então, que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar a sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Homi Bhabha) chama de “Tradução”.⁴¹

Após a explanação feita até agora, em diálogo com as considerações de Hall (2006), a respeito do momento globalizado e também das transformações dos processos de identificação, parece-nos que os efeitos da globalização – esse duplo movimento que leva ora ao sentimento de conservação de uma cultura local, ora a um sentimento mais universalista e global – vão ao encontro das discussões postas por Eagleton (2005) e Anderson (2008). O que observamos é que a globalização parece intensificar o questionamento e a relativização a respeito das noções que temos sobre a idéia de cultura e de nação. Como observamos, não é possível prever concretamente as conseqüências desse momento globalizado. Observamos, porém, que esse novo processo de identificação ressalta e começa a considerar a hibridez existente em uma mesma cultura e nação.

Após a reflexão até agora apresentada, compreendemos que o fato de estarmos inseridos em uma cultura, em uma nação ou ainda em uma “comunidade imaginada”, como denomina Anderson (2008), não significa que somos prisioneiros dela. Acreditamos que a diferença cultural molda diferentes individualidades, mas não de maneira homogênea ou absoluta. Pelo contrário, entendemos que o ilimitado e o aberto sejam inerentes às culturas. A cultura em si já apresenta um ponto cego interno. Esse ponto cego, onde não é possível se definir uma cultura por completo, é que nos parece ser ocupado pela idéia de alteridade. Terry Eagleton (2005) aponta que

[é] no ponto que o Outro está deslocado em si mesmo, não totalmente determinado por seu contexto, que podemos encontrá-lo mais profundamente, uma vez que essa auto-opacidade é também verdadeira de nós mesmos. Eu compreendo o Outro quando me torno consciente de que o que nele me aflige, sua natureza enigmática, é também um problema para ele.⁴²

⁴¹ Idem, p. 87.

⁴² Ibidem, p. 139-140.

Como expusemos no presente capítulo, não podemos iniciar uma reflexão sobre a idéia de identidade sem que consideremos as idéias de cultura e nação. Ademais, em vista do contexto histórico atual – já que estamos a serviço da observação de personagens ficcionais que encenam a inserção nesse contexto – consideramos as reflexões sobre cultura e nação para tratarmos da identidade fragmentada do sujeito pós-moderno e procuramos demonstrar como essa negociação entre o coletivo e o individual acontece no momento histórico atual. Para concluirmos nossa reflexão a respeito da identidade globalizada, que nos interessa em especial, apresentaremos ainda um diálogo com a reflexão de Zygmunt Bauman.

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, expõe na obra *Identidade* (2005)⁴³ a sua visão de identidade em um momento que ele chama de “era líquido-moderna”, contextualizada pela globalização. Nesse sentido, ele aponta para um mundo fragmentado e mal coordenado em que as nossas existências passam também a conviver de forma desordenada. Para Bauman (2005), a globalização significa que o Estado já não tem o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação, o que implica que os sujeitos inseridos em uma sociedade passam então a buscar livremente as suas identidades:

Não mais monitorados e protegidos, cobertos e revigorados por instituições em busca de monopólio – expostas, em vez disso, ao livre jogo de forças concorrentes –, quaisquer hierarquias ou graus de identidades, e particularmente os sólidos e duráveis, não são nem procurados nem fáceis de construir. As primeiras razões de as identidades serem estritamente definidas e desprovidas de ambigüidade (tão bem definidas e inequívocas quanto a soberania territorial do Estado), e de manterem o mesmo formato reconhecível ao longo do tempo, desaparecem ou perderam muito do poder constrangedor que um dia tiveram. As identidades ganham livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas.⁴⁴

Essa busca pela identidade, no entanto, corroborada então por um momento em que não há, segundo Bauman, um esforço do Estado para manter uma união sólida, é, como já mencionamos, um movimento ambíguo. A busca do sujeito por uma identidade parece oscilar entre as noções de coletivo e individual. Na sua reflexão sobre identidade, Bauman caracteriza esse processo de identificação como um campo de batalha.

A identidade – sejamos claros sobre isso – é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural de identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega. (...) A identidade é uma luta

⁴³ BAUMAN, Z. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

⁴⁴ Idem, p. 35.

simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado...⁴⁵

A globalização, observada aqui como um momento em que as fronteiras começam a se apagar, ou em que pelo menos começam a ter outras formas, onde temos um trânsito maior dos indivíduos e um acesso à informação cada vez menos restrito, parece cooperar para que o ponto cego da cultura, aquilo que não permite que possamos defini-la por completo, se torne mais amplo ou pelo menos mais evidente. Mais do que isso, parece-nos que o encontro com o *Outro* abarca uma nova reflexão e noção sobre a idéia de identidade.

Bhabha observa em *O local da cultura* (2007)⁴⁶ que

[o] trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com o novo que não seja parte continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um entre-lugar contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O passado-presente torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.⁴⁷

Esse “entre-lugar contingente” de Bhabha será mais tarde desenvolvido em sua reflexão e chamado de “Terceiro Espaço”. Esse “Terceiro Espaço” irrepresentável, garante para o autor que a cultura se abstenha de uma suposta unidade ou fixidez. Os seus significados e símbolos passam a ser traduzidos, apropriados e lidos de modos diferentes, reflexão que parece se aproximar das considerações de Hall (2006).

O “Terceiro Espaço” de Bhabha parece-nos apontar para o que tomamos como ponto central na nossa reflexão. Acreditamos que esse lugar irrepresentável, mas presente, seja fruto dessa nova configuração nos processos de identificação, que dialoga intimamente com a noção de alteridade em um mundo globalizado, juntamente ainda a uma nova configuração da noção de cultura e talvez de nação. A fronteira como um lugar onde algo começa a se fazer presente parece ser representante desse “Terceiro Espaço” de Bhabha, uma outra fronteira opaca e indefinida, que faz as vezes de uma nova definição de identidade. Parece-nos importante ressaltar, após o diálogo apresentado até agora, que esse irrepresentável teórico talvez tenha concretização no *medium* da literatura. Pretendemos dessa forma refletir sobre a literatura a partir das considerações de outras disciplinas sobre essas relações e então trazer ao

⁴⁵ Ibidem, p. 83-84.

⁴⁶ BHABHA, H. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

⁴⁷ Idem, p. 27.

debate a contribuição do escritor e dos Estudos Literários na problematização das questões postas em nossa pesquisa.

No capítulo dedicado à noção de identidade, procuramos cumprir a reflexão que define a idéia de cultura e também de nação, já que, como mencionamos, acreditamos que os processos de identificação estão intimamente atrelados a essas noções. Após essa reflexão, concentramo-nos na idéia de identidade do sujeito pós-moderno – em vista das personagens a serem observadas na nossa pesquisa. Notamos – após essa reflexão em diálogo com Eagleton (2005), Anderson (2008), Hall (2006), Bhabha (2007) e Bauman (2005) – que a identidade, tomada como um processo e não como um resultado e também em vista desse contexto globalizado, é algo que relativiza as noções predizíveis de cultura e de nação, de modo que se ressalta uma negociação constante entre o coletivo e o individual e que também se passa a considerar a hibridez e a ausência de uma pureza dentro de um determinado grupo social. Tais considerações contribuem para a nossa pesquisa focada no que chamamos de espaço da identidade das personagens, já que nos concentraremos em observar as configurações espaciais presentes nas obras literárias selecionadas na presente pesquisa sob um viés que vai além da consideração do espaço literário como um mero cenário onde as personagens estão inseridas.

Após a reflexão apresentada no capítulo “Identidade”, partiremos, em um segundo momento, para a discussão que trata do estudo do espaço literário. O capítulo que segue pretende dialogar com a exposição feita até o momento, de modo que a reflexão em torno da noção de identidade seja determinante para que desenvolvamos uma proposta de estudo do espaço literário tomado como espaço da identidade.

2. Espaço literário

Após a reflexão feita no primeiro capítulo sobre a noção de identidade, procuraremos estabelecer nas próximas páginas nossa abordagem e orientação para o estudo da configuração espacial das obras *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008) do escritor brasileiro Milton Hatoum.

Primeiramente gostaríamos de apresentar de forma sucinta algumas das principais abordagens de estudo no âmbito dos Estudos Literários, especialmente aquelas que se destacaram após a consolidação da Teoria da Literatura no começo do século XX. A breve explanação que propomos como primeiro momento do presente capítulo se volta, especialmente, para as possibilidades de estudo do espaço literário sob as diferentes opções epistemológicas em diversas correntes intelectuais.⁴⁸ Essa explanação não pretende ser exaustiva nem detalhada, apenas apontar de forma sucinta quais as possibilidades de estudo oferecidas por posturas teóricas diversas, quanto ao estudo do espaço literário. Em seguida, apresentaremos algumas obras especificamente dedicadas ao assunto. Por fim, apresentaremos abordagens do espaço presentes em outras áreas de conhecimento e procuraremos demonstrar como tais reflexões contribuem para nossa proposta de análise.

A consolidação da Teoria da Literatura acontece principalmente mediante a busca da especificidade do objeto, ou a busca pela literariedade⁴⁹, o que implica, de início, na recusa dos aspectos exteriores ao texto, que se associam à análise de natureza historicista, biográfica, sociológica ou ainda psicológica.

É nesse pressuposto que o Formalismo Russo, a Nova Crítica norte-americana, a Fenomenologia, a Estilística e o Estruturalismo apoiarão suas reflexões. Tais correntes intelectuais recusam atribuir à arte o papel de representação da realidade, diferente da tradição realista-naturalista do final do século XIX, por exemplo, que vê o espaço literário como categoria empírica derivada de uma percepção direta do mundo, algo que seria ademais determinante para o enredo e construção das personagens. Tais pensamentos que se integram

⁴⁸ A reflexão exposta a respeito do estudo do espaço no âmbito da Teoria da Literatura, dialoga principalmente com a reflexão de BRANDÃO, L. A. “Breve história do espaço na teoria da literatura”. In: *Cerrados, revista do programa de pós-graduação em Literatura*. UnB, n. 19, ano 14, 2005: 115-133.

⁴⁹ Em russo *literaturnost*. A literariedade é então o que faz de uma obra uma obra literária, passando assim a ser aquilo que interessa à ciência literária.

à Teoria da Literatura são antimiméticos – concebida aqui a mimese como *imitatio*⁵⁰ –, colocam a linguagem no centro de seus estudos e investigam a autonomia, especificidade e características da linguagem no texto literário.

Tal autonomia foi demonstrada pelos Formalistas Russos principalmente no campo da poesia com grande contribuição para a Teoria da Literatura. No âmbito da prosa, sob essa perspectiva, Vladimir Propp, em *Morfologia do conto maravilhoso* (1984), publicado pela primeira vez em 1928, distinguiu “fábula” (o que se narra) e “trama” (como se narra), privilegiando os recursos formais constituintes do texto e abstraindo-se daquilo que é narrado. Sob esse viés, o espaço, considerado elemento integrante da fábula, foi visto apenas como pano de fundo da ação, e por isso pouco valorizado nas análises de textos literários.

O Estruturalismo – inaugurado na França e difundido especialmente nos anos 60 e 70 – retoma os pressupostos formalistas. Concede atenção à gramaticalidade do texto literário e mantém, portanto, a mesma recusa aos elementos extratextuais, e àquilo que se atribui aos aspectos referentes à realidade. Dessa forma, com os estruturalistas, a categoria espaço continua a ocupar uma posição de pouca importância na análise do texto literário, já que a valorização do espaço continua a ser associada à leitura empírica e interpretativa; a configuração espacial presente no texto fica associada quase exclusivamente a um suposto cenário em que se desenvolve a ação.⁵¹

Ainda como grande contribuição para a Teoria da Literatura, destacamos a Teoria da Recepção. Jauss, em 1967, inaugura a Estética da Recepção⁵², que dá ênfase à presença do leitor, passando a privilegiar uma abordagem tanto formal como cultural. Nesse sentido, Jauss

⁵⁰ Eximimo-nos aqui de problematizar o conceito de mimese, debatido em ampla bibliografia nas últimas décadas, e tratado no Brasil especialmente pelo teórico Luiz Costa Lima. Limitamo-nos a empregá-lo como sinônimo de “imitação” da realidade.

⁵¹ É relevante mencionar, por outro lado, o trabalho do estruturalista russo Iuri Lotman, como exemplo de dedicação à categoria espaço no âmbito dos Estudos Literários. Como indicação bibliográfica sugerida ao tema temos:

LOTMAN, I. *A estrutura do texto artístico*. Trad. M. C. V. Raposo e A. Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.

_____. "Acerca de la semiosfera". Trad. D. Navarro. In: *Crítérios*, 1993.

_____. *La semiosfera: l'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti*. Veneza: Marsilio, 1985.

_____. *La Semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Cátedra, 1998.

⁵² Hans Robert Jauss, e posteriormente Wolfgang Iser, são os representantes mais importantes da denominada “Estética da Recepção”, conhecida também como “Escola de Constança”, desenvolvida especialmente nos anos 70. O trabalho de Iser, ao longo da sua trajetória como teórico da literatura, se distanciará, porém, do seu trabalho realizado junto a Jauss. Ainda no presente capítulo apresentaremos parte das reflexões de Iser, apresentadas em *O fictício e o imaginário* (1996).

Como contribuição para nossa reflexão que trata da “Estética da Recepção” e em especial, do trabalho de Iser, destacamos a monografia de conclusão de curso de Flávio Stein, apresentado em 2008 na Universidade Federal do Paraná.

Souza, F.S. de L. *Interpretar: ato contínuo. Uma anatomia da interpretação por Wolfgang Iser*. Trabalho de Graduação. Curitiba: Bacharelado em Estudos Literários, Universidade Federal do Paraná, 2008.

propõe atar, através da consideração do leitor, uma visada de cunho social, que se detinha ao texto como produto histórico e palco de manifestações culturais, e uma outra de natureza formal, que se esforçava em se ater apenas ao texto, desconsiderando qualquer aspecto extratextual, como o contexto histórico. A consideração do leitor proporcionaria, segundo o autor, a junção do conhecimento histórico e estético. Segundo Jauss

se se considera, então, a história da literatura do ponto de vista dessa continuidade que cria o diálogo entre a obra e o público, supera-se também a dicotomia do aspecto estético e do aspecto histórico, e se restabelece o elo entre as obras do passado e a experiência literária de hoje, rompida pelo historicismo. [...] A acolhida de que a obra é objeto por parte de seus primeiros leitores já implica em um julgamento de valor estético presente em outras obras lidas anteriormente. Essa primeira apreensão da obra pode em seguida desenvolver-se e enriquecer-se de geração em geração, e vai constituir através da história uma “cadeia de recepções” que decidirá sobre a importância histórica da obra e indicará sua posição na hierarquia estética⁵³

A despeito de não pretendermos aqui nos aprofundar nos apontamentos teóricos de Jauss, vale notar que tal abordagem, ao considerar o leitor, dá uma nova dimensão às possibilidades de estudo no âmbito dos Estudos Literários – e também do estudo do espaço literário – pois, como mencionamos anteriormente, ela procura considerar tanto os aspectos formais e estéticos como também os aspectos culturais do texto.

Destacamos ainda, mesmo que não sejam correntes especificamente voltadas à Teoria da Literatura, o Pós-estruturalismo ou Desconstrucionismo. Tal corrente intelectual, em diálogo com os Estudos Literários, intensificou a tendência espacializante na Teoria da Literatura. A Desconstrução, difundida principalmente por Jacques Derrida – compreendida como uma posição filosófica, política ou intelectual e também um modo de leitura – contribuiu principalmente para colocar o sistema de hierarquias sob suspeita. Nesse sentido, a categoria espaço, desvalorizada e desprivilegiada no âmbito da análise literária, passa a ser colocada em uma posição de mesma importância com relação às outras categorias que podem ser observadas no texto.

Nos anos 60 e 70 do século XX, começam a se desenvolver os assim chamados Estudos Culturais, que podem ser vistos como uma tendência intelectual que diverge da postura estruturalista, já que se opõe a seu pendor imanentista. É nesse sentido que a abordagem culturalista – definida não como uma corrente teórica, mas sim como um campo interdisciplinar – defende uma politização da teoria e, mais que isso, uma crítica à própria

⁵³ JAUSS, H. R. *L'histoire littéraire comme défi à la théorie littéraire*. Paris: Gallimard, 1967, p. 45.

noção de teoria, o que implica, antes de tudo, a recusa da especificidade do objeto artístico e literário, opondo-se assim à principal premissa do movimento que consolidara academicamente a Teoria da Literatura.

A abordagem culturalista, que no âmbito dos Estudos Literários deu maior espaço a considerações de caráter sociológico, histórico e antropológico sobre os textos literários, sua gênese e seu contexto, retoma a literatura como representação, revalorizando uma perspectiva mimética (agora em sentido mais amplo que o meramente imitativo) antes recusada pelos estruturalistas. A literatura, dessa maneira, interessa na medida em que o texto literário configura manifestações culturais.

Nesse sentido, no âmbito dos Estudos Culturais passa-se a valorizar o espaço como categoria reflexiva e de análise, que contempla aspectos constitutivos, materiais e simbólicos, das dinâmicas sociais e, por conseguinte, das manifestações culturais, de modo que o espaço deixa de ser mero palco dos acontecimentos. A categoria espaço, que pode ser vista, por exemplo, sob uma perspectiva identitária, politiza-se, por assim dizer, como configuradora de manifestações subjetivas individuais e coletivas.⁵⁴

O professor, ensaísta, ficcionista e crítico literário Luis Alberto Brandão aponta, sob uma tal perspectiva, para um “espaço de identificações”, marcado não só pela “convergência de interesses, comunhão de valores e ações conjugadas, mas também divergência, conflito e embate”⁵⁵. Ele menciona, ademais, que

[s]e, como o espaço, toda identidade é relacional, pois só se define na interface com a alteridade, é intrinsecamente político seu principal predicado. “Espaço de identificações” pode ser entendido, genericamente, como sinônimo de cultura.⁵⁶

⁵⁴ Vale mencionar que após o *linguistic turn*, expressão inaugurada em Richard M. Rorty em 1967, considera-se a ocorrência de uma reviravolta nos Estudos Culturais, já que se colocou em questão pressupostos filosóficos gerais e conferiu-se centralidade à filosofia da linguagem; tal reviravolta acontece, pois a linguagem desconstrói verdades absolutas e destaca o seu contexto concreto de produção, ou ainda, a realidade se estrutura pela linguagem. Essa virada lingüística – iniciada, no âmbito das Letras, por Saussure e mantida especialmente em desenvolvimentos teóricos de Barthes e Derrida – considera que a linguagem estrutura a realidade mais que a descreve e a representa. Para tratarmos de espaço segundo o viés dos Estudos Culturais, é necessário que passemos brevemente por tais apontamentos, já que consideraremos também, mais adiante no presente capítulo, as conseqüências de tal virada nos estudos da Geografia, de modo que tais apontamentos poderão dialogar com a nossa perspectiva de estudo do espaço literário na presente pesquisa. A virada no âmbito dos estudos da Geografia se associa ao que Bachmann-Medick (2009) aponta como *spatial turn*. Tal apontamento será ainda exposto no presente capítulo de forma mais extensa e conta, como grande contribuição, com as reflexões da colega Sibebe Paulino, desenvolvidas durante a realização de sua dissertação de mestrado que será apresentada ainda este ano também no programa de Pós-graduação em Letras da UFPR, sobre o romance *Ana em Veneza*, de João Silvério Trevisan.

⁵⁵ BRANDÃO, L. A “Breve história do espaço na teoria da literatura”. In: *Cerrados, revista do programa de pós-graduação em Literatura*. UnB, n.19, ano 14, 2005, p. 124

⁵⁶ Idem

Quando Brandão aponta para o “espaço de identificações” como algo que pode ser entendido genericamente como sinônimo de cultura – no âmbito dos Estudos Literários –, vemo-nos prontamente remetidos à reflexão desenvolvida no capítulo “Identidade” da presente dissertação. Segundo a reflexão do primeiro capítulo, se a idéia normativa de se imaginar uma cultura também pode influenciar a figuração literária de processos individuais de identificação, agrega-se assim à observação do espaço literário a possibilidade de se refletir sobre questões em torno da noção de identidade de maneira crítica e reveladora.⁵⁷

Na exposição teórica feita até o momento, apontamos o teórico da literatura alemão Wolfgang Iser como um dos fundadores da “Estética da Recepção” juntamente com Jauss. O trabalho de Iser, porém, não se encerra à “Escola de Constança” e alcança posteriormente, a partir da atitude básica de entender dinâmicas literárias em seus aspectos comunicativos, uma dimensão assumidamente mais ampla e abrangente. Gostaríamos de destacar, então, a obra *O fictício e o imaginário* (1996)⁵⁸, onde o teórico alemão propõe uma reflexão sobre o que chama de imaginário, o que a nosso ver contribui de forma profícua e reveladora no âmbito dos Estudos Literários.

Na obra *O fictício e o imaginário* (1996), Iser problematiza a validade da reflexão que se apóia na oposição ficção-realidade no âmbito dos Estudos Literários, já que, segundo o autor, o texto literário, quando concebido como ficção (e assim amplamente compreendido dentro dos Estudos Literários), passa, segundo esse prisma de oposição, a ser concebido como desprovido de realidade. Ainda nesse sentido, ele aponta como insuficiente a reflexão que se contenta em dizer que a realidade alimenta a ficção e vice-versa ou ainda que o ficcional contém elementos do real e o real do ficcional. Para Iser, a insuficiência resultante das abordagens que se apóiam nessa relação dupla só pode ser resolvida se substituída por uma relação tríplice – fictício, real e imaginário –, já que

(...) como o texto ficcional contém elementos do real sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingido, a preparação de um imaginário (die Zurüstung eines Imaginären).⁵⁹

A tríplice relação proposta por Iser – fictício, real e imaginário, elementos que podem corresponder respectivamente a um ato revestido de intencionalidade, ao mundo

⁵⁷ Tal apontamento será ainda desenvolvido aqui de forma mais completa.

⁵⁸ ISER, W. *O fictício e o imaginário*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

⁵⁹ ISER, W. *O fictício e o imaginário*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996, p. 13.

extratextual e por fim a algo difuso e que deve ser compreendido como um funcionamento – consegue trazer à luz o fictício do ficcional, de modo a afastar esta categoria da noção de que seja o oposto da realidade; a tríade proposta por Iser revela nessa discussão uma dimensão importante, já que no texto ficcional há muita realidade que não só pode ser identificada como realidade social, mas também de ordem sentimental e emocional. O autor ainda ressalta que essas realidades diversas presentes no texto literário não são ficções e nem passam a ser quando incorporadas na ficção literária. Por outro lado,

também é verdade que essas realidades, ao surgirem no texto ficcional, não se repetem nele por efeito de si mesmas. Se o texto ficcional se refere portanto à realidade sem se esgotar nesta referência, então a repetição é um ato de fingir, pelo qual aparecem finalidades que não pertencem a realidade repetida, nele então emerge um imaginário que se relaciona com a realidade retomada pelo texto. Assim, o ato de fingir ganha a sua marca própria, que é de provocar a repetição no texto da realidade, atribuindo, por meio desta repetição, uma configuração ao imaginário, pela qual a realidade repetida se transforma em signo e o imaginário em efeito (*Vorstellbarkeit*) do que é assim referido.⁶⁰

Em outras palavras, como menciona Brandão (2005), “(...) pode-se afirmar que o fictício é uma realidade que se repete pelo efeito do imaginário, ou que o fictício é a concretização de um imaginário que traduz elementos da realidade.”⁶¹

Ainda nos detendo à reflexão de Iser em *O fictício e o imaginário* (1996), cabe aqui mencionar o que compreendemos de mais precioso em sua reflexão. Segundo o autor, o ato de fingir – o fictício do texto ficcional – é uma transgressão de limites, já que é capaz de transformar em signo a realidade repetida; é possível assim verificar uma transgressão de limites que conduz do difuso ao determinado. O imaginário, elemento difuso, no ato de fingir, é transferido para uma configuração determinada que se impõe ao mundo dado; quando se pensa na vida real figurada em texto literário depara-se com uma irrealização, com uma incompletude; quando se tem o imaginário e seu caráter difuso em favor de uma determinação, depara-se com uma realização desse imaginário (*ein Realwerden*). Nas palavras de Iser:

[o] ato de fingir, como irrealização do real e realização do imaginário, cria simultaneamente um pressuposto central que permite distinguir até que ponto as transgressões de limites que provoca representam a condição para a reformulação do mundo formulado, possibilitam a

⁶⁰ Idem, p. 14.

⁶¹ BRANDÃO, L. A. *Grafias da Identidade – literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina, 2005, p.10.

compreensão de um mundo reformulado e permitem que tal acontecimento seja experimentado.⁶²

A reflexão de Iser, como mencionamos anteriormente, proporciona que seja possível escapar da abordagem que se funda na oposição ficção e realidade no âmbito dos Estudos Literários. Como apontamos anteriormente, as principais correntes intelectuais no âmbito dos Estudos Literários, após a consolidação da Teoria da Literatura, propuseram abordagens que ou privilegiavam o ficcional – concentrando-se no texto literário visto como obra autônoma, e então se restringindo à observação da configuração formal em prol da busca da literariedade – ou a realidade – tomando-se a obra como reflexo do mundo e então interessadas nos conteúdos sociais e históricos que o objeto literário é capaz de veicular.

No que concerne as obras a serem estudadas na presente pesquisa e ainda em diálogo com as reflexões expostas sobre o trabalho de Iser, vale mencionarmos como essa relação tríplice se dá se nos detemos, por exemplo, sobre a cidade de Manaus, presente em quase todas as publicações de Hatoum.

O escritor, nesse sentido, frequentemente questionado sobre fazer uma literatura de cunho regionalista, aponta no artigo “Cinzas que queimam”

que a literatura regionalista já se esgotou há muito tempo. O regionalismo é uma visão muito estreita da geografia, do lugar, da linguagem. É uma camisa de força que encerra valores locais. Minha idéia é penetrar em questões locais, em dramas familiares, e dar um alcance universal para elas.⁶³

Ainda nesse sentido, Hatoum afirma que sua relação com a cidade de Manaus é “atávica e quase mística”⁶⁴. Ele a aponta como uma cidade literariamente interessante, já que a considera uma cidade tanto cosmopolita, graças a imigração e migração ocorrida na cidade – especialmente em vista da zona franca de Manaus –, quanto provinciana, visto que ela possui um isolamento geográfico com relação ao restante das regiões do país. Ademais, segundo o autor, quando se trata de uma província, é possível encontrar-se as anedotas, os eventos escabrosos e as situações dramáticas; a província é vista, nesse sentido, como uma metonímia de um grande teatro.⁶⁵

⁶² ISER, W. *O fictício e o imaginário*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996, p. 15-16.

⁶³ FUNKS, J. Cinzas que queimam. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada E1.13.ago.2005.

⁶⁴ NETTO, I. No inferno de Hatoum. *Rascunho*, 65. set. 2005.

⁶⁵ Considerações feitas pelo autor ainda em entrevista para Folha de S. Paulo. FUNKS, J. Cinzas que queimam. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada E1.13.ago.2005

Compreendemos, segundo os apontamentos expostos, que mesmo que essa cidade possa ser identificada geograficamente e no mundo da vida, essa representação literária não pretende ser um reflexo da Manaus real; pelo contrário, mesmo que o autor considere sua relação atávica com o lugar (e talvez, também por conta disso, a recorrência da presença da cidade em sua obra), ele também a reconhece como uma cidade literariamente interessante, de modo que seja possível penetrar em questões locais que tomem dimensões universais. Talvez aqui, nos valendo mais uma vez das reflexões de Iser, poderíamos dizer que no ato de fingir, revelando o fictício do ficcional, se dê uma irrealização da Manaus real e ao mesmo tempo uma realização do imaginário da cidade.

Nas obras a serem analisadas na presente pesquisa, esse imaginário, ademais, que traduz elementos da realidade, proporciona uma reformulação do mundo formulado, possibilita a compreensão de um mundo reformulado e permite que tal acontecimento seja experimentado.⁶⁶ Entendemos, por fim, que essas questões que podem ser suscitadas através dos objetos literários, e então experimentadas pelo leitor, podem ainda ser trazidas a uma comunidade discursiva como questionadoras do mundo da vida.

Quando se escapa dessa oposição teórica – segundo as reflexões sobre o imaginário de Iser – passa a ser possível conceber uma visada aos Estudos Literários segundo uma perspectiva antropológica ampla. Luis Alberto Brandão partilha com Iser a proposta de que se pense a Literatura

segundo uma perspectiva antropológica ampla, ou seja, como produto humano e simultaneamente definidor do humano. (...) Desse modo, deixa de possuir relevância a discussão sobre a ênfase na forma ou no conteúdo, significante ou significado, materialidade ou mimese, já que a Literatura é entendida como operação que converte a plasticidade humana em texto.⁶⁷

Como Brandão⁶⁸, acreditamos que seja possível devolver aos Estudos Literários a sua importância no debate com outras áreas de conhecimento, já que o texto literário é capaz de

⁶⁶ Nesse sentido, compreendemos que em *Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado* há inúmeros exemplos que se referem a cidade existente, mas que ficcionalizada, segundo a compreensão de Iser, permitem dizer e fazer sentir sobre algo que não há na realidade ou deveria haver, além de, através dessa ficcionalização, ser possível levar questões locais a dimensões universais. Tais exemplos serão apresentados no capítulo “Os espaços da identidade entre cinzas e órfãos” de forma mais detalhada.

⁶⁷ BRANDÃO, L. A. “Breve história do espaço na teoria da literatura”. In: *Cerrados, revista do programa de pós-graduação em Literatura*. UnB, n.19, ano 14, 2005, p. 126

⁶⁸ Segundo Brandão, essa perspectiva antropológica ampla aqui referida não pretende adotar a mirada da antropologia como disciplina constituída, mas propor, segundo a reflexão de pensadores como Wolfgang Iser, uma antropologia literária, já que essa “plasticidade humana” que se manifesta de maneira privilegiada nas artes

suscitar uma reformulação do mundo da vida já formulado, de modo a se poder afirmar, por exemplo, que a ficção “(...) irrealiza a realidade nacional e, simultaneamente, realiza o imaginário nacional”⁶⁹.

Quando Brandão aponta para a Literatura como produto humano e definidor do humano, sua perspectiva coincide com a que assumimos quando tratamos do discurso literário, segundo exposto na “Introdução” da presente pesquisa. Como mencionamos anteriormente, lidamos com o produto de uma comunidade discursiva. Tratamos de um produto que também integra essa comunidade discursiva enquanto voz que se manifesta sobre ela e seus temas; não como algo isolado dessa comunidade ou como um objeto em vias solipsistas, mas sim, como voz ativa de um sujeito integrante de uma comunidade, que fala da mesma e para a mesma. Ademais, esse produto literário, mesmo que possa ser observado como um objeto que fala de si, estabelece também um discurso com outros textos e com outros discursos e comunidades discursivas, trazendo à tona exposições sobre outros assuntos, desencadeando uma teia de associações diversas. O discurso literário, a nosso ver, não se encerra em si mesmo, ele é a chave para o elo com outros universos discursivos, com reflexões mais amplas; ele é visto aqui como uma ponte que proporciona àquele que lê a possibilidade de uma visão de mundo cada vez mais ampla, que abre portas ao pensamento crítico dos sujeitos que integram uma determinada comunidade.

Compreendemos que quando se parte de uma perspectiva no âmbito dos Estudos Literários que escapa das discussões fundadas na oposição ficção e realidade e, em diálogo com Iser (1996) e Brandão (2005), considera-se o mecanismo literário segundo a relação entre o real, o fictício e o imaginário na comunicação literária, e a literatura, portanto, como produto e elemento definidor do humano, torna-se possível discutir o tipo de saber gerado pela literatura, de modo a inserir os Estudos Literários em discussões com outras áreas de conhecimento.

No capítulo “Identidade”, procuramos demonstrar que a noção de identidade não pode fundamentar a si mesma. Como expusemos, a noção de identidade vista como um processo de identificação atrelado à noção de nação e de cultura é algo que se manifesta através de suas grafias, “(...) seja para vir tomada por real, seja para reconhecer-se como

e na literatura é capaz de oferecer uma “auto-interpretação do homem”. In: BRANDÃO, L. A. *Grafias da Identidade – literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina, 2005, p.11.

⁶⁹BRANDÃO, L. A. *Grafias da Identidade – literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina, 2005, p.12. Tal argumento em torno da idéia de que a literatura seja capaz de realizar um imaginário nacional, será ainda discutido no presente capítulo e retomado na Conclusão.

projeção imaginária, ou, ainda, para se explicitar, na auto-exposição de seu caráter de grafia, como realidade imaginada.”⁷⁰ Dessa maneira, consideramos que seja possível apontar, ainda em diálogo com Brandão e Iser, a literatura como um meio privilegiado que figura tais processos de identificação e que ao mesmo tempo colabora para a constituição de um imaginário nacional.

Entendemos, portanto, que, mesmo que a literatura não realize a realidade nacional e não tenha a intenção de se passar por registro da realidade, o fictício literário, segundo a perspectiva aqui apontada, é a concretização de um imaginário que traduz elementos da realidade; e pode, então, ser experimentado e por conseguinte adentrar e agir – discursivamente, comunicativamente – no mundo da vida.

Segundo tal perspectiva, que encontra fundamento em reflexões de Wolfgang Iser e Luis Alberto Brandão, é que procuraremos observar no capítulo subsequente a configuração espacial em *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008). Não adotamos aqui um procedimento de análise que pretende dividir a obra literária em categorias a serem estudadas separadamente. Compreendemos que a obra literária – mesmo que possa ser dividida para fins metodológicos em voz narrativa, tempo, espaço, personagens, entre outras, e então separadamente observada – é fruto de um mecanismo ou um funcionamento que envolve todos esses elementos; é esse campo de operações, funcionando juntamente e sem que haja uma hierarquia, que a nosso ver dá o estatuto privilegiado de plasticidade humana à obra literária.

Entendemos, portanto, que há, como aponta Brandão em sua reflexão sobre o imaginário de Iser,⁷¹ a possibilidade de se decompor o objeto literário em “campos de forças” ou “submecanismos” que se destacam com mais nitidez em algumas obras. Tais “submecanismos”, que podem se referir a diversos níveis e que juntos compõem uma obra literária, podem ser destacados pela sua significância central dentro de uma determinada obra literária. Isso não significa, porém, que um determinado campo de força que se destaca seja o único a ter importância. Ademais, ao adotar tal perspectiva é possível notar, no caso da proposta da presente pesquisa, que a observação do espaço abarca também a sua relação com o tempo, destaca a configuração das personagens e as suas relações entre si, coloca em evidência um confronto entre regimes de espacialidade convencionais e a configuração de

⁷⁰ BRANDÃO, L. A. *Grafias da Identidade – literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro/Belo horizonte: Lamparina, 2005, p.12

⁷¹ Idem, p. 14.

regimes alternativos. Destacar um determinado “submecanismo” em uma obra não significa que outros não possam ser destacados também, de modo que eles estão sempre relacionados nesse mecanismo maior que configura a obra literária. Observar o espaço literário sob essa perspectiva é também evidenciar que um determinado “submecanismo”, como o espaço, é configurado sempre em relação com outros.

É com base nessas observações que destacamos a configuração espacial nas obras de Hatoum a serem analisadas na presente pesquisa. Compreendemos que a configuração espacial nas obras a serem estudadas se oferece como rica fonte para tratarmos de questões que envolvem processos de identificação na contemporaneidade, possibilitando ainda a problematização das noções de cultura e nação, em especial no momento histórico atual. Sob essa perspectiva, entendemos que não é possível isolarmos o espaço e tomá-lo como um mero cenário, ou uma localização que pode ser apenas identificada geograficamente, já que dessa maneira não seria possível problematizarmos questões de cunho não somente literário, mas que perpassam outras áreas de conhecimento.

Gostaríamos também de observar que compreendemos que a obra literária também pode ser reconhecida como texto teórico ou que, ao menos, possui um poder de teorização. Mesmo que ela não tenha a finalidade de ser um texto teórico, ela é capaz de suscitar questionamentos e então configurar alguma forma de saber. Entendemos, nesse sentido, que toda abordagem teórica que será apresentada no presente capítulo voltada para a configuração espacial, seja nos Estudos Literários ou em outras áreas de conhecimento, servirá como interlocutora para uma das possibilidades de interpretação das obras e não para confirmar uma verdade do texto. Em outras palavras, os teóricos selecionados para a nossa discussão não estão a serviço de legitimar uma possível verdade latente nas obras a serem estudadas ou um ponto de vista já pré-concebido, de nossa parte; pelo contrário, os textos manifestadamente teóricos se presentificam em nossa discussão a fim de concretizar parte da teoria difusa existente nas obras. Ademais, em meio a esse diálogo entre as obras selecionadas e os textos manifestadamente teóricos, talvez seja possível apontar a literatura como um objeto que tenha o poder de concretizar possibilidades que a teoria ainda não conseguiu desenvolver. Se, por um lado, um texto apresentado como teórico é capaz de concretizar o que há de difuso no poder teorizador ou na teoria que se configura na obra literária, por outro, a literatura talvez também possa concretizar aquilo que a teoria ainda não conseguiu demonstrar e conceitualizar.

A reflexão teórica exposta até o momento procurou demonstrar como seria possível apontar para uma antropologia literária e então em que medida esta perspectiva poderia

dialogar com a nossa proposta de análise na presente pesquisa. Nesse sentido, é possível notar, ainda no âmbito dos Estudos Literários, que a categoria espaço tem sido tema recorrente de muitos estudos. Segundo Élcio Loureiro Cornelsen, no artigo “O espaço da interdição interdito pela nostalgia e pelo riso: o muro de Berlim e a ‘Alameda do Sol’”⁷², o estudo do espaço nas últimas décadas tornou-se fundamental para a discussão de questões contemporâneas que dizem respeito, por exemplo, à alteridade e à identidade, ao hibridismo, à desterritorialização e à multiculturalidade. Ademais, ele corrobora, que “(...) o espaço é esse conjunto de indicações – concretas ou abstratas – que constitui um sistema variável de relações”⁷³, que podem ser geográficas, históricas, sociais, psicológicas ou ainda discursivas. Ainda nesse sentido e em diálogo com os apontamentos de Santos e Oliveira⁷⁴ (2001), Cornelsen afirma que, ao se criar uma personagem ficcional, situa-se essa personagem relacionada a outros elementos do texto. Dessa maneira, ao situá-la fisicamente cria-se um espaço geográfico; ao situá-la temporalmente um espaço histórico; em relação a outras personagens, um espaço psicológico; em relação à maneira como ela se expressa e é expressada, um espaço da linguagem. Se o estudo do espaço, então, abrange, segundo essa perspectiva, diversos níveis espacializantes, entendemos que só uma perspectiva antropológica ampla pode dar conta de todas essas variáveis.

Segundo a perspectiva até agora apontada, a concepção de espaço literário não é aqui sugerida apenas como um sistema de determinações prévias, mas também como um sistema resultante; entendemos, tratando das obras *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado*, que há uma problematização ao apreender um sentido que é ao mesmo tempo condicionador do espaço e também condicionado por ele; ademais, tal problematização passa a ser fundamental para tratarmos dos processos de identificação nas obras. Brandão aponta, ao observar a obra de Paul Auster e em diálogo com considerações de Hobsbawm (1991)⁷⁵, que

[a] passagem de “Cidade de vidro” sugere que o texto de uma vida, além de cronológico, é topográfico, forja a identidade do indivíduo pelo modo como este se relaciona com o espaço que, em distintos sentidos e medidas, pode considerar seu. Sugere, ainda, que a noção de identidade biográfica existe como recorte na rede de trilhas que compõe a identidade social,

⁷² CORNELSEN, E. L. “O espaço da interdição interdito pela nostalgia e pelo riso: o muro de Berlim e a ‘Alameda do Sol’”. In: *Aletria, revista de estudos de literatura*. UFMG, n.15, jan./jun, ano 2007: 82-97, p. 82.

⁷³ SANTOS; OLIVEIRA *apud* CORNELSEN, 2007: 82.

⁷⁴ SANTOS, L.A.B; OLIVEIRA, S.P de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁷⁵ HOBBSAWM, E. J. *Noções e nacionalismo desde 1780*. Trad. Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 32.

como possibilidade de um espaço próprio que se diferencia, mas que também se insere em um espaço comum, necessariamente compartilhado.

Esse jogo de identificações e diferenciações na modelagem e no gerenciamento do espaço está, também, na base da articulação do imaginário nacional. Não é por acaso que a idéia de nação, pelo fato de se atrelar freqüentemente à corporificação institucional de um Estado, continua a ser associada a território, fronteiras geográficas bem definidas.⁷⁶

É nesse sentido que Brandão, retomando Lefebvre⁷⁷, menciona uma perspectiva que trate a noção do espaço a partir de um prisma tríplice, abarcando as práticas espaciais, as representações do espaço e os espaços de representação.⁷⁸

Diante da afirmação de Brandão, faz-se necessário destacar uma incursão pela área de Geografia, como campo do saber de grande aderência ao diálogo necessariamente interdisciplinar quando se trata do espaço literário.⁷⁹

Quando mencionamos, em um primeiro momento no presente capítulo, a contribuição que uma visada segundo a perspectiva dos Estudos Culturais poderia proporcionar a análise do espaço literário, apontamos também em nota para o *linguistic turn*, expressão inaugurada por Richard M. Rorty em 1967. Por conta dessa ‘virada lingüística’ apontamos também para uma reviravolta que acontece no âmbito dos Estudos Culturais, já que se colocaram em questão pressupostos filosóficos gerais e conferiu-se centralidade à filosofia da linguagem. Tal reviravolta acontece, pois a linguagem, colocando-se a si mesma em evidência como *medium* da veiculação dos argumentos, desconstrói verdades absolutas e destaca o seu contexto concreto de produção; ou ainda, destaca uma realidade que se estrutura pela linguagem. A reviravolta lingüística, de matriz construtivista, considera que a linguagem estrutura a realidade, mais do que a descreve e a representa.

Bachmann-Medick (2009)⁸⁰, ao tratar dessa reviravolta nos Estudos Culturais, aponta que as próprias ciências humanas passam a ser colocadas em questão, de modo que os conceitos de cultura passaram a ser rediscutidos e modificados a partir de abordagens metodológicas específicas. É nesse sentido que a estudiosa das teorias culturais propõe na referida obra um mapeamento de tendências desses estudos e, sobretudo, suas metodologias, algo extensamente discutido nos estudos culturais na atualidade. Para tanto, Bachmann-

⁷⁶ BRANDÃO, L. A. *Grafias da Identidade – literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina, 2005, p. 37.

⁷⁷ LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. 3. Ed. Paris: Anthropos, 1986, p. 42-43, 48-49.

⁷⁸ Idem, p. 40.

⁷⁹ Gostaríamos mais uma vez de destacar a contribuição de Sibebe Paulino nesse momento de nossa reflexão.

⁸⁰ BACHMANN-MEDICK, D. *Cultural turns. Neuorientierungen in den Kulturwissenschaften*. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 2009.

Medick identifica sete *turns* (viradas) que tiveram um significado concreto: *interpretative turn*, *performative turn*, *reflexive/literary turn*, *postcolonial turn*, *translational turn*, *spatial turn* e *iconic turn*. Naturalmente tais tendências não são estanques e são passíveis (até mesmo frutos) de diálogos entre si. Muitas vezes, para a compreensão de um, é preciso a análise de outro. O que nos interessa, porém, na sucinta explanação que propomos por conta dessa incursão na Geografia, é o que Bachmann-Medick aponta como *spatial turn*, que pode ser entendido como uma ‘reviravolta espacial’.

O *spatial turn*, impulsionado como mencionamos pelo *linguistic turn*, encontra sua maior representatividade na geografia cultural, já que a disciplina passou a questionar o dado objetivo a partir da atenção ao sujeito observador e sua linguagem como filtro parcial daquilo que se observa. Os signos, os símbolos e os textos passaram a ser o foco de análise tanto na geografia como também na literatura ou em outras ciências humanas; sobrepujou-se a materialidade e o espaço material, que deixa de ser mero objeto de representação narrativa para ser também o lugar de produção do texto; ao próprio texto, inclusive, dedica-se um lugar mais amplo de discussão, abrangendo problemas sociais e políticos gerais.

Para os Estudos Culturais, ademais, a centralidade do espaço na reflexão significou também uma forma nova de se pensar, marcada pelo espaço como fator metodológico de compreensão da cultura. Segundo Bachmann-Medick⁸¹, o espaço é uma “construção social”, no sentido de que nasce do social e é compreendido a partir das relações sociais, de poder, de dimensões locais ou globais.⁸²

Ainda segundo Bachmann-Medick, a premissa básica que caracteriza o *spatial turn* pode ser bem representada pela seguinte citação⁸³:

[p]ara o spatial turn não é o espaço territorial enquanto container ou recipiente que serve de padrão, mas o espaço enquanto processo de produção social de sua própria percepção, uso e apropriação, intimamente ligado ao nível simbólico da representação espacial (por exemplo, por meio de códigos, sinais e mapas).⁸⁴

⁸¹ Idem, p. 284.

⁸² Essa dinâmica do espaço como resultado de práticas sociais é conseqüência da linha marxista, cujo percussor é Henri Lefebvre. Outros intelectuais que prosseguiram essa espécie de virada geográfica são David Harvey, Edward Soja, Dereck Gregory, Steve Pile e Doreen Massey.

⁸³ Ibidem, p. 292.

⁸⁴ A tradução da seguinte citação foi feita por Sibeles Paulino. “Für den spatial turn wird nicht der territoriale Raum als Container oder Behälter maßgeblich, sondern Raum als gesellschaftlicher Produktionsprozess der Wahrnehmung, Nutzung und Aneignung, eng verknüpft mit der symbolischen Ebene der Raumrepräsentation (etwa durch Codes, Zeichen, Karten).”

Diante desta breve explanação, cabe mencionar aqui que há na geografia cultural o desafio de não considerar o espaço apenas em sua dimensão física e como elemento externo ao contexto social – isto é, há nela o desafio de compreender o espaço como meio, como uma força modeladora da vida social e também como um resultado, um produto das relações sociais.

Entendemos, por fim, que ao colocar a literatura em diálogo com a geografia cultural, e então considerar os desafios dessa disciplina segundo o que Bachmann-Medick aponta como *spatial turn*, seja possível ampliar a possibilidade de estudo do espaço literário, já que concebemos a possibilidade de uma visada interdisciplinar no âmbito dos Estudos Literários.

Segundo a exposição teórica que envolve o *spatial turn* e que concebe o espaço como uma estrutura formadora criada pela sociedade, é possível que se ressalte também o caráter indissociável do vínculo espaço-tempo.⁸⁵ No âmbito dos Estudos Literários, a influência da noção de que espaço e tempo possuem um vínculo indissociável⁸⁶ revela-se explicitamente na obra de Bakhtin, com o termo “cronotopo”.⁸⁷ Nylcéa Pedra, em seu trabalho de mestrado (2003)⁸⁸, aponta que “[é] na teoria do cronotopo que Bakhtin demonstra configurar-se a relação espaço-tempo de uma maneira mais complexa, existindo uma dependência do tempo em relação ao espaço, constituída pela necessidade de aquele objetivar-se neste.”

Essa inter-relação entre espaço e tempo, ou ainda a abordagem do espaço literário associado ao tempo, também pode ser verificada em outros estudos no âmbito dos Estudos Literários. O teórico da literatura Ricardo Gullón inicia a sua reflexão voltada ao estudo do espaço literário em *Espacio y Novela* (1980)⁸⁹ com o subcapítulo “Espacio, tiempo”, onde ele procura observar de forma sucinta o vínculo que se estabelece entre os dois. O autor aponta que até Kant não era possível encontrar uma noção de espaço que pudesse se vincular ao

⁸⁵ Ao admitirmos uma incursão pela Geografia e também esse viés interdisciplinar aos Estudos Literários, vale ressaltar aqui a nova compreensão a respeito de espaço-lugar e espaço-tempo, principalmente depois dos anos 70, que apresentamos no capítulo “Identidade”, de modo que tal reflexão possa contribuir na observação das obras literárias a serem aqui estudadas.

⁸⁶ Essa perspectiva tem como uma de suas principais fontes a teoria da relatividade de Albert Einstein, que propunha um espaço quadrimensional em que o “espaço e o tempo são vistos como unidos em um único continuum, exatamente como antes haviam sido reunidas em um continuum as três dimensões do espaço” (EINSTEIN *apud* BRANDÃO, 2005: 40-41)

⁸⁷ (BAKHTIN *apud* BRANDÃO, 2005: 41)

⁸⁸ PEDRA, N. T. de S. *Espacialidade e personagem: a reconstrução do Ethos em Cipriano Salcedo*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Mestrado em Estudos Literários, Universidade Federal do Paraná, 2003, p. 21.

⁸⁹ GULLÓN, R. *Espacio y Novela*. Barcelona: Antoni Bosch, 1980.

espaço literário, já que, até então, o espaço não era considerado em relação com os objetos ali situados. Kant, segundo Gullón, aponta para um espaço subjetivo e sua relação com as coisas, aproximando-se, então, do modo imaginativo como o poeta enfrenta o problema. É nesse sentido que Gullón aponta o espaço literário como cheio de memórias e esperança, o que de alguma maneira permite personificá-lo, senti-lo como uma realidade cuja consistência varia segundo aquele que a observa e a vive. Para o autor, em diálogo com as reflexões do filósofo britânico Samuel Alexander,

o nosso espaço mental e o nosso espaço contemplado pertencem experiencialmente a um Espaço que em parte é contemplado, em parte gozado. Todos os objetos físicos são apreendidos ali, na relação espacial com nosso próprio espaço mental. Figuras e objetos são e significam, em um contexto espacial, aquilo que impregnam e aquilo de que são impregnados.⁹⁰

Para Gullón, ademais, esse espaço subjetivo também presente na literatura é uma abstração derivada das realidades onde nos movemos; se ela pode ser imaginada é porque pode ser pensada e entendida. É nesse sentido que Gullón examinará ao longo da referida obra diversos tipos de espaço que se configuram em um objeto literário – por exemplo espaço orgânico, espaço perceptivo, espaço do silêncio, espaço da leitura, metáfora como espaço, entre outros.

Parece-nos que ao se associar espaço e tempo, ao se conceber essa inter-relação e, então, observar o espaço literário, seja possível afirmar o estudo da categoria espaço em um objeto literário como rica fonte para se observar questões mais amplas que dialogam com outras áreas de conhecimento. É nesse sentido que Gullón (1980)⁹¹ insiste em que

(...) o espaço abstrato, quando aparece no romance, será tangível, reconhecível, identificável em sua forma e em seu sentido através da palavra que o cria. O espaço puro, simplesmente, não existe. Para ser portátil, como a água e como o tempo, terá que arrastar as impurezas que lhe conferem existência e, sobretudo, essa impregnação de temporalidade que o humaniza.

⁹⁰ “(...) nuestro espacio mental y nuestro espacio contemplado pertenecen experiencialmente a un Espacio que en parte es contemplado, en parte gozado. Todos los objetos físicos son apreendidos allí, en relación espacial con nuestro propio espacio mental. Figuras y objetos son y significan en un contexto espacial al que impregnan y Del que son impregnados.” Idem, p. 1-2 (Tradução minha).

⁹¹ “(...) El espacio abstracto, cuando aparezca en la novela, será tangible, reconocible, identificable en su forma y en su sentido a través y en la palabra que lo crea. El espacio puro, simplemente, no existe. Para ser portable, como el agua y como el tiempo, ha de arrastar las impurezas que le confieren existencia, y, sobre todo, esa impregnación de temporalidad que lo humaniza.” Ibidem, p. 5 (Tradução minha).

Gullón, que entende o espaço literário como prolongação de um campo temporal, apontará, a partir desse pressuposto, o espaço literário como um campo de força. Essa força porém, segundo o teórico, é na verdade uma composição de forças que configura e forma o espaço literário – como a ação das personagens e a relação das mesmas entre si e também o modo como o narrador explora em profundidade essas relações. Gullón compreende, por fim, que o espaço literário, segundo tal perspectiva temporal, é no fundo um conjunto de relações entre os lugares, o meio, as personagens, o narrador e o leitor implícito.

Segundo a compreensão de Gullón na obra referida, que considera as “impurezas” da figuração do espaço em literatura, entendemos, por fim, que seja possível observar o espaço literário de modo a suscitar questões que perpassam diversos níveis, ressaltando o “mecanismo” que figura o objeto literário. Tomando-se tal ponto de partida, não seria possível separar a obra em categorias isoladas e estudá-las separadamente, o que colabora para uma visada aos Estudos Literários sob uma perspectiva antropológica ampla.

Ainda nos detendo às reflexões que se voltam dentro dos Estudos Literários para a configuração espacial, gostaríamos de destacar a obra *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976), de Osman Lins⁹². Nesse estudo o autor, escritor brasileiro que dispensa apresentação, propõe alguns conceitos-chave para a abordagem da categoria espaço na Literatura, de modo que seja possível demonstrar algumas possibilidades de sua configuração na obra e também a sua importância na narrativa.

Lins aponta, em sua reflexão, que o *espaço*, em um objeto literário, se vincula a experiência do leitor e que a *ambientação* expressa o conhecimento da arte da narrativa, ou ainda como se dá a configuração espacial intencionalmente pelo autor. Nesse sentido, Lins se concentra na referida obra em demonstrar como se dão três tipos de *ambientação*: a *ambientação franca* – sem a influência do narrador ou da personagem –, a *ambientação reflexa* – proporcionada pela personagem ou pelo narrador, normalmente em terceira pessoa, de modo que através da descrição se transmite os sentimentos da personagem – e a *ambientação oblíqua* ou *dissimulada* – que exige uma personagem ativa, onde os atos da personagem fazem surgir aquilo que a cerca. No presente capítulo, no entanto, não nos deteremos em demonstrar tal conceitualização proposta por Lins de forma mais detalhada. Não nos fixaremos a uma categorização dos espaços sob um viés metodológico determinado para desenvolvermos as análises propostas dos romances de Hatoum. Interessa-nos, sim, na

⁹² LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

reflexão de Lins, o fato de que também ele aponta para a dificuldade, ou como menciona, para a “irresponsabilidade mais grave” de se propor observar o espaço sem que se considere o tempo. Lins, apesar de não discorrer sobre essa problematização como faz Gullón, aponta claramente que tempo e espaço são na narrativa indissociáveis. Ademais, e aqui compreendido como reflexão de grande importância, ele aponta que o texto literário deve ser concebido quando analisado já a priori como um objeto compacto e inextricável, onde todos os seus fios se enlaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros. Nesse sentido, o autor deixa claro que, mesmo que se proponha estudar o espaço literário, ele se distancia das abordagens que catalogam a criação literária, que a encerram em um diagrama; algo que ele aponta como acadêmico e esterilizante, senão estéril.⁹³

Antes de desenvolver seus conceitos-chave como proposta de análise do espaço literário que se ligam ao conhecimento da arte da narrativa, ou que fazem transparecer os recursos do autor ao tratar do espaço literário, Lins aponta para a diferença entre *espaço* e *atmosfera*. Para o autor, a *atmosfera* é algo que se revela quase sempre através do *espaço* e não se confunde com este, já que se caracteriza abstratamente – através de angústias, alegrias, exaltações, entre outras. Em outras palavras, é possível apontar a *atmosfera* de Lins como algo subjetivo que, recorrentemente através do *espaço*, é capaz de fazer transparecer revelações importantes na narrativa. Ademais, como ele aponta, é possível ainda encontrar casos em que o *espaço* se justifica exatamente pela *atmosfera* que provoca. Compreendemos, segundo o que expusemos até agora, que quando Lins trata da *atmosfera*, ele aponta novamente para sua compreensão de que o texto literário é fruto de um enlaçamento de fios, onde cada um deles pode refletir inúmeros outros. Talvez seja essa a grande contribuição de Lins para o estudo da categoria espaço na presente pesquisa: ele compreende que a configuração espacial no âmbito dos Estudos Literários é algo que não deve ser visto separadamente ou apenas como um cenário ou pano de fundo para o enredo. Considera, portanto, a tecibilidade do texto, ou seja, o objeto literário como resultado de um conjunto de categorias que se relacionam entre si, entendidas aqui como, por exemplo, voz narrativa, espaço, tempo, personagens, o que coloca abaixo um possível sistema de hierarquia que considera uma ou outra categoria como mais relevante na narrativa.

Outra obra que tem como principal tema de reflexão o espaço literário é *A poética do espaço* (2008)⁹⁴, do filósofo, epistemólogo e crítico literário Gaston Bachelard. Em tal obra,

⁹³ Idem, p. 62.

⁹⁴ BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

publicada pela primeira vez na França em 1957, Bachelard demonstra uma determinação fenomenológica⁹⁵ das imagens poéticas, estudando-as fora de toda tentativa de interpretação pessoal. Ademais, o autor aponta que

[p]ara esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética, é preciso chegar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade.⁹⁶

Bachelard aponta, nesse sentido, que há uma transjetividade da imagem que não poderia ser compreendida, em sua essência, apenas através de referências objetivas. Dessa forma, segundo o autor, somente a fenomenologia, que considera o início da imagem numa consciência individual e também que a vê como algo que vem antes do pensamento, poderia ajudar a reconstituir a subjetividade das imagens e medir a sua amplitude, força e transjetividade. Ele afirma, porém, que essas subjetividades e transjetividades não podem ser determinadas definitivamente, já que a imagem poética é essencialmente variacional e não constitutiva.

Vale ressaltar que Bachelard propõe uma análise das imagens do espaço feliz e, segundo essa perspectiva, dá o nome “topofilia” às suas investigações. Nesse sentido, ele procura determinar o valor humano dos espaços de possessão, dos espaços defendidos de forças adversas e dos espaços amados. É importante notar que, segundo a reflexão de Bachelard, vinculam-se a esses espaços valores imaginados postos como dominantes, o que ressalta as possibilidades criativas da imagem e sua influência, não com relação as percepções do leitor, mas que são inerentes ao texto.

É segundo essa perspectiva, observada aqui de forma bastante sucinta, que Bachelard dedicará sua obra à observação das imagens da intimidade – detendo-se ao problema poético da casa –, das imagens que considera como a casa das coisas – como gavetas, cofres e armários –, das imagens que, para se habitar, exigem que nos façamos pequenos – como os ninhos e as conchas –, da dialética do pequeno e do grande, sob o signo da Miniatura e da

⁹⁵ Bachelard aponta que “quando (...) tivermos de mencionar a relação entre uma imagem poética nova e um arquétipo adormecido no fundo do inconsciente, será necessário explicar que essa relação não é propriamente *causal*.” Nesse sentido, ele se apoiará no inverso da causalidade e, então, na *repercussão* estudada por Minkowski, para que se encontre as verdadeiras medidas do ser de uma imagem poética. Ele aponta ainda que é nessa repercussão que a imagem poética terá uma sonoridade do ser. Para que determine, então, esse ser de uma imagem, Bachelard afirma que terá que sentir sua repercussão no estilo da fenomenologia de Minkowski. (MINKOWSKI *apud* BACHELARD, 2008:2)

⁹⁶ *Idem*, p. 2.

Imensidão – tentando provar que a impressão de imensidão está em nós e que ela não está necessariamente ligada a um objeto⁹⁷ – e, por fim, a fenomenologia do redondo. Esta última procura encontrar imagens desse redondo que se afastem da evidência geométrica – a partir de uma espécie de intimidade do redondo –, que sejam diretas e que não constituam simples metáforas, o que faz com que se possa denunciar o intelectualismo da metáfora, já que pretende mostrar a atividade própria da imaginação pura.

Mesmo que não adotemos em nossa pesquisa uma perspectiva metodológica segundo a reflexão de Bachelard em *A poética do espaço*, compreendemos que essa visão fenomenológica do entorno em textos literários revela-se um ponto de partida fértil para a abordagem e análise do espaço em literatura enquanto verbalização da experiência de percepção. É nesse sentido que Soethe (2007)⁹⁸ aponta que

[o] papel central da visão dos objetos para o sujeito perceptivo em meio ao espaço é contemplado nas obras literárias com a descrição do entorno, figuras humanas e objetos com os quais se defrontam as personagens. Pois o que fundamenta a conformação ficcional da percepção do espaço por elas é a descrição da forma visual como limite que delinea e separa corpos e objetos do meio entre si, ou seja, a reordenação imaginária, pela linguagem, do traçado, textura, volumes e cores das coisas e paisagens percebidas.

Ainda em diálogo com a observação de Soethe é que se poderia afirmar que esse esforço em se compreender uma determinação fenomenológica das imagens poéticas passa pelo que Max Frisch chama de “uma espécie de limite sonante”, uma “superfície imaterial, que existe apenas para o espírito e não na natureza, na qual também inexistente o traço entre a montanha e o céu”.⁹⁹ Parece-nos que as considerações de Soethe em diálogo com Frisch, podem ainda dialogar com as considerações apresentadas aqui de maneira sucinta a respeito da reflexão proposta por Bachelard em *A poética do espaço*, já que para este a imagem poética emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade.

Compreendemos, por fim, que esse processo paciente e desejoso de chegar ao significado mais íntimo da imagem poética se faz profícuo no âmbito dos Estudos Literários à medida que consegue demonstrar uma poética do espaço e sua força configurada em texto.

⁹⁷ Ao tratar de tal dialética, Bachelard aponta para o movimento pendular do ser humano. Entende-se que a medida que esse movimento se produz no tempo ele se converte em uma vida que é vai e vem, um incessante ir e vir, ao menos na imaginação, de um a outro.

⁹⁸ SOETHE, P. “Espaço literário, percepção e perspectiva”. In: *Aletria, revista de estudos de literatura*. UFMG, n.15, jan./jun, ano 2007: 221-229, p. 222.

⁹⁹ MAX FRISCH *apud* SOETHE, 2007, p. 223.

Outro trabalho que nos parece significativo para a reflexão proposta no presente capítulo, enfim, é a obra *Espaços da Recordação – Formas e transformações da memória cultural*¹⁰⁰, da teórica da literatura e dos Estudos Culturais Aleida Assmann. Em tal reflexão, a autora procura revigorar o estudo sobre a noção de memória, explorando, além da função mnemônica ordenadora do conhecimento, algo sobre a variedade de funções da memória, o que está fundamentalmente relacionado a aspectos de central interesse no seu trabalho, como a lembrança e a identidade.

Mesmo que a obra de Assmann não esteja voltada especificamente ao estudo do espaço no âmbito dos Estudos Literários – ainda que ela recorra a inúmeros exemplos literários, dado ser professora de Literatura de Língua Inglesa na Universidade de Constança – parece-nos de grande valia considerarmos tais apontamentos de sua reflexão no sentido de que os elementos destacados pela autora também são os que ganham destaque na figuração literária; o texto literário assume, assim, valor e substância cognitiva que se aproxima da reflexão teórica. Compreendemos, ademais, que à medida que a autora agrega à noção de espaço, visto como uma localização, a problematização da noção de memória¹⁰¹, ela proporciona uma dimensão ampla e diversa à compreensão que se faz de “local”. Acreditamos, nesse sentido, que ao considerarmos o estudo do espaço literário segundo uma “perspectiva antropológica ampla”, seja possível nos servir da reflexão de Aleida Assmann de maneira produtiva em nosso trabalho de pesquisa.

O que nos interessa em especial na obra de Assmann é o que se desenvolve no capítulo “Locais”. No referido capítulo, a autora parte do princípio de que há duas maneiras de se entender a “memória dos locais”:

Quem fala da “memória dos locais” serve-se de uma formulação que é tão confortável quanto sugestiva. A expressão é confortável porque deixa em aberto tratar-se aqui ou de um *genetivus objectivus*, uma memória sobre os locais, ou de um *genetivus subjectivus*, isto é, uma memória que está, por si só, sediada nos locais. E a expressão é sugestiva, porque

¹⁰⁰ ASSMANN, A. *Erinnerungsräume – Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*. München: C.H. Beck München, 1999.

A tradução para o português da referida obra será publicada ainda esse ano pela Editora UNICAMP sob o título *Espaços da Recordação – Formas e transformações da memória cultural*. O trabalho de tradução dessa obra foi realizado em conjunto por Daniel Martineschen, Natasha Silva, Fernanda Boarin Boechat, William Haack (contando com o auxílio de Gabrielle de Lima Farah e Marluce Alessandra Peron Garcia quanto à indicação e compilação de citações já disponíveis em tradução brasileira) e coordenado pelo Prof. Paulo Astor Soethe, que se responsabilizou pela revisão e adequação dos textos.

A parte da obra que será referida na presente pesquisa se concentra em especial na reflexão de Assmann desenvolvida no capítulo “Orte” ou, em português, “Locais”, traduzido por mim.

¹⁰¹ Quando se considera a memória agregada ao local, compreendemos que a noção de tempo deve ser também impreterivelmente considerada.

aponta para a possibilidade de que os locais possam se tornar sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos. A força sugestiva dessa opacidade é um bom ponto de partida para investigar-se (...) o que a “memória dos locais” guarda em si.¹⁰²

Tendo essa *opacidade* como ponto de partida para sua investigação, ela desenvolverá ao longo do capítulo o que chama de *locais das gerações*, *locais honoríficos*, *locais da lembrança* e *locais traumáticos*, e tentará demonstrar como a força de ligação dos lugares pode ser fundida de modo muito diferenciado. No caso dos *locais das gerações* essas ligações, segundo Assmann, pousam em uma cadeia de parentesco e falecidos, nos *locais honoríficos* em uma narrativa produzida e consagrada novamente depois de uma ruptura, nos *locais da lembrança* em um interesse puro de antiquário histórico, e nos *locais traumáticos* em uma ferida que não quer cicatrizar.

Ainda no referido capítulo, antes que Assmann se detenha especificamente em sua reflexão sobre esses diferentes *locais*, ela aponta para a reflexão de Goethe a respeito dos objetos simbólicos. Segundo Goethe, esses objetos simbólicos são “objetos felizes” que ao serem observados devem gerar determinadas sensibilidades; desse modo, tais objetos não recebem do observador os significados que contêm, mas são significantes por si mesmos. Goethe aponta dois exemplos de objetos simbólicos que parecem ter algo com a memória: “a imediação onde eu moro” e “o espaço da casa, do quintal e jardim do meu avô”.¹⁰³ Segundo Assmann, valendo-se das observações de Goethe, esses dois locais corporificam para o observador uma memória de que ele participa como indivíduo, mas que, na verdade, transcende-o amplamente. Em tais locais, a memória desse indivíduo que observa amplia-se em direção à memória da família; essa esfera de vida do indivíduo, então, se cruza com a daqueles que integram aquela esfera de vida, mas já não estão mais ali. Em ambos os locais há uma recordação individual que se dilui em uma recordação geral. Esse exemplo mais específico, que trata da memória familiar, pode ser levado a uma reflexão mais ampla, já que os espaços, em geral, podem ser explorados na horizontal – e então descobertos e urbanizados – e também na vertical – onde se procura descobrir suas profundezas simbólicas. É nesse sentido que

¹⁰² Idem, p. 298.

¹⁰³ Talvez aqui seja possível traçar um paralelo entre a teoria dos símbolos de Goethe e a abordagem fenomenológica que Bachelard adota em *Poética do Espaço*.

[e]spaços, no sentido de “países e regiões conhecidas”, são analisados, mensurados, colonizados, anexados, ligados uns aos outros; locais, todavia, nos quais se pode ir a fundo “quando se esteja em cada lugar, a cada momento” ainda conservam um segredo. Enquanto “espaço” se tornou uma categoria neutralizada e dessemiotizada de disponibilidade e desempenho de um papel, a atenção volta-se para o “local” com sua significação inespecífica e cheia de segredos.¹⁰⁴

Por outro lado, ainda nos valendo da reflexão exposta sobre o trabalho de Assmann, entendemos que ao analisar esses “locais” deve-se também considerar uma perspectiva que se aproxima daquela assumida pelos Estudos Culturais, de modo que seja inevitável, então, considerar os meios culturais e técnicos de memória. Valendo-se da reflexão dos semióticos culturais russos Iuri Lotman e Boris Uspenski, da escola de Tartu, Assmann aponta que eles definiram a cultura como “memória não-herdável da coletividade” e com isso apontaram para uma dependência que a memória cultural tem de certas práticas e mídias¹⁰⁵.

Tal apontamento por Assmann, parece, a nosso ver, ir ao encontro da reflexão de Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas* (2008). Segundo o autor, como mencionamos anteriormente no capítulo “Identidade”, para se imaginar um nós coletivo e então poder reconhecer em uma nação ou em uma cultura elementos que caracterizam toda uma comunidade, faz-se uso, em especial, de dois instrumentos: a língua e a história – que passam a ser tomados como dados essenciais e naturais e que pouco podem vir a ser questionados.

Em vista das obras que pretendemos analisar em nosso trabalho de pesquisa, e então considerando que são obras contemporâneas que tratam de sujeitos ficcionais também inseridos no contexto histórico atual, gostaríamos ainda de destacar uma última observação na reflexão de Assmann. Quando a autora trata dos *locais das gerações* e então de uma consciência da tradição, cujas culturas estão vinculadas aos locais, ela aponta que na modernização, ao contrário, há uma consciência móvel, livre de poderes e forças ligadas a locais fixos. Assmann afirma ainda, que a força vinculativa dos locais carregados de recordação é substituída por um espaço neutro, por uma dimensão livre da disposição humana sobre ele. Dialogando com tal observação de Assmann, gostaríamos de expor de forma

¹⁰⁴ ASSMANN, A. *Erinnerungsräume – Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*. München: C.H. Beck München, 1999, p. 300.

¹⁰⁵ Idem, p. 19. É com base nesse entendimento que Assmann dedicará toda a segunda parte de seu trabalho às mídias que fundamentam e flanqueiam a memória cultural como suportes materiais dela, o que interage com a memória individual de cada um.

sucinta, para encerrar este capítulo, a reflexão desenvolvida pelo antropólogo Marc Augé na obra *Não-lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade* (2007)¹⁰⁶.

Segundo Augé,

[s]e um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelaíriana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares da memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico. Um mundo onde se nasce em numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam, em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (...) um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero, propõe ao antropólogo, como aos outros, um objeto novo cujas dimensões inéditas convém calcular antes de se perguntar a que olhar ele está sujeito.¹⁰⁷

Esse não-lugar, então segundo a reflexão do autor, que estaria desprovido de um vínculo com o identitário, com o relacional e com o histórico, seria algo que se produz cada vez mais na realidade contemporânea.¹⁰⁸ Ademais, esses não-lugares, segundo Augé, poderiam ser bem representados pelas rodoviárias, ferroviárias, aeroportos, grandes cadeias de hotéis e parques de lazer; espaços onde o indivíduo só encontraria sua identidade no controle da alfândega, no pedágio ou na caixa registradora. Nesse sentido, Augé aponta que “(...) o não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude.”¹⁰⁹ O não-lugar seria ainda o contrário da idéia de utopia, pois ele existe e ao mesmo tempo não abriga sociedade orgânica alguma.

Por outro lado, aponta Augé, que tanto o lugar como o não-lugar se misturam e se interpenetram. É nesse sentido que o autor afirma que na supermodernidade sempre se está e nunca se está em casa, já que palavras e imagens, encontradas pelo indivíduos nesses não-lugares, podem retomar a raiz que se encontra onde os indivíduos tentam construir uma parte do seu cotidiano.

¹⁰⁶ AUGÉ, M. *Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994

¹⁰⁷ Idem, p. 74.

¹⁰⁸ Na modernidade da paisagem baudelaíriana, segundo Augé, tudo se mistura e tudo se mantém. O que o espectador da modernidade contempla é a junção do antigo e do novo. Já no caso da supermodernidade, o antigo vira espetáculo. A história e o exotismo são exprimidas nos catálogos de viagens. Nos não-lugares sempre há uma vitrine ou um cartaz para apontar “curiosidades” e tais curiosidades não operam síntese alguma, não integram nada, somente permitem, no tempo de um percurso, a coexistência de realidades distintas e indiferentes umas às outras.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 95.

Esse não-lugar, ademais, é apontado por Augé como bem representado pelo espaço do viajante. Segundo o autor,

[o] movimento acrescenta à coexistência dos mundos e à experiência combinada do lugar antropológico e daquele que não o é mais (...). [A] experiência particular de uma forma de solidão e, em sentido literal, de uma “tomada de posição” – experiência daquele que, diante da paisagem que é obrigado a contemplar e que não pode contemplar, “toma a posse” e tira da consciência dessa atitude um prazer raro e, às vezes melancólico. Portanto não é de se espantar que seja entre os “viajantes” solitários do século passado, não os viajantes profissionais ou os cientistas, mas os viajantes acidentais, de pretexto ou de ocasião, que estejam aptos a encontrar a evocação profética do espaço, onde nem a identidade, nem a relação, nem a história fazem realmente sentido, onde a solidão é sentida como superação ou esvaziamento da individualidade, onde só o movimento das imagens deixa entrever, por instantes, àquele que as olha fugir, a hipótese de um passado e a possibilidade de um futuro.¹¹⁰

A citação acima esclarece como a supermodernidade poderia impor às consciências individuais novas experiências e vivências de solidão¹¹¹; o não-lugar, como observamos anteriormente em diálogo com Augé, aponta para um espaço que se constitui a certos fins – como o transporte, comércio e lazer – e ao mesmo tempo provoca uma nova relação entre o indivíduo e o espaço.

Com relação à produção dos não-lugares na supermodernidade ou ainda aos espaços neutros sem a disposição humana sobre eles, tanto a reflexão de Augé como a de Assmann – que não estão voltadas ao âmbito dos Estudos Literários –, parecem-nos elucidar elementos figurados nas obras a serem aqui estudadas. Notamos, portanto, que as obras literárias assumem um valor e uma substância cognitiva que se aproxima à da reflexão teórica dos dois autores. Tais apontamentos, a nosso ver, podem ser bem representados pela presença do porto¹¹², tanto em *Cinzas do Norte* como em *Órfãos do Eldorado*.

A presença do porto – um lugar de passagem, onde ora se chega, ora se vai, onde ora se encontra, ora se despede; onde não se cria vínculos e raízes – poderia figurar nas obras

¹¹⁰ Ibidem, p. 81-82.

¹¹¹ Talvez, após a leitura da reflexão de Augé a respeito dos não-lugares, seja possível traçar um paralelo com o “Terceiro Espaço” de Bhabha que mencionamos em “Identidade”.

¹¹² É certo que o porto, presente nas duas obras de Hatoum, pode também ser visto como um lugar antropológico, como quando a personagem Mundo de *Cinzas do Norte* reconhece no porto de Londres cheiros que o remetem a sua terra natal.

Contudo é possível também identificá-lo na narrativa como um “não-lugar”, segundo Augé, como no momento em que a personagem Arminto de *Órfãos do Eldorado* vai morar na pensão *Cosmopolita*, que tem vista para o porto de Manaus, momento da narrativa em que a personagem vê o porto como um lugar de passagem, como um lugar de trânsito, uma possibilidade de saída e chegada.

Outros exemplos presentes nas obras serão apresentados mais detalhadamente no capítulo “Os espaços da identidade entre cinzas e órfãos”.

literárias essa situação de passagem, ou ainda remeter a essa busca incessante das personagens por um novo lugar e também para a sugestão da figuração de um não-lugar ou lugar neutro nas obras literárias. Esse lugar de passagem, ademais, parece-nos um lugar que pode ser tomado como um “Zwischenwelt” ou “entre-mundo”, como menciona Ottmar Ette (2005)¹¹³ quando descreve um jovem homem que pára nas margens de um porto e contempla a paisagem: “O silêncio ilude: o instante do olhar é um entre mundo, uma virada de um tempo histórico se aproxima.”¹¹⁴

No presente capítulo, dedicado ao espaço literário, procuramos demonstrar a possibilidade de se pensar em literatura segundo uma perspectiva antropológica ampla, de modo que seja possível não somente investigar como se dá a configuração espacial no texto em si, como também considerá-la como “plasticidade humana”, como produtora e definidora do humano. Tal abordagem, a nosso ver, permite um diálogo mais amplo entre a Literatura e outras disciplinas, o que também poderia ser capaz de devolver aos Estudos Literários a sua importância no grande debate do conhecimento humano, já que concebe a literatura como produtora de um saber, como *medium* privilegiado para se figurar questões que podem perpassar por diversas áreas de conhecimento.

Compreendemos que as obras *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado* de Milton Hatoum – como já mencionamos anteriormente – sejam uma rica fonte para se tratar a configuração do espaço literário, já que esse “submecanismo”, como aponta Brandão, parece-nos se destacar com nitidez nas obras. Entendemos, como mencionamos na “Introdução” de nossa pesquisa, que essa configuração espacial se revela em especial, através da linguagem, segundo as percepções das personagens ficcionais presentes nas narrativas.

Esse espaço que, como procuramos demonstrar, não será analisado apenas como pano de fundo dos enredos e sim como um elemento carregado de significação, é um espaço vivido; essa configuração espacial pode mais do que ser localizada geograficamente, ela é reveladora de problemáticas humanas que se estabelecem na partilha de um lugar comum. Ao partirmos desse entendimento, acreditamos, ademais, que seja possível – considerando que tratamos de obras contemporâneas, onde os enredos também são postos nesse contexto histórico atual – observar na figuração literária questões que problematizam processos de identificação na contemporaneidade, abarcando, como demonstramos no capítulo

¹¹³ ETTE, O. *ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2005, p. 9.

¹¹⁴ “Die Stille trägt: Der Augen-Blick ist Zwischenwelt, eine historische Zeitenwende steht bevor.” (minha tradução)

“Identidade”, questões que dialogam com as noções de cultura e nação. É, então, nesse sentido, que propomos um espaço da identidade; um “Espaço literário” revelador de questões sobre “Identidade”.

No capítulo que segue, “Os espaços da identidade entre cinzas e órfãos”, procuraremos apontar como se dá a configuração espacial nas obras literárias estudadas, fazendo nelas um mapeamento de aspectos do espaço literário configurado através da linguagem e nos servindo da reflexão posta no primeiro e segundo capítulo do presente trabalho.

Após o capítulo de análises, nós nos serviremos ainda de toda a reflexão posta anteriormente e tentaremos demonstrar que há ainda nas obras questões que tratam, por exemplo, da relação entre a metrópole e a província, e também de uma possível confrontação entre o espaço histórico e mítico, evidenciada especialmente em *Órfãos do Eldorado*. Ademais, ainda como fechamento de nosso trabalho, procuraremos demonstrar como se dá nas obras aqui analisadas essa configuração de um saber, que devolve a Literatura ao amplo debate do conhecimento humano.

3. Os espaços da identidade entre cinzas e órfãos

3.1 O autor e as obras

No presente capítulo, servindo-nos da reflexão exposta em “Identidade” e “Espaço literário”, abordaremos a configuração espacial dos romances *Cinzas do Norte* (2005) e *Órfãos do Eldorado* (2008). Antes de nos determos aos romances, porém, gostaríamos de apresentar primeiramente o autor e sua obra. Nesse momento introdutório, procuraremos dialogar com parte da fortuna crítica sobre a produção de Milton Hatoum que se encontra em artigos de jornais e entrevistas concedidas pelo escritor.

O escritor manauense Milton Hatoum, nascido em 1952 e filho de um imigrante libanês e uma brasileira do Amazonas, é hoje um dos grandes nomes da literatura contemporânea brasileira e também reconhecido mundialmente graças a sua premiada produção literária.

Antes de se estabelecer como escritor, Hatoum, ainda adolescente, mudou-se de Manaus para Brasília, onde frequentou o Ciem, Escola de Ensino Médio da UnB. Após presenciar muitas das invasões na universidade na época da ditadura, ele se muda para São Paulo, nos anos 70, e cursa Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo. Nessa mesma época, Hatoum editava com os amigos a revista de poesia “Poetação”, traduzindo poemas franceses e ingleses. Hatoum viveu nos anos 80 na Espanha, onde foi bolsista do Instituto Iberoamericano de Cooperación e antes de voltar para sua terra natal, onde foi professor de língua e literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas, o escritor morou ainda na França, onde concluiu o mestrado em Literatura Comparada na Universidade de Paris III. Hatoum, quando ainda integrado à carreira acadêmica, foi também professor visitante na Universidade de Berkeley na Califórnia e hoje, afastado da academia, dedica-se exclusivamente à carreira de escritor.¹¹⁵

Milton Hatoum, aos 37 anos, publicou seu primeiro romance, *Relato de um Certo Oriente* (1989), e, por ele, recebeu o prêmio Jabuti de melhor romance. Em 2000, com o lançamento do romance *Dois irmãos* e, em 2005, com o romance *Cinzas do Norte*, o autor recebe mais duas vezes a nomeação de melhor romance com o prêmio Jabuti. *Cinzas do Norte*

¹¹⁵ Em paralelo à carreira de escritor, Hatoum é também colunista do Estado de S. Paulo e do Terra Magazine.

recebeu ainda em 2006 o prêmio Portugal Telecom de Literatura, o prêmio APCA e também o Bravo!, o que colaborou para que o autor tivesse uma visibilidade ainda maior internacionalmente. Após a publicação dos três primeiros romances, Hatoum lançou ainda *Órfãos do Eldorado* em 2008, incluso na Coleção Myths da editora escocesa Canongate, e, em 2009, a coletânea de contos *A cidade Ilhada* – composta por seis contos inéditos e outros oito que já haviam sido publicados em jornais e revistas no Brasil e/ou no exterior e foram reescritos para a inclusão na sua última publicação.

Nas obras de Hatoum tem-se quase sempre presente a cidade de Manaus, a presença da floresta e de descrições da região e cultura do estado do Amazonas. Nesse sentido, encontra-se com frequência, na fortuna crítica sobre o trabalho do escritor presente em revistas e jornais, um questionamento sobre se pretende fazer uma literatura de cunho regionalista. No artigo “Cinzas que queimam”¹¹⁶ para Folha de S. Paulo, onde o escritor concede uma entrevista, ele afirma

que a literatura regionalista já se esgotou há muito tempo. O regionalismo é uma visão muito estreita da geografia, do lugar, da linguagem. É uma camisa de força que encerra valores locais. Minha idéia é penetrar em questões locais, em dramas familiares, e dar um alcance universal para elas.

Apesar de Hatoum afirmar sua relação “atávica e quase mística”¹¹⁷ com a cidade de Manaus, segundo mencionamos acima, ele a aponta como uma cidade literariamente interessante, já que a considera tanto uma cidade cosmopolita, graças a imigração e migração na cidade, como provinciana, visto que ela possui um isolamento geográfico com relação ao restante das regiões do país. Segundo o autor, quando se trata de uma província, é possível encontrar as anedotas, os eventos escabrosos e as situações dramáticas; a província é vista, nesse sentido, como uma metonímia de um grande teatro.

Além das questões que giram em torno da idéia de regionalismo na obra de Milton Hatoum, é notória a presença do imigrante, de questões históricas e também religiosas, em especial nos dois primeiros romances do escritor.

Em *Relato de um Certo Oriente*, romance que se constrói em uma sobreposição de vozes narrativas, tem-se uma narradora que vai em busca de sua identidade na cidade imaginária de sua infância, Manaus, em uma família de origem libanesa. Quando se depara

¹¹⁶FUNKS, J. Cinzas que queimam. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada E1.13.ago.2005.

¹¹⁷NETTO, I. No inferno de Hatoum. *Rascunho*, 65. set. 2005.

com esse lugar, a narradora descobre que a matriarca da família, a personagem Emilie, havia morrido, e começa, então, a retomar as raízes do seu passado através da memória. Nessa busca, a personagem narradora retoma várias vozes dessa história que se entrelaçam, de modo que se retoma a história através do outro. No primeiro romance de Hatoum, Manaus é terra estrangeira, habitada por imigrantes que vieram tentar a vida no novo mundo, retratando, em muitos momentos da narrativa, um inventário de perdas e separações, cujo resgate se dá pela escritura.

Em *Dois Irmãos*, segundo romance do escritor após 11 anos da publicação de *Relato de um Certo Oriente*, o enredo se passa entre o período da segunda guerra até os anos da ditadura militar no Brasil. No segundo romance de Hatoum, cujas personagens principais ainda são descendentes de libaneses, a narrativa, que gira em torno das peripécias de dois irmãos gêmeos mas opostos no que se trata de personalidade, tem como pano de fundo as mudanças que a cidade de Manaus sofre nesse momento histórico – como as privações na cidade decadente durante a guerra, a fundação de Brasília, a ocupação da cidade pelos militares, a repressão e a violência, o progresso duvidoso e desigual. Ademais, a relação dos irmãos ainda problematizará a desigualdade entre as regiões sudeste e norte, bem representadas por Yaqub – que vai morar na fria e desenvolvida São Paulo e se formar engenheiro com forte ligação com os militares – e Omar – que permanece no calor de Manaus, protegido especialmente pela mãe, vivendo na boemia e as custas da família. É interessante notar que em *Dois Irmãos* – diferentemente do primeiro romance do escritor que talvez coloque no centro da narrativa questões em torno da posição do imigrante e da reconstituição da memória – as questões de cunho histórico-político ganham força, de modo que “(..) a visada política não é direta, explícita, mas assume a via indireta, que é a da literatura”¹¹⁸.

Já em *Cinzas do Norte*, o foco da narrativa na ditadura militar parece ter perdido um pouco o relevo se comparado a *Dois irmãos*. Apesar do enredo se desenvolver entre os anos 50 e 80, ainda nesse período da ditadura, o terceiro romance de Hatoum se desenvolve principalmente em torno do conflito entre pai e filho, o que pode também ser entendido como o conflito entre a liberdade e a opressão. Como o próprio autor aponta em entrevista para O Globo, “[n]o fundo quis contar um pouco da história da minha geração e uma pouco dessa divisão, quase esquizofrênica, entre querer ficar na província e sair dela, partir para o

¹¹⁸ PERRONE-MOISÉS, L. A cidade flutuante. *Folha de S. Paulo*. 12.ago.2000, p.7

mundo.”¹¹⁹ Esse impasse entre ficar ou sair, se revela em especial com relação a personagem Mundo, que vive o conflito com o pai e procura uma ruptura, e Lavo, órfão e melhor amigo de Mundo que não pretende sair de Manaus.

O autor que acredita “(...) no romance como uma forma sólida de leitura complexa das questões humanas”¹²⁰, deixa de fora os imigrantes árabes em *Cinzas do Norte*, mas os narradores e personagens em busca de um lugar ainda se mantêm no enredo. Lavo – narrador personagem órfão que vive como agregado na casa dos tios, que vive um entre-lugar, o seu e o dos outros – torna-se um advogado medíocre em Manaus, e Mundo – seu melhor amigo que busca a ruptura – parte para um nomadismo de um auto-exilado. Hatoum menciona ainda em entrevista¹²¹ que

abandonar o seu lugar é uma ruptura, mas permanecer pode ser um problema. Daí a epígrafe de Guimarães Rosa [Sou donde nasci. Sou de outros lugares], que aponta para o movimento geral da narrativa. Pertencer a um lugar não nos impede de aderir afetivamente e intelectualmente a outros lugares.

Vale mencionar, ainda nos referindo aos apontamentos de Hatoum, que a ruptura de Mundo – em face de sua inquietação de artista, deslocado na família, na cidade e nas fronteiras que limitam sua atividade e pensamento – é também uma ruptura com a idéia de nação,¹²² o que, ainda em vista da epígrafe da obra, pode ser entendido como uma relativização da noção de regionalismo, já que segundo Hatoum, “(...) não importam os valores, mas os conflitos da terra.”¹²³ Referindo-se ao universo ficcional de Hatoum, Heitor Ferraz Mello aponta, em crítica para a Folha de S. Paulo¹²⁴, que

Manaus sempre surge, como uma espécie de personagem, uma cidade entre a província e a turbulência da metrópole, um canto do mapa do país onde a vida parece sair dos modos mais arcaicos de produção para um capitalismo ruidoso e destruidor, pois é sempre precário. Não só Manaus mostra suas caras, fases e precariedades: seus personagens de “carne e osso” parecem sofrer de um desenraizamento e todo o passado de cada um deles é algo sempre nebuloso, com segredos.

É esse desenraizamento, revelador de passados e segredos, que envolve as personagens de Hatoum em *Cinzas do Norte*. O que resta, segundo o escritor, é a desilusão,

¹¹⁹ BIRMAN, D. Das cinzas à memória. In: Prosa & Verso. *O Globo*. 20.ago.2005.

¹²⁰ SÁ, S. de. Servidão humana. *Correio Braziliense*. 13.ago.2005.

¹²¹ Idem

¹²² GONÇALVES FILHO, A. O romance de Hatoum para tempos incertos. *O Estado de S. Paulo*. 13.ago.2005.

¹²³ Idem.

¹²⁴ MELLO, H. F. Romance é mais seco e mantém jogos duplos. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada E1. 13.ago.2005.

trata-se de “um romance da dissipação, dessas vidas que se esvaem. Tudo conflui para o trágico.”¹²⁵

Esse trágico, essa desilusão e dissipação, que envolvem o universo das personagens que procuram um lugar, parecem ser ainda trabalhados pelo escritor em *Órfãos do Eldorado*.

No enredo de *Órfãos do Eldorado* o leitor se depara mais uma vez com um conflito entre pai e filho. Arminto, filho único de Armando Cordovil, é a personagem narrador que conta a história da família Cordovil, narrando-a desde o seu nascimento – quando a mãe morre no trabalho de parto – perpassando por sua falta de vocação para dar continuidade aos negócios da família, até a completa ruína após a morte do pai. Em meio a narrativa muitas questões serão suscitadas. Luiz Costa Lima, para Folha de S. Paulo¹²⁶, aponta que

[e]nriquecer ali significa, como sucedera com o avô, usufruir do massacre dos nativos e caboclos, apossando-se então da área que os mortos ocupavam e, como o pai, auferir os ganhos de contrabandistas e as vantagens propiciadas por seu relacionamento com o políticos.

A narrativa em *Órfãos do Eldorado*, retratada, assim como em *Cinzas do Norte*, na época da ditadura, evoca mais uma vez os problemas políticos ocorridos nesse período em Manaus e ressalta, ademais, a relação da capital amazonense com a sua região interiorana. É importante mencionar, se tratando ainda de tal obra, que o autor evoca em meio a esse recorte histórico um universo mítico em torno da lenda da Cidade Encantada e também do Eldorado, de modo que tais lendas se misturam às ações da narrativa e a cultura da região, afastando a obra de um entendimento que poderia tomá-la como um “realismo mágico” de cunho regionalista.

A última obra publicada pelo autor, *Cidade Ilhada* (2009), é uma coletânea que abrange, como já mencionamos, tanto contos já publicados como inéditos. A referência do título é a cidade de Manaus, no entanto os contos não se passam somente na capital amazonense – algumas das histórias se passam, por exemplo, em Paris, Barcelona ou Berkeley.

Quando o autor, em entrevista para Folha de S. Paulo¹²⁷ no lançamento da coletânea, é perguntado sobre Manaus, ele responde:

¹²⁵ FUNKS, J. Cinzas que queimam. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada E1.13.ago.2005

¹²⁶ LIMA, L.C. Naufrágio da tradição. *Folha de S. Paulo*. Mais!, 6.abril.2008, p.8.

¹²⁷ COLOMBO, S. Milton Hatoum contesta conceito de literatura regionalista. *Folha de S. Paulo*. 14.fev.2009.

Manaus carrega uma ambiguidade. É um lugar ilhado pela natureza, mas também um ponto de passagem. Dali partem narradores locais e para lá vão os narradores estrangeiros. Toda cidade portuária tem um lado sórdido, a pobreza, o crescimento desordenado, mas também concentra um encanto, do mistério e da expectativa do que virá no próximo navio.

Talvez essas personagens (já presentes em outras obras do escritor) – muitos estrangeiros, outros que procuram o seu lugar – seja algo que se mantém nos contos de Hatoum. Ademais, o leitor que se aventurar nos contos, ainda terá a oportunidade de reencontrar outras personagens que já habitam outras obras do autor.

Procuramos, nessa breve apresentação, apontarmos para uma pequena parte da fortuna crítica existente sobre o autor e suas obras. É possível notar, no entanto, a referência ao trabalho de Hatoum no meio acadêmico brasileiro e estrangeiro, de modo que a obra do escritor começa a ganhar espaço não somente em periódicos, como jornais e revistas, mas também no âmbito dos Estudos Literários.¹²⁸

¹²⁸ Como contribuição para a presente pesquisa, destacamos a tese de doutorado de José Alonso Torres Freire intitulada *Entre construções e Ruínas: Uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum* apresentada em 2006 na Universidade de São Paulo.

FREIRE, J.A.T. *Entre construções e Ruínas: Uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2006.

Destacamos também os artigos “Diferença e identidade em Dois irmãos de Milton Hatoum” – CEBALLOS, R. “Diferença e identidade em Dois irmãos de Milton Hatoum”. In: SIEBER, C; LOSSO, E. G. B. GRONEMANN, C.(Eds.) *Diferencia minoritária en Latinoamérica / Diferença minoritária na América Latina*. Zürich: Georg Olms, 2008 – e “Between the Boom and the Arabesque. ‘Hemispheric Writing’ in Juan Goytisolo’s Paisajes después de la batalla ans Milton Hatoum’s Relato de Um Certo Oriente.” – INGENSCHAY, D. “Between the Boom and the Arabesque. ‘Hemispheric Writing’ in Juan Goytisolo’s Paisajes después de la batalla ans Milton Hatoum’s Relato de Um Certo Oriente.” In: ETTE, O; PANNEWICK, F (Eds.) *AthosAmericas Literary Entanglements of the Americas Hemisphere and the Arab World*. Berlin: Iberoamericana, 2006.

3.2 Cinzas do Norte, cinzas do Eldorado

(...)

*Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo
mais vasto é meu coração.*

(Trecho do ‘Poema de Sete Faces’ de Carlos Drummond de Andrade)

Eu sou donde nasci. Sou de outros lugares.

(João Guimarães Rosa. Epígrafe da obra *Cinzas do Norte*)

Servindo-nos da reflexão feita até o momento, apresentaremos no presente subcapítulo um mapeamento do romance *Cinzas do Norte* (2005), que se concentra em apontar passagens do texto que constroem o que chamamos de espaço da identidade das personagens. A nossa atenção nesse momento se volta em especial para a construção narrativa em torno da personagem Raimundo, cujo apelido no romance é Mundo. Em vista de nossa proposta de pesquisa – voltada à construção literária do espaço – nos concentraremos especialmente na relação da personagem Mundo com cinco localizações: Manaus – cidade natal da personagem; Vila Amazônia – ilha próxima a Manaus e onde o pai de Mundo pretende plantar a civilização; Berlim – a primeira cidade para onde a personagem se muda; Londres – a segunda cidade para onde a personagem se muda; e o Rio de Janeiro – onde a família de Mundo possui um apartamento de veraneio, que é também a última morada da personagem.

Antes de analisarmos, porém, a relação de Mundo com tais localizações, é importante ressaltar que mesmo que a nossa atenção esteja voltada para tal personagem, nos dedicaremos em apontar também nesse momento a sua relação com outras personagens da narrativa, já que, como apontamos anteriormente, compreendemos que o espaço da identidade é também fruto das relações humanas estabelecidas na partilha do espaço comum, de modo que pode refletir problemáticas humanas presentes na obra. Ademais, como expusemos no capítulo “Espaço Literário”, entendemos que mesmo que se privilegie um determinado “campo de força” ou “submecanismo” em uma determinada obra literária – aqui a configuração espacial – o texto narrativo se constrói, sim, através de um mecanismo maior, que “funciona” sem isolar nem dispensar um ou outro elemento narrativo. Compreendemos, por fim, que mesmo que nos proponhamos na presente pesquisa a nos dedicar à configuração espacial e também a demonstrar como se dá esse espaço da identidade, não é possível

desconsiderarmos outros elementos que compõem a narrativa tratando a categoria espaço de forma isolada.

A epígrafe da obra *Cinzas do Norte*, assumida como epígrafe também no início do presente subcapítulo, parece-nos deixar claro o que entendemos como a principal questão presente na narrativa de Hatoum: a dificuldade em encontrar uma realização plena em um determinado lugar e também o apontamento para um deslocamento motivado por tal inquietação. A nosso ver, esse deslocamento, ocasionado pela dificuldade em se encontrar uma realização plena, também revela processos de identificação vividos pelas personagens, mediante o fato de que “[p]ertencer a um lugar não nos impede de aderir afetivamente e intelectualmente a outros lugares”¹²⁹, como aponta o próprio autor em uma entrevista sobre o romance *Cinzas do Norte*. Como apontamos até o momento, compreendemos que, ao tratarmos de uma obra contemporânea que trata de sujeitos contemporâneos, seja possível colocarmos em questão esses processos de identidade em um momento pós-moderno, inserindo a pesquisa em literatura em um amplo diálogo com outras áreas do saber.¹³⁰ Para tanto, em vista de tais apontamentos desenvolvidos mais extensamente no capítulo “Identidade”, propomos também um mapeamento das passagens do romance que ademais nos parecem evidenciar o que chamamos de espaço da identidade, em vista do contexto histórico em que se apresenta a narrativa.

As personagens em torno do Mundo

No romance *Cinzas do Norte*, tem-se um narrador em primeira pessoa, a personagem Lavo, melhor amigo de Mundo, órfão de pai e mãe e criado pelos tios Ranulfo e Ramira. A narrativa conduzida por Lavo é mesclada com cartas do seu tio Ranulfo, que narra a história de amor vivida por ele e pela mãe de Mundo, Alícia. Apresentada pela perspectiva de Lavo, Mundo é uma personagem que já em seu berço parece não encontrar seu lugar. Filho de Alícia, uma garota do subúrbio de Manaus que sempre quis subir na vida, e Jano, único herdeiro da fortuna de um imigrante português que veio a Manaus, Mundo vive ao longo da narrativa o conflito de ser condenado pelo pai por não ser o filho esperado e de ser protegido pelo amor da mãe.

¹²⁹ SÁ, S. de. Servidão humana, *Correio Braziliense*, 13 ago. 2005.

¹³⁰ Vale apontar que não pretendemos classificar as obras de Hatoum como pós-modernas, mas sim destacar que o que nos interessa é assumir o caráter inclusivo dos Estudos Literários depois de ocorrido o *cultural turn*, que via de regra se associa à pós-modernidade.

Mundo, que se interessava pelas artes já nos tempos de colégio, é apresentado desde o início da narrativa como oposto do pai. Único filho de Jano, um empreendedor rico e de sucesso, Mundo nunca se interessou pelos negócios do pai e parece contrariá-lo e julgá-lo negativamente durante toda a narrativa. Por outro lado, Lavo refere-se a Alícia como o refúgio de Mundo¹³¹, como a personagem que, junto com a figura de Ranulfo, sempre compreendeu Mundo e o protegeu da figura opressora do pai.

Alícia, personagem constantemente exaltada durante a narrativa pela sua beleza, é filha de uma índia e de um estrangeiro. Com poucas lembranças do pai, Alícia viveu com sua irmã quase a juventude toda no Morro da Catita, periferia de Manaus, lugar de onde sempre almejou sair. Em uma das cartas de Ranulfo, onde ele descreve o dia em que Alícia se casara, temos a seguinte passagem:

Não dava adeus para mim, mas para a casa caiada na rua de terra, para a estrada da Índia, que anos depois seria uma avenida no meio da Cidade das Palhas, para o arraial da Igreja de São Francisco, para o Jardim do Barés, aonde nunca mais voltaria, nem para visitar a irmã. Despediu-se de uma época de sua vida, a lancha deixando um rastro de espuma no rio marrom, a moça segurando a calda do vestido até a mancha branca diminuir e desaparecer na curva. (...) Eu ainda não sabia que ela [Alícia] só pensava em sair do nosso bairro; algumas pessoas fazem o impossível para deixar seu lugar e às vezes vão longe demais.¹³²

A vontade de Alícia em deixar o bairro para sempre e viver o luxo ao lado de Jano se concretizou. Até mesmo ao filho nunca mostrou de onde viera: “Minha mãe nunca me levou para o Morro, passou a vida querendo esquecer de onde veio. Quando eu pedia para visitar a casa, ela dizia que não existia mais, tinha sido destruída.”¹³³

É interessante observar que ao longo da narrativa Alícia só voltará ao Morro da Catita, após a última briga entre Jano e Mundo, talvez pouco tempo antes do marido sofrer um infarto fulminante. Na voz de Macau, chofer da família, encontramos a descrição da última vez que Alícia volta ao Morro:

(...) Alícia mal falava comigo, e de repente me chamou, gritou: ‘Vamos sair, Macau’. Ele caiu no sofá. E eu obedeci: tirei o carro da garagem e perguntei para onde ela queria ir. ‘Pra longe da cidade’, disse. Peguei a estrada da Ponte da Bolívia e dirigi quase meia hora, devagar, como ela queria. Aí ela disse: ‘Macau, me leva pro Jardim dos Barés, quero ver a casa onde morei’. Dei meia-volta, e, quando passávamos pela estrada de Flores, ela pediu pra estacionar na porta do hospício e ficou espiando o edifício e o gramado. Disse baixinho:

¹³¹ “A mãe era o refúgio de Mundo (...)”. Idem, p. 39.

¹³² Ibidem, p. 115 e 160.

¹³³ Ibidem, p. 113.

‘Minha irmã Algisa veio parar aqui’. E aí segui até São Jorge e encontrei o bairro. Ela nem sabia que tudo tinha mudado. Perguntou: ‘Cadê o Castanhal, a floresta, as chácaras?’. Não respondi. Estacionei perto da casa e lembrei da tarde em que levei ela de barco pro centro, no dia do casamento na matriz. Ela chorava muito, chorou até entrar no carro de praça que nos esperava no porto da Escadaria. Lembrei de tantas coisas... Ela e teu tio se divertiam... Aí ela cutucou meu ombro: ‘Macau, vamos pra casa. Não me sinto bem aqui...’¹³⁴

Essa inquietação de Alícia, sua procura por um lugar melhor para viver, perdura ao longo de toda narrativa. Mesmo depois de casada, de finalmente conseguir sair do Morro da Catita, Alícia não consegue encontrar sua satisfação no luxo do palacete da rica família Mattoso em Manaus. A insatisfação com o marido, que além de não ser o homem de sua vida ainda vive em constante conflito com o único herdeiro, e as más línguas a respeito de sua postura como esposa e mãe, parecem ser mais razões para que Alícia se sinta insatisfeita com a vida que tem.

Essa insatisfação de Alícia com sua vida em Manaus parece clara quando o leitor se depara na narrativa com a relação que Alícia tem com o Rio de Janeiro, onde a família possui um apartamento de veraneio em Copacabana e para onde Alícia sempre ameaçou se mudar nos momentos de desentendimento com Jano. Mais adiante, sua promessa de mudança para o Rio de Janeiro e de nunca mais voltar se concretiza. Após a morte do marido, Alícia gastará toda a fortuna da família no Rio, onde termina sua vida somente na companhia da personagem Naiá, empregada da família desde os tempos de Manaus. Alícia, até o final do romance e mesmo após a morte do filho não voltará atrás. Em uma passagem durante a visita de Lavo a Mundo e Alícia no Rio, o narrador descreve:

[Naiá] começou a soluçar; molhou o rosto, agora rechonchudo. Enxugou-o com a barra da saia, se esforçou para sorrir, e perguntou com voz chorosa: “E a nossa cidade? (...)” (...) “Mas sinto tanta falta... muita saudade, Lavo. Dona Alícia não quer voltar. Quando toco no assunto, ela fica fula da vida e diz: ‘Vai tu, sozinha.’”¹³⁵

Em contraposição a Alícia, mãe de Mundo, tem-se a personagem Jano, seu pai. Trajano Mattoso é único herdeiro de um imigrante português que veio ao Brasil para fazer sua fortuna às custas da exploração dos indígenas e de outros imigrantes, em especial os de descendência japonesa. Jano é o herdeiro que, ao contrário do filho, dá continuidade aos negócios do pai e valoriza o trabalho acima de tudo. Jano é conhecido como um dos homens mais poderosos de Manaus e também empresário que mantém estreita relação com os

¹³⁴ Ibidem, p. 275.

¹³⁵ Ibidem, p. 287.

militares que estavam no poder, na época. Eterno apaixonado por Alícia, ele mantém ademais uma relação de desafeto com Ranulfo, tio de Lavo, que foi namorado de Alícia na época em que se conheceram e se casaram.

A Vila Amazônia, uma ilha e propriedade grandiosa perto de Parintins, no interior do Estado do Amazonas, pode ser entendida na narrativa como o lugar onde Jano encontra sua realização. A propriedade recebida como herança por Jano, ademais, possui um luxo que até mesmo o pai não pudera desfrutar por conta da dedicação ao trabalho. Em uma visita que Lavo faz à propriedade, Jano narra que

[os] [a]zulejos verdes e vermelhos desenhavam um mapa de Portugal no fundo da piscina, em cujas paredes estavam gravados os nomes de cidades, de reis e rainhas desse mesmo país. “Meu pai dizia que essa decoração era para que se mergulhasse na sua pátria”, disse Jano. “Nunca mergulhou, não tinha tempo para saudades.”¹³⁶

Na citação acima parece-nos claro um dos motivos que leva Jano a admirar seu pai e ao mesmo tempo decepcionar-se com o filho, que nunca havia se interessado pela propriedade como um negócio que deveria haver prosperado por suas mãos. Jano acrescenta durante essa mesma visita de Lavo: “Tive que reconstruir quase tudo, Lavo. Temos que construir tudo o tempo todo. A Amazônia não dá descanso. Trabalhar... é isso que meu filho não entende.”¹³⁷ O narrador acabara de afirmar sobre Jano: “Disse que dava muito trabalho plantar a civilização na Vila Amazônia. Antes, todo mundo comia com as mãos e fazia as necessidades em qualquer lugar.”¹³⁸

O trabalho que, segundo Jano, Mundo não entende, é justamente o que causará os maiores conflitos entre as duas personagens. Mundo, que sonha em seguir sua vida sendo artista, é constantemente reprovado pelo pai, que não vê a arte como um trabalho e insiste em que ele deva seguir o exemplo paterno. Em meio a esse conflito, destaca-se a figura de Alícia, que incentiva as pretensões artísticas do filho, protege-o do pai e até mesmo enfrenta este último nos momentos de conflito. É Alícia que intervirá na maioria das decisões de Jano com relação ao destino de Mundo, como quando Jano decide mandar o filho para o colégio militar. Jano, que faz de tudo para ter a mulher ao seu lado, acaba cedendo em muitas situações e tenta tomar suas decisões sem que a esposa se aborreça a ponto de deixá-lo.

¹³⁶ Ibidem, p. 68.

¹³⁷ Ibidem, p. 70.

¹³⁸ Idem, ibidem.

Enquanto Jano vê a Vila Amazônia como um lugar de realização, como um lugar onde ele inclusive planta a civilização, Mundo a vê com outros olhos, valorizando a natureza do lugar e a cultura do povo da região. Tal compreensão de Mundo, faz com que ele condene a atitude do pai e não tenha disposição para acompanhá-lo durante a estada na Vila Amazônia em que Lavo estava presente. Na seguinte passagem temos o relato do posicionamento de Mundo diante da Vila Amazônia, momento da narrativa que Mundo se identifica com o índio artista, aponta para o contraste entre a conformação do ambiente dado na sede da Vila Amazônia, cheio de ostentação e pinturas piedosas, e o objeto de decoração destoante que Mundo lhe acrescenta :

Na noite da chegada, Mundo me acordou para dizer que havia encontrado um índio velho e doente. Um artista. Acendeu a luz e mostrou uma pintura em casca fina e fibrosa de madeira: cores fortes e o contorno diluído de uma ave agônica. Tirou da parede os quadros, [pinturas de São Francisco Xavier, feitas por um mesmo artista português] os enfiou debaixo da cama e num dos pregos pendurou a obra do índio. Disse que aquelas imagens em fundo preto tinham provocado pesadelo em sua infância. Alias, tudo naquela casa era detestável: o ambiente, a decoração pretensiosa, as cadeiras de espaldar alto, as toalhas vermelhas de Alcobaça, a bajulação das empregadas. “Nem vou entrar na sala, Lavo. Tu podes ficar grudado no homem... ele não vai te morder.”¹³⁹

Essa postura de Mundo que repudia a riqueza do pai e que ademais, segundo seu ponto vista, foi conseguida através da exploração dos indígenas e imigrantes e do acordo que mantinha com os militares, estará presente em toda a narrativa. Constantemente, a personagem Mundo se colocará contra a postura do pai e tentará prosseguir com sua arte.

Ainda na adolescência, em meio a tantos conflitos com a família, Mundo conhece o artista amazonense Arana. O artista, que em princípio é apresentado na narrativa como um sujeito exótico que compreende as aspirações de Mundo, identifica-se com a floresta amazônica, louva a região e a divulga através de sua arte, também é, contudo, um artista empresário, que, apesar de exaltar a natureza, está constantemente preocupado em vender sua arte, mesmo que para isso precise ser desonesto com os turistas.

Como mencionamos acima, quando Mundo conhece Arana há uma identificação imediata; Mundo vê em Arana um artista que conhece a força da natureza de onde vive e que consegue se estabelecer com seu trabalho e sobreviver através dele. Talvez seja nesse momento da narrativa que Mundo se sente mais próximo de sua cidade natal, o momento em que ele, através da identificação com Arana, encontra um lugar para si. O espaço e o lugar,

¹³⁹ Ibidem, p. 68-69.

portanto, constituem-se como ambiente relacional, mas permanecem para além dessa vivência e valoração momentâneas, já que Mundo começa posteriormente a menosprezar o artista, vendo-o como mais um semelhante a seu pai, somente preocupado em se sair bem, passando por cima de qualquer coisa e qualquer um, explorando inclusive as pessoas que vivem na pobreza da região.

É nesse momento da narrativa que Mundo vai estudar no colégio militar e, ao observar de perto a postura dos militares, especialmente ao presenciar a morte do amigo Cará em um treinamento na selva, começa a alimentar a idéia de ir de fato para a Europa, deixar de vez Manaus, e poder produzir finalmente sua arte sem intervenções da figura paterna. Em uma conversa entre Lavo e Arana o artista afirma que Mundo lhe dissera ter a intenção de “inventar novos monstros e enterrar de uma vez por todas a nossa natureza”. E ainda: “No começo, se interessou pela nossa região, viu que a Amazônia não é um lugar qualquer. Mas foi se afastando disso tudo...”¹⁴⁰ Parece-nos aqui, segundo as observações da personagem Arana, que há uma consciência do escritor sobre a imbricação entre o espaço/lugar e os processos de identificação, de modo que ao não se identificar mais com a sua terra natal, Mundo decide mudar para Europa, alimentando a esperança de finalmente lá poder se realizar.

O último feito de Mundo, no entanto, antes que deixasse Manaus, foi o “Campo de Cruzes”. Com a intenção de protestar contra a morte do amigo Cará por culpa dos militares e a construção do habitacional popular Novo Eldorado¹⁴¹, onde a família do amigo morava, ele colocou uma cruz de madeira queimada na frente de cada casa do lugar, causando a fúria não somente dos militares mas também do pai. O Novo Eldorado, ao contrário da promessa que havia sido feita pelo governo, era um lugar precário, onde a população havia sido acomodada de forma caótica, sem os serviços básicos, como fornecimento de água, luz e coleta de lixo.

Com a ajuda de Ranulfo, Mundo realiza o “Campo de Cruzes” e foge. Jano, porém, não descansa até encontrar o filho e Ranulfo, que deveriam ser punidos com uma surra pelos policiais. Mundo, contudo, ao contrário de Ranulfo, consegue escapar e, quando encontra o pai, os dois terão a briga que levará Jano a morte. Após a morte de Jano, segundo Lavo,

¹⁴⁰ Ibidem, p. 170.

¹⁴¹ Vale mencionarmos, em contraposição a descrição do habitacional Novo Eldorado, a antiga lenda do Eldorado ou El Dorado, narrada por índios aos espanhóis na época da colonização da Américas. O Eldorado seria um lugar onde tudo seria construído com ouro, um símbolo de riqueza inestimável, procurado pelos primeiros colonizadores em inúmeras expedições.

“[p]arecia que um época se deitara para sempre”¹⁴²; Alícia, Naiá e Mundo se mudam definitivamente para o Rio. Mundo, após essa primeira mudança, ainda irá para Berlim e Londres.

É interessante notar, quando se analisa a relação de Mundo com Manaus, que ela vem permeada das relações que a personagem estabelece em especial com Alícia, Jano e Arana. A Manaus de Mundo nos parece uma Manaus provinciana, onde o governo rígido e corrupto dos militares se alia à ambição dos grandes empresários que exploram a região. Ademais, é ainda um lugar onde as pessoas não respeitam a natureza, exploram-na com o turismo, não se valoriza a produção artística, e que ainda apresenta diversos problemas sociais.

Essa visão de Mundo sobre a cidade ainda é ressaltada em contraposição à da figura do narrador Lavo, que, diferentemente de Mundo, nunca teve a intenção de sair de Manaus e vê a cidade como sua sina. Na seguinte passagem, onde o narrador fala de seu tio Ranulfo, que o acusa de egoísta e pela falta de atenção que havia dado a Mundo, tem-se uma avaliação clara de Lavo sobre si mesmo:

De nada adiantaria dizer a ele que Mundo sempre fora arredio, ainda que tivesse me contado episódios da infância, expressando a angústia de ter de enfrentar o pai, dentro e fora de casa, como se esse enfrentamento fosse o móvel de sua vida e de sua arte inacabada. Mundo sabia que dificilmente eu sairia de Manaus; nas cartas que lhe enviei, insisti nesse assunto, dizendo que minha cidade era a minha sina, que eu tinha medo de ir embora, e mais forte que o medo era o desejo de ficar, ilhado, enredado na rotina de um trabalho sem ambição. Eu declamava, quase brincando, os versos decorados no Pedro II, que uma noite ele recitou com pompa, afogado na bebida e na esbórnia da Castanhola: “Ingrato o filho que não ama os berços do seu primeiro sol”. Ria e me provocava: “Acho que sou esse filho, mesmo sem querer ser...”¹⁴³.

O mundo em torno do Mundo

Segundo observamos, a narrativa do período que Mundo ainda vive em Manaus se constrói especialmente e em grande medida influenciada pela relação que ele tem com Alícia, Jano e Arana. Compreendemos, segundo procuramos demonstrar até o momento, que a impossibilidade da realização pessoal de Mundo em Manaus, segundo a percepção da própria personagem e das demais figuras que convivem com ela, deve-se a diversos processos de identificação, bem-sucedidos ou malsucedidos, que envolvem tanto as relações pessoais

¹⁴² HATOUM, M. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 198.

¹⁴³ Idem, p. 269.

próximas com outras personagens, como também sua relação com as circunstâncias impostas pelo governo militar. A sensação de irrealização, ademais, é partilhada também pela mãe, que, como mencionamos anteriormente, determinará a mudança definitiva para o Rio de Janeiro após a morte de Jano, de modo a cortar todos os laços com Manaus:

Depois da morte de Jano, conversei uma única vez com Mundo, pois o segundo e último encontro foi uma breve despedida no aeroporto, onde meu amigo, sua mãe e Naiá deram adeus à cidade. Partiram apressados, como fugitivos. Aícia não quis celebrar missa de sétimo dia: cumpriu a risca o que prometera, deixando nas mãos de Albino Palha o inventário e a venda das propriedades e de todos os bens.¹⁴⁴

A revolta de Mundo contra a ditadura militar ainda será despertada novamente no Rio, quando ele participa de um protesto contra a censura em frente à Biblioteca Nacional. Como punição, Mundo é preso, levado para um hospício e ainda amarrado e sedado. A mãe, que o livra de mais uma situação difícil, apóia então a viagem tão ansiada de Mundo para a Europa.

O primeiro destino de Mundo, após a mudança para o Rio, é Berlim Ocidental, graças ao contato que mantinha com o artista alemão Alex Flem, que Mundo conhecera durante um período de férias que havia passado com a mãe no Rio de Janeiro; uma mudança impulsionada, segundo nossa perspectiva, por uma identificação com o artista alemão, que acaba também gerando uma identificação com o próprio lugar, Berlim Ocidental.

Mundo, já em Berlim, mantém contato com Lavo através de cartas. Eventualmente manda notícias também para Arana:

Ele [Arana] tinha certeza de que Mundo voltaria a Manaus para revê-lo, e isso me deixava confuso. Fazia mais de dois anos que meu amigo morava na Europa, e em nenhuma carta falara em regressar. Talvez não vivesse da herança do pai, pois contou que lavava pratos num bar latino-americano em Berlim, e que comprava tinta e papel com o dinheiro da venda de suas obras em bares e restaurantes. Morava de graça no ateliê de Alex Flem em Kreuzberg e, no verão, ia nadar numa piscina pública de Charlottenburg, um luxo art déco, com águas mornas e pintura no teto. Ou então no Spreewald, perto do ateliê. Quando Alex vendia uns quadros, podia passar uma semana no Brasil. Mas não ele: “O Brasil começa a ficar distante, Lavo. E o Amazonas, só na memória.” Num cartão-postal, anexou uma caricatura de Arana, deitado numa rede, no jardim do ateliê, cercado de meninos pobres. “O descanso do impostor”, escreveu ao lado.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Ibidem, p. 209.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 227.

É interessante observar que posteriormente, depois do Brasil começar a ficar distante e o Amazonas somente na memória, tem-se pela personagem uma retomada de sua relação com a terra natal através da arte: “Mundo escreveu que sentia saudades de mim e do meu tio, e que desenhava esboços de uma seqüência de quadros intitulada ‘Capital da Selva’, pinturas da calçada da Castanhola retrato de mulheres e meninas que tão cedo não vou ver, ouvir, nem tocar.”¹⁴⁶ Tem-se aí, segundo a nossa perspectiva, o início do que se concretizará por Mundo em Londres, através dos quadros-objetos, um relembrar e um inventar a vida através da arte: “Pintar não é uma maneira de lembrar com cores e formas? Inventar a vida numa situação extrema?”¹⁴⁷

Durante esse período, em que começa a pintar a paisagem de sua terra natal na série intitulada ‘Capital da Selva’, Mundo passa por um período difícil em Berlim, com pouco dinheiro e saudades de sua mãe. É nessa época que ele decidirá ir para Londres, já que pouco antes da partida a personagem trabalhara por certo tempo em uma galeria chamada *Die Ursache*¹⁴⁸, de onde foi expulso e sua exposição foi cancelada logo a seguir. Com medo de ser deportado ou processado, ele resolve recorrer a Alex Flem, que lhe dá o contato da amiga Mona em Londres. Mundo escreve a Lavo dizendo que fracassou no continente e que tem esperanças em se recuperar na ilha¹⁴⁹. A nosso ver, é através da arte que ele dará continuidade ao retorno até seu lugar de origem. A caminho da Inglaterra, Mundo escreve a Lavo sobre sua situação. O romance destaca graficamente o texto como citação de uma carta:

Ela [Alicia] está se acabando, acho que nós dois estamos... Mesmo assim, vou para Inglaterra. Consegui vender três das cinco pinturas da seqüência Capital na Selva. Dois rostos da mesma mulher num quarto da pensão Marapatá e na cabine de um barco encalhado para sempre num estaleiro dos Educandos. O terceiro quadro é o rosto misterioso de minha mãe... Escrevo de Dover, a caminho de Londres.¹⁵⁰

¹⁴⁶ Ibidem, p. 221.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 307.

É interessante fazer aqui um paralelo entre o entendimento de Mundo sobre a produção artística e o nosso entendimento sobre a produção literária existente apresentada na “Introdução” da presente pesquisa, o que também vai de encontro ao seguinte comentário da personagem Ranulfo: “ ‘Estou trabalhando, mana’, disse tio Ran. ‘Trabalho com a imaginação dos outros e com a minha.’ Ela estranhou a frase, que algum tempo depois eu [Lavo] entenderia como uma das definições de literatura”. Ibidem, p. 24.

¹⁴⁸ Em português a palavra “Ursache” é “causa”, o que nos parece bastante sugestivo em vista do desenvolvimento da narrativa do romance.

¹⁴⁹ “Fracassei no continente, quem sabe se na ilha... (...)” HATOUM, M. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 240. Compreendemos que aqui também seja possível traçar um paralelo com a Vila Amazônia, também uma ilha, e o lugar de realização do pai. Mundo, curiosamente, tem nesse momento da narrativa a esperança de também se realizar em uma ilha.

¹⁵⁰ Idem, p. 234.

Em outra das cartas enviadas a Lavo – o capítulo 16 do romance constitui ele todo apenas a reprodução de uma dessas correspondências do protagonista –, parece-nos que Mundo, ao descrever sua chegada a Londres, deixa claros os motivos que o levam à busca por um novo lugar. É evidente que eles estão estreitamente ligados aos processos de identificação vividos por Mundo ainda no tempo de Manaus. Relacionam-se com a figura de Alícia, e especialmente com Jano:

Estava de novo na Atlantic Road, e nada de Mona. Então pensei na avenida Atlântica e na minha mãe na varanda do Labourdett, e senti a melancolia do ferryboat misturada com o sentimento de mais uma derrota. (...) Se eu pudesse, iria agora mesmo ao aeroporto e voaria para o Brasil, foi o que pensei naquele momento. A volta seria uma capitulação. (...) então senti, pela primeira vez em Londres, alguma coisa íntima: um cheiro que o porto quente e úmido da infância exala. Um pedaço das Antilhas, da África e da Amazônia se espalhava nos pequenos empórios e nas tendas que vendiam quiabo, farinha de mandioca, azeite-de-dendê e melancia... (...) Fiquei por ali, observando as pessoas, (...) até retomar a caminhada e dar de cara com o nome de uma rua que atçou a imagem do meu pai: Villa Road.¹⁵¹

Ao observarmos a citação acima, chama-nos atenção a presença do porto, que remete Mundo a sua infância em Manaus. A imagem do porto em si, como já mencionamos anteriormente, nos remete a um lugar de passagem, de constantes idas e vindas, e é justamente essa a imagem que pela primeira vez na narrativa remeterá a personagem Mundo a sua cidade natal. Ao mesmo tempo em que se pode reconhecer no porto um “não-lugar”, segundo a reflexão de Marc Augé (1994) que apresentamos no capítulo “Espaço literário”, e portanto um lugar onde não se tem raízes, um lugar não-praticado, é possível também afirmá-lo como lugar antropológico, como nesse momento da narrativa, na medida que representa uma associação que a personagem faz com suas raízes, suas origens, e memória. Parece-nos também relevante apontarmos para a menção do porto na obra de Ottmar Ette (2005)¹⁵², que desencadeia toda a sua discussão na obra referida. O jovem, segundo Ette, que pára nas margens do porto e contempla a paisagem, está em um “Zwischenwelt” ou um “entremundo”, de modo que aquele silêncio ilude, já que a virada de um tempo histórico se aproxima.

Ademais, é interessante notar que o nome da rua “Villa Road”, e também o lugar onde Mundo irá morar, remete-o ao pai, a Vila Amazônia, onde entendemos ser o lugar de

¹⁵¹ Ibidem, p. 241-242.

¹⁵² ETTE, O. *ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2005.

realização do pai. A remissão a Manaus e à relação de Mundo com o pai ainda ocorrerá outras vezes em outros momentos vividos em Londres pela personagem:

Adrian foi uma amizade à primeira vista. Pegou a filmadora e saiu. Comi, bebi, deitei no chão, meio zozzo, sentindo a mesma tontura que tinha me derrubado num passeio pelo Tiergarten em Berlim e outra vez no ferryboat, perto de Dover. Quando meu corpo claudica, lembro da tontura com enxaqueca e febre no ateliê do Arana... Tontura e comichão, a pele fica cheia de bolhas e feridas, e aqueles malditos treinamentos na selva latejam na minha memória juntamente com os nomes dos militares. (...) perguntou de onde eu era, como vivia em Londres, e, sem olhar nos meus olhos, sabes o que me disse? “Mude seu estilo de vida”. Parecia meu pai falando, e é ele, Jano, que surge nos meus pesadelos e na seqüência de quadros-objetos que estou fazendo.¹⁵³

Em meio às lembranças da época em Manaus e também da doença que começa a avançar e enfraquecer o corpo de Mundo, a personagem dará continuidade e finalizará a sua última obra de arte, os quadros-objetos, ainda em Londres. Os quadros-objetos, uma composição feita com objetos pessoais do pai, é assinado por Mundo como “História de uma decomposição – Memórias de um filho”¹⁵⁴. É interessante notar, que Mundo, através dos quadros-objetos, tenta recompor a sua história com o pai e acaba chamando-os de decomposição, talvez uma metáfora para o próprio romance, onde o norte acaba em cinzas. Percebemos, ademais, que seja possível considerar uma imbricação entre a figuração verbal do espaço em literatura e o diálogo da literatura com as artes visuais, dada a centralidade do espaço na obras visuais, onde se dá a percepção imediata do espaço.¹⁵⁵

Na seguinte passagem temos a descrição dos quadros-objetos por Mundo:

Em Londres me concentrei nos sete quadros-objetos, era um modo de me libertar. A imagem de Jano não ficou isolada na minha cabeça, era o processo que interessava, a vida pensada, a vida vivida, dilacerada. Pintar não é uma maneira de lembrar com cores e formas? Inventar a vida numa situação extrema? (...) Não sei quanta coisa veio do acaso, quanta coisa veio dos estudos e esboços, esse difícil equilíbrio entre acaso e intenção. (...) Me livre de um peso quando terminei esse trabalho, mas não me considero um artista, Lavo. Só quis dar algum sentido a minha vida.¹⁵⁶

Depois de finalizar os quadros-objetos, Mundo adoecerá gravemente e Alicia o buscará em Londres para voltarem ao Rio de Janeiro, onde Mundo não resiste e morre.

¹⁵³ HATOUM, M. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 243-244.

¹⁵⁴ Idem, p. 193.

¹⁵⁵ Vale aqui mencionar a terceira parte da obra de Assmann (1999), intitulada “Armazenadores”, onde a autora discute o espaço configurado pelas artes visuais, em especial quando trata das instalações contemporâneas.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 307.

Segundo Mundo, foi “[u]m encontro de dois doentes. Quando ela [Alícia] me viu magro e sem forças, o mundo desabou”.¹⁵⁷

O encontro com a mãe, já depois de ela ter acabado com toda a fortuna da família no jogo e com a bebida, parece-nos completar um ciclo sobre a história de Mundo, o mundo em que se concentra a narrativa de *Cinzas do Norte*. Mundo, que depois de se deslocar em busca de um lugar melhor para se viver, onde procura encontrar a sua realização, termina sem resolver sua frustração. Assim como Alícia, que acaba sozinha e sem dinheiro algum, vivendo a decadência no tão admirado Rio de Janeiro. Alícia ainda descreve em uma conversa com Lavo no Rio:

“Nas férias em que a gente vinha pra cá, eu e Mundo visitávamos o Forte. Quando voltamos de Londres, ainda estivemos aqui, uma vez... O Rio foi a cidade que ele escolheu para morrer. Em menos de duas semanas emagreceu que só; a doença devorou o corpo do meu filho, mas não a alma.

“Ele falava em voltar para Manaus? O Arana vivia dizendo...”

“Não era por causa do Arana. Meu filho nem tocava no nome desse sujeito. Mundo queria rever o Amazonas. Aqui mesmo, neste banco, disse que quando olhava para o mar, lembrava do rio Negro, das viagens de barco...”

“Mundo gostava da Vila Amazônia?”

“Gostava e não queria gostar, era estranho. (...) Acho que ele gostava, sim, da Vila Amazônia, mas dizia que a miséria estragava a beleza da natureza. Morreu com essa revolta... (...)”¹⁵⁸

Mundo, que segundo a mãe morre com essa revolta, sem solucionar a sua relação com a família e nem com os lugares por onde passou, confessa ao amigo Lavo que a sua “reclusão não é atributo da geografia, mas [que] a vida seria mais penosa sem certas coincidências, sem os amigos e a memória”¹⁵⁹. Tal observação de Mundo parece-nos bastante reveladora, já que os lugares que a personagem procurou para se realizar nunca estiveram isentos de certas coincidências, amigos e memória, como observamos ao longo do presente subcapítulo; essas coincidências, esses amigos e essa memória sempre se relacionaram com os espaços geográficos em que Mundo esteve. Já no final do romance temos ainda a seguinte confissão de Mundo ao amigo Lavo:

Fiquei sentado no centro do coreto da praça Bittencourt, pensando na minha vida. Esperei o amanhecer, o instante mais belo, a cidade quase toda quieta, a cidade dos desgarrados, toda a beleza do Rio para os que não tem lugar nem abrigo... pessoas que não têm aonde ir. Pensei:

¹⁵⁷ Ibidem, p. 308.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 296-297.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 239.

todo ser humano em qualquer momento de sua vida devia ter algum lugar aonde ir. Não queria perambular para sempre... morrer sufocado em terra estrangeira. A errância não era o meu destino, mas a volta ao lugar de origem era impossível.¹⁶⁰

Em tal confissão, umas das últimas do romance, observamos a conclusão da personagem sobre a impossibilidade de se encontrar um lugar para se viver, onde ele finalmente pudesse encontrar sua realização, mas ao mesmo tempo a convicção de que “para todo ser humano” deveria haver um lugar para aonde ir. Parece-nos que essa revolta, mas também essa convicção, que a personagem carrega em si, acompanhou-o durante todo o seu trajeto, impulsionando-o em todas as decisões em busca de outros lugares onde pudesse prosperar e se realizar. Há uma busca de Mundo, como procuramos destacar, por um lugar onde haja uma identificação, que é influenciada pela presença da memória na relação com a família, com pai em especial, por um lado, e a relação com a arte, por outro lado; dois elementos que funcionam na narrativa como fios condutores que fazem de suas andanças um itinerário íntegro e não uma errância fragmentária, pura e simplesmente.

Um fator bastante relevante na narrativa para a imbricação entre memória e identidade é a recorrente sugestão de que Mundo não seria filho biológico de Jano. A falta de semelhança entre Mundo e Jano, os constantes conflitos e a empatia que Mundo mantinha com Ranulfo sempre são apontadas ao longo da narrativa a favor dessa dúvida. Por conta das circunstâncias em que Alicia e Jano se casam, da noite para o dia, ainda na época em que ela mantinha o namoro com Ranulfo, sugere-se claramente a possibilidade de que este seja o pai de Mundo. O próprio Ranulfo, inclusive, deixa clara sua desconfiança a respeito disso no trecho de uma das cartas incorporadas ao romance:

Desde a época em que eu namorava a sua mãe, ela [Ramira] odiava os nossos encontros em casa e nos arraias do Morro, invejava nossas viagens e pescarias, sempre invejou o riso de Alicia, e embirrava contigo antes mesmo de te conhecer. Reprovava até o teu nome: “Não sei por que essa mulher batizou o filho de Raimundo, é o masculino do nome da minha finada irmã”, dizia. Ramira tinha certeza que tu ia me desprezar, sempre torceu por isso, e perdeu a aposta: eu e tu fomos pai e filho...”¹⁶¹

Essa certeza de Ranulfo, contudo, nunca foi confirmada pela personagem Alicia, que sempre insistiu em dizer que Mundo era sim filho de Jano. A dúvida sobre a paternidade,

¹⁶⁰ Ibidem, p. 308.

¹⁶¹ Ibidem, p. 218.

ademais, é retomada no final da narrativa, e revelada por Alícia apenas ao filho pouco antes dele morrer:

Minha mãe não olhava mais para mim; pôs a cabeça no meu ombro, o peito esquerdo cobriu meu rosto, e eu escutei as batidas, o disparo de um coração rendido. Então ela gaguejou, confusa, até pronunciar um nome... Poderia ter sido o nome do teu tio... O corpo debruçado sobre minha cabeça tremia muito, e ela começou a chorar, e, quando soltou minhas mãos e se ergueu, vi contra o teto a fisionomia alterada por um choro convulsivo, soluços da dor que ouvi pela primeira vez... Ela não chora só por minha causa, pensei naquele momento; chora por si mesma, pela mentira de toda uma vida. Nem sei se Jano sabia. Agora expeliu esse nome na minha cara e confessou tarde demais que é esse o nome do meu verdadeiro pai. Tento lembrar cada momento no ateliê, cada conversa e encontro, mas só vejo o que há de pior naquele homem: a covardia, o oportunismo e uma preocupação fingida com o “aluno” que era seu filho.¹⁶²

A confissão de Alícia, revelada na narrativa através da última carta de Mundo a Lavo, parece-nos ressaltar mais um fator que influencia diretamente os processos de identificação da personagem. Mundo, que nunca havia se visto em Jano, que talvez desejasse ser filho de Ranulfo, era filho de Arana, um homem que via como covarde e oportunista. Outro dado que nos parece importante, é justamente o fato de Arana saber que Mundo era seu filho e, mesmo com esse conhecimento, nunca o acolher como se esperaria de um pai, ao contrário de Ranulfo, que sempre esteve ao seu lado e o amou verdadeiramente.

A revelação feita por Alícia pouco antes da morte de Mundo intensifica ainda mais o processo de identificação da personagem, já que ao longo da narrativa Mundo procura resolver sua situação com a figura paterna e quando finalmente parece se libertar, através dos quadros-objetos, depara-se com outra relação de paternidade expressamente mal resolvida, que, ante o enfraquecimento e proximidade da morte da personagem, permanecerá sem solução.

As cidades em torno do Mundo

Antes de concluirmos o presente subcapítulo, gostaríamos finalmente de apontar algumas características dos lugares escolhidos por Mundo para viver.

A cidade do Rio de Janeiro, “a cidade dos desgarrados”¹⁶³, como menciona Mundo, parece-nos ser o cenário perfeito para o refúgio de Alícia, assim como de Mundo no final da

¹⁶² Ibidem, p. 310-311.

¹⁶³ Ibidem, p. 308.

vida. Em comparação com Manaus, é uma cidade muito mais cosmopolita e menos provinciana, o que desperta, a nosso ver, uma possível problematização entre província e metrópole dentro do próprio Brasil.¹⁶⁴ Algo parecido é evidenciado nas descrições que se concentram na cidade de Manaus e sua região interiorana, como a própria Vila Amazônia, sobre a qual já discorremos acima, onde o poder dos grandes empresários e militares do governo da época é imposto a fim de explorar a região. Do mesmo jeito como a figura do Rio de Janeiro parece se sobressair a figura de Manaus, Manaus também se impõe às cidades mais carentes do interior do Estado durante a narrativa do romance. Ao longo do percurso de Mundo, ademais, firmam-se relações de hierarquização e valoração dos lugares, quanto a seu prestígio social e significado afetivo, como elementos constitutivos da caracterização das personagens e das relações entre elas.

Essa opressão e dificuldade de se encontrar um lugar próprio, então, não se relacionam apenas à provinciana Manaus ou ainda à moderna Rio de Janeiro. Transpõem-se para a Europa, que também é um lugar da impossibilidade, embora Mundo pense ser capaz de realizar lá suas aspirações, nesse lugar em que, diferente do Brasil, se reconhece o trabalho artístico e se vive com mais igualdade.¹⁶⁵ Quando Mundo vive em Berlim Ocidental e em Londres, ele conclui, por outro lado, que nada é puro e original, que o mau gosto e a uniformidade haviam assaltado o universo¹⁶⁶; tal observação da personagem, parece-nos apontar para uma impossibilidade de realização nos lugares onde havia alimentado a esperança de poder desenvolver sua arte e conclui mais uma vez que só lhe restaria a possibilidade de fazê-la através de suas memórias, em especial da sua relação com o pai. No seguinte trecho Mundo afirma em uma carta a Lavo, citada literalmente pelo narrador:

¹⁶⁴ Entendemos que essa problematização entre metrópole e província – não só entre localidades do próprio Brasil, como também entre o Brasil e a Europa – seja bastante significativo tanto em *Cinzas do Norte* como também em *Órfãos do Eldorado*. Na nossa pesquisa, porém, não colocamos esse questionamento como elemento central; procuraremos, por outro lado, apontar para tal dimensão presente na narrativa, de modo que possa ser desenvolvido posteriormente em outro trabalho.

¹⁶⁵ Tal aspecto parece-nos claro quando Mundo conhece o alemão Alex Flem no Rio de Janeiro, durante uma exposição do artista no Brasil. Como mencionamos, a admiração de Mundo pelo artista dialoga com a ideia que a personagem passa a ter sobre Berlim Ocidental e a Europa em si, onde haveria um lugar para os artistas. Em contraposição temos a opinião do militar Albino Palha, amigo de Jano, que, ainda no começo da narrativa, desencoraja Mundo a insistir em ser artista em Manaus: “Albino Palha contornou com o indicador a aba do chapéu e tocou no assunto: ‘É muito difícil ser artista aqui, Raimundo. A natureza inibe toda a vocação para a arte. Teu pai tem razão: um pintor, um escultor deve ser grande. É como empresário ou político, e não como artista, que vai sair da obscuridade comum. E para isso é preciso estudar.’” Cf. HATOUM, M. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 119.

¹⁶⁶ “Por Deus, Lavo, o mau gosto assaltou o universo e a uniformidade vai matar a alma do ser humano”. Ibidem, p. 246-247.

Arana bem que tentou inocular na minha cabeça o veneno de uma “arte amazônica autêntica e pura”, mas agora estou imunizado contra suas preleções. Nada é puro, autêntico, original... Planejo desenvolver uma obra sobre a Vila Amazônia. Quero usar a roupa e os dejetos do meu pai. Uma idéia que tive em Berlim, quando andava pelo Tiergarten...¹⁶⁷

Além das próprias conclusões da personagem Mundo, é necessário observar que a cidade de Berlim na época em que se desenvolve a narrativa é uma cidade que se divide em dois Estados e incorpora, assim, uma diferença política que afeta diretamente a vida de seus habitantes. Temos uma cidade dividida em duas posições político-ideológicas, e talvez se possa, especialmente por conta disso, apontá-la como símbolo de uma identidade dividida, segmentada. Berlim, ademais, ainda no momento histórico atual, após vinte anos da reunificação alemã, parece ainda viver um processo de busca de identidade.¹⁶⁸

Sobre o assunto, o jornalista alemão Florian Ilies dedica um capítulo de seu livro *Generation Golf zwei*¹⁶⁹ à cidade de Berlim. Ilies observa que para aqueles que sempre tiveram como capital-modelo alemã Munique ou Hamburgo, parece incomum o grande interesse por Berlim. A cidade foi vista, mais intensamente depois da reunificação, como “terra de ninguém”, onde havia oportunidade para se começar, para se fazer algo novo. Enquanto a geração de 68 fugia para o Oeste alemão, uma nova geração pós-moderna, denominada por Ilies como *Geração Golf*, volta para Berlim no final da década de 1990; Bonn que era a cidade preferida dos migrantes dá atualmente lugar a Berlim.

O autor especifica alguns motivos que levaram cada vez mais migrantes e imigrantes até a atual capital alemã. Segundo Ilies (2006), após a reunificação da Alemanha, em 1990, observou-se de maneira geral uma grande migração para a ex-Alemanha Oriental. Isso aconteceu mais intensamente na própria Berlim, já que nos bairros que faziam parte do leste alemão havia muitos imóveis que durante a República Democrática Alemã haviam sido abandonados. A antiga parte oriental da cidade passou, depois da reunificação, de uma região deteriorada para uma região de oportunidades. As pessoas podiam viver por um aluguel baixíssimo, isso quando não se ocupavam os imóveis de maneira simplesmente clandestina.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 238.

¹⁶⁸ Parece-nos evidente que esse processo de busca de identidade seja uma questão para Hatoum, assim como sua atenção à Europa como professor de literatura francesa. Ademais, percebe-se que o autor possui conhecimento de dados específicos sobre Berlim, talvez impulsionado pela presença que possui na Alemanha desde o início de sua carreira literária, por meio de traduções já desde 1989. Na sua obra encontramos, por exemplo, a personagem alemã Dorner já no primeiro romance, que curiosamente também é mencionado em *Cinzas do Norte*, como um dos professores de alemão de Mundo (Cf. HATOUM, M. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 93.).

¹⁶⁹ ILLIES, F. *Generation Golf zwei*. München: Karl Blessing, 2006.

Ademais, em Berlim já se observava, principalmente após os anos 1970, o fenômeno de *gentrificação*¹⁷⁰, ou seja, de *enobrecimento* das áreas urbanas. Kreuzberg – o mesmo bairro onde Alex Flem tem seu ateliê e onde Mundo irá morar – antes de se tornar um bairro com uma grande concentração de imigrantes turcos e também de famílias, era o local em que muitos artistas e estudantes moravam; esse charme intelectual da região atraiu cada vez mais moradores e o olhar de investidores. O mesmo aconteceu depois da década de 1990, já depois da reunificação, com Prenzlauer Berg, bairro localizado na região de Pankow, situada na parte que pertencia a ex-Alemanha Oriental. Essa região foi, após a queda do muro, ocupada por muitos migrantes, os quais transformaram aquele bairro decadente no bairro favorito da cidade; uma região onde acontecia tudo de mais novo, principalmente eventos ligados à arte. Hoje, Prenzlauer Berg é um bairro refinado de Berlim e também um dos bairros mais caros para se morar.

Algo parecido vive-se também em Londres, que no momento histórico da narrativa e até o momento atual acolhe milhares de migrantes e especialmente imigrantes que pretendem refazer suas vidas em um novo lugar, que buscam ali uma chance de progredir na vida:

Adrian explicou que os sobrados de tijolos vermelhos tinham sido invadidos fazia mais de um ano. Muitas casas foram ocupadas por artistas, cineastas, escritores, atores e também por imigrantes, expatriados e exilados. “Não falta um brasileiro na Villa?”¹⁷¹

Assim como em Berlim, muitos se abrigarão nos conhecidos *squatting* ou *squat*, casas vazias ocupadas ilegalmente, as mesmas a que Adrian se refere no romance. É em uma dessas casas que Mundo se hospeda de favor e começa sua vida em Londres, juntando-se a outras pessoas que também procuram por um lugar melhor para se viver e restabelecerem suas vidas. Até mesmo Alícia, quando busca o filho em Londres observa que lá era “uma bagunça, gente de tudo que é lugar, país... branco, preto, mulato... Aquele bairro parecia o Brasil.”¹⁷²

A capital inglesa e colonizadora desde o século XVI, apresenta-se na contemporaneidade como unificadora da multiplicidade, de modo que seja possível apontá-la como um espaço “vetorializado”¹⁷³, revelando movimentos migratórios e imigratórios que

¹⁷⁰ A palavra que designa um enobrecimento de áreas urbanas é um empréstimo do inglês.

¹⁷¹ HATOUM, M. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 243.

¹⁷² HATOUM, M. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 290.

¹⁷³ É possível aqui nos remetermos ao que Ette chama de “vetorização”, mencionado na “Introdução” da presente dissertação. Ette usa tal conceito para demonstrar que todos os movimentos descendentes são acumulados e memorizados nos movimentos atuais, de modo que seja possível identificar características de um lugar em outros. Em *Cinzas do Norte*, como mencionamos, Mundo reconhecerá sua terra natal em muitos elementos da

corporificam a grande mobilidade cultural nos processos de globalização e internacionalização, dos quais também participam Mundo, Manaus e o Rio de Janeiro.

Como interlocutor, em vista dos apontamentos acima a respeito das *idades em torno do Mundo*, apresentaremos algumas das considerações do antropólogo, filósofo, ensaísta e escritor francês Édouard Glissant em *Introdução a uma poética da diversidade* (2005)¹⁷⁴, que, a partir da análise das identidades culturais do espaço geopolítico do Caribe e das Américas, aborda o imaginário das línguas, as culturas e as identidades em movimento, em um processo de crioulização que envolve todos os povos na atualidade. Acreditamos, à luz deste capítulo sobre *Cinzas do Norte*, que a reflexão de Glissant ilumina a presente leitura e enriquece-se a partir dela.

Édouard Glissant, que nasceu na Martinica, situada nas Antilhas francesas, assume em tal obra o pressuposto de que o mundo se criouliza no momento histórico atual e que somente através de uma “poética da Relação” será possível tratar de maneira efetiva o fato de que culturas compósitas tendem ao atavismo, da mesma maneira que culturas atávicas começam a se crioulizar.

O autor acredita, então, partindo de uma análise das identidades culturais do Caribe e das Américas, como mencionamos, que as culturas hoje não *são*, mas *estão sendo* dentro de um processo de Relação. Ele considera, ademais, que nesse processo há uma função emancipatória das literaturas dos povos em face da dominação política e econômica.

No início de sua reflexão, Glissant aponta que as culturas atávicas – onde a crioulização se deu há muito tempo – consideraram a identidade como algo devido a uma raiz única, que exclui o outro. Tal consideração, segundo o autor, evidencia-se quando observamos as culturas compósitas, onde a crioulização se deu há pouco tempo. É o caso dos países colonizados, que sofreram a imposição das culturas européias. Ainda segundo Glissant, essa oposição, entre cultura atávica e cultura compósita, bem representada pelos países colonizadores e os países colonizados, começa a perder a força no momento histórico atual, de modo que “[e]ssa visão de identidade se opõe à noção hoje ‘real’ (...), ou seja, da identidade como rizoma, da identidade não como raiz única mas como raiz indo ao encontro

paisagem londrina. Cf. ETTE, O. *ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Kulturverlag Kadmos, Belim, 2005, p. 196.

¹⁷⁴ GLISSANT, É. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

de outras raízes”¹⁷⁵. A visão de que o mundo se crioula, e de isso englobar inclusive as culturas atávicas, é seu principal pressuposto para pensar em uma “poética da Relação”:

Ora, no atual panorama do mundo uma questão importante se apresenta: como ser si mesmo sem fechar-se ao outro, e como abrir-se ao outro sem perder-se a si mesmo? Essa é a questão que as culturas compósitas no mundo das Américas propõem e ilustram. Onde fica o ponto de tangência entre essas culturas compósitas que tendem ao atavismo e essas culturas atávicas que começam a crioular-se? (...) é necessário renunciarmos à espiritualidade, à mentalidade e ao imaginário movidos pela concepção de uma identidade raiz única que mata tudo à sua volta, para estarmos na difícil complexão de uma identidade relação, de uma identidade que comporta uma abertura ao outro, sem perigo de diluição? (...) E, no meu entendimento, somente uma poética da Relação, ou seja, um imaginário, que nos permitirá “compreender” essas fases e essas implicações das situações dos povos no mundo de hoje, nos autorizará talvez a tentar sair do confinamento ao qual estamos reduzidos.¹⁷⁶

As considerações de Glissant a respeito de um novo panorama sobre identidade no momento atual vão ao encontro das considerações apontadas em nossa pesquisa no capítulo “Identidade”. Assim como Glissant, apontamos – em diálogo com Eagleton, Anderson, Hall, Bhabha e Bauman – que começa a surgir na contemporaneidade, especialmente graças a um processo que vem colocando as culturas cada vez mais em contato entre si, uma nova concepção de identidade. Como Glissant afirma na mesma obra, “[c]hegamos a um momento da vida das humanidades em que o ser humano começa a aceitar a idéia de que ele mesmo está em perpetuo processo. Ele não é ser, mas sendo.”¹⁷⁷

Esse contato entre as culturas, segundo Glissant, impulsiona ainda uma nova concepção sobre a idéia de centro e de periferia. Os grandes centros, que antes eram os únicos operantes, começam a perder força e os pensamentos regionais também passam a ser pensamentos centrais:

Assim, por exemplo na Europa, é perfeitamente evidente que as fronteiras das nações tendem a enfraquecer-se, ao passo que as regiões tendem a destacar-se. Essas regiões ainda sofrem devido à existência das nações cuja tendência é justamente a de torná-las periféricas – considerá-las como dependentes de um centro. Assim, por exemplo, no meu entendimento, alguns dos pensamentos mais marcantes destes últimos tempos foram formulados a partir daquilo que chamei de periferia em relação a centros. Esse centros são cada vez menos os únicos operantes, os únicos importantes e presentes no pensamento. Os pensamentos regionais tornam-se pensamentos centrais, o que significa que de fato não existe mais centro e não existe mais periferia. (...) No rizoma da totalidade-mundo, os centros e periferias são noções caducas. Velhos reflexos mantêm ainda a sua força, mas eles são vistos cada vez

¹⁷⁵ GLISSANT, É. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 27.

¹⁷⁶ Idem, p. 28-29.

¹⁷⁷ Ibidem, p. 33.

mais como ridículos e inoperantes. Essa é a minha primeira observação. A conseqüência da existência de regiões que transformam os continentes em arquipélagos é que o pensamento dos continentes se torna cada vez menos denso, espesso e pesado; e o pensamento dos arquipélagos cada vez mais fecundante e efervescente. Por um lado, há esse sistema que se desfaz e se refaz em realidade não sistemática; mas por outro, há o fato de que essa regionalização, no belo sentido da palavra, ainda está associada a velha idéia de identidade de raiz única. E certas regiões que se reafirmaram recentemente tendem a constituir-se em nações tão sectárias e intolerantes quanto as antigas nações. (...) – digamos que nós nos orientamos, no sentido “Oriente” do termo, rumo a situações nas quais realidades culturais regionais não serão mais consideradas como periferias nem como centros, mas como multiplicidades efervescentes – não há outra palavra para expressá-lo – da realidade da totalidade-mundo.¹⁷⁸

Segundo Glissant, pode-se traçar um paralelo entre os apontamentos acima e a época do classicismo, quando, também no âmbito da literatura, se procurava impor valores às culturas compósitas como se fossem valores universais. Esse processo, como apontado pelo autor na passagem acima, tende a perder a força no momento histórico atual e se evidencia em todas as literaturas, especialmente no mundo ocidental e europeu:

Significa que todas as literaturas, especialmente no mundo ocidental e europeu, foram surdamente impulsionadas pela idéia de que os valores de toda literatura – expressos por uma literatura particular a uma dada cultura ou por uma literatura nacional onde existem nações – alicerçam-se na secreta esperança de que eles se tornarão valores universais válidos para todos. No meu entendimento, essa é uma má utilização do lugar. O lugar é incontornável mas não é exportável, do ponto de vista dos valores. Não se pode generalizar valores particulares, mas pode-se quantificar todas as espécies de valores particulares, não para “extrair” valores universais, mas para constituir um rizoma, um campo, um tecido, uma trama de valores diferentes, mas que todo o tempo se entrecrocamos e se entrecruzamos. Trata-se de algo diferente de pensar que o seu próprio valor se tornará um valor universal. Na minha opinião, pensar que seu próprio valor participa de um entrecruzamento de valores da totalidade mundo, é um projeto muito maior, nobre e generoso do que o projeto de tentar fazer com que o seu próprio valor se torne válido para o mundo inteiro. Para mim, o classicismo se manifesta quando um valor particular quer ser válido universalmente e tende a isso. Penso que precisamos abandonar a idéia de universal. O universal é um engodo, um sonho enganoso. Precisamos conceber a totalidade-mundo como totalidade, ou seja, como quantidade realizada e não como valor sublimado a partir de valores particulares. Isso é fundamental e transforma, sem que nos demos conta, a maioria dos dados da literatura mundial nos dias de hoje.¹⁷⁹

Vale observarmos que esse deslocamento e essa procura de Mundo por um lugar de realização em vista dos processos de identificação que vive ao longo da narrativa, parecem-nos exemplificar as considerações de Édouard Glissant nas últimas citações feitas acima.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 161-162.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 159-160.

Na narrativa de *Cinzas do Norte*, onde tratamos o descolamento da personagem Mundo como foco de análise, se evidencia primeiramente um possível contraste entre cidades e regiões no próprio Brasil, bem representados pela Manaus moderna, em relação a região interiorana do Estado do Amazonas – aqui bem representada pela Vila Amazônia, onde o pai de Mundo pretende plantar a civilização e explora as riquezas da região, assim como os indígenas e imigrantes – e a Manaus provinciana, em relação ao Rio de Janeiro – que é apontado primeiramente na narrativa como uma cidade cosmopolita e modernizada.

Quando Mundo se decepciona com a política da ditadura muito bem instalada também no Rio há, ademais, uma exaltação maior da ideia que se faz de Europa, para onde a personagem se desloca em busca de melhores condições para viver e desenvolver sua arte. Ao longo da narrativa, contudo, tanto Berlim Ocidental como Londres¹⁸⁰, são descritas como cidades que parecem crioulizar-se, no sentido proposto por Glissant. Ambas possuem uma identidade que perde sua força de raiz única e se aproxima do que o pensador chama de identidade como rizoma, em contato cada vez mais evidente com outras culturas, especialmente pela imigração.

É interessante observar, ademais, que a personagem Mundo, no final da narrativa, escolhe o Rio para morrer. Mesmo que a cidade não seja sua terra natal, ela se localiza no seu país natal, reforçando o que Glissant aponta como um possível “(...) retorno, um movimento inverso, uma reapropriação da terra, não como território, mas como terra (...), com o objetivo de reformular, de reestruturar o imaginário do homem”¹⁸¹. O Rio, essa cidade dos desgarrados, como menciona Mundo na narrativa, talvez represente a admissão de que voltar ao lugar de origem é impossível, no sentido de que nunca se é o mesmo depois de sair, de modo que ao voltar só lhe resta a possibilidade de reestruturar o imaginário do homem. Como o próprio Hatoum explica a escolha da epígrafe do romance, no sentido de que ela aponta para o fato de que pertencer a um lugar não impede que se adira afetivamente e intelectualmente a outros lugares. Tais apontamentos, segundo nossa compreensão, vai ao encontro das considerações de Glissant sobre a ideia de identidade como rizoma e não como raiz única, já que ao rizoma sempre se agrega novas raízes e nunca se é necessário substituí-las a medida que se dá o contato com outras.

¹⁸⁰ É curioso observar que em Londres, onde Mundo alimenta a última esperança de prosperar na Europa, a personagem vai viver na Vila Road, o que nos parece ampliar ainda mais esse contraste entre metrópole e província, de modo que parece haver uma província dentro da própria metrópole.

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 158.

Como apontamos no início de nossa apresentação sobre as considerações de Glissant, essa nova noção de identidade no momento atual só poderia ser resolvida através da compreensão de uma “poética da Relação”, que vem bem representada pela produção literária contemporânea. O autor aponta que a literatura ocupa um lugar comum, ou seja, um lugar onde um pensamento do mundo confirma um pensamento do mundo, afirmação que reafirma nossa compreensão sobre a produção literária existente exposta na “Introdução” da presente pesquisa. Glissant ainda afirma, ademais, que mesmo quando a literatura se preocupava em explorar os recônditos mais secretamente preservados do ser humano, negligenciando uma relação com o mundo, ela ainda defendia uma concepção de mundo. Nas palavras do próprio autor,

a literatura não é produzida em suspensão, não se trata de algo em suspensão no ar. Ela provém de um lugar, há um lugar incontornável de emissão da obra literária. Mas, em nossos dias, a obra literária convirá tanto mais ao lugar quanto mais estabelecer uma relação entre esse lugar e a totalidade-mundo.¹⁸²

Acreditamos, por fim, e como procuramos demonstrar através de um mapeamento das passagens do romance, que ao observarmos a configuração espacial segundo uma perspectiva que entende localidades e ambientes da narrativa como espaços da identidade seja possível afirmar que as descrições e figurações das localizações são impulsionadas pelos processos de identificação das personagens. Esses lugares passam a ser compreendidos como reveladores de problemáticas humanas que envolvem não somente relações entre uma e outra personagem, mas também a relação estabelecida por elas com o coletivo, como no caso do apoio de Jano aos militares e também a revolta de Mundo com o governo na ditadura.

Ademais, procuramos também apontar que através dessa proposta de pesquisa, que toma o espaço como um espaço da identidade, é possível identificar outras problematizações na narrativa, como a relação de Manaus com a região interiorana do Estado, de Manaus com o Rio de Janeiro e também da Europa com o Brasil.

Compreendemos, enfim, que ao observar os processos de identificação da personagem Mundo, segundo a perspectiva que considera a obra literária como produto de uma comunidade discursiva e que fala para a mesma, seja possível apontarmos para questões que tratam, em *Cinzas do Norte*, de um sujeito pós-moderno, fragmentado, que em meio a condições favoráveis de mobilidade tem os processos de identificação intensificados. Isso

¹⁸² Ibidem, p. 41-42.

possibilita, inclusive, questionamentos mais críticos e reveladores sobre as condições culturais que rodeiam esse sujeito, o que favorece, em última instância, um diálogo entre a Literatura com outras áreas do saber.

3.3 Órfãos do Eldorado, órfãos do Norte

*Dizes: “Vou para outra terra, vou para outro mar.
Encontrarei uma cidade melhor do que esta.
Todo o meu esforço é uma condenação escrita,
E meu coração, como o de um morto, está enterrado.
Até quando minha alma vai permanecer neste marasmo?
Para onde olho, qualquer lugar que meu olhar alcança,
Só vejo minha vida em negras ruínas
Onde passei tantos anos, e os destruí e desperdicei.”*

*Não encontrarás novas terras, nem outros mares.
A cidade irá contigo. Andarás sem rumo
Pelas mesmas ruas. Vais envelhecer no mesmo bairro,
Teu cabelo vai embranquecer nas mesmas casas.
Sempre chegarás a esta cidade. Não esperes ir a outro lugar,
Não há barco nem caminho para ti.
Como dissipaste tua vida aqui
Neste pequeno lugar, arruinaste-a na terra inteira.*

A cidade, 1910
Kontantinos Kaváfis
(Epígrafe de *Órfãos do Eldorado*)

Assim como apresentamos no subcapítulo “Cinzas do Norte”, procuraremos expor, no presente subcapítulo, um mapeamento de passagens do romance *Órfãos do Eldorado* (2008)¹⁸³ que se concentra em demonstrar como se constrói o que chamamos de espaço da identidade das personagens.

O mapeamento que será exposto se concentra na personagem narrador Arminto Cordovil, que ao longo da narrativa descreve a sua história junto à história de sua família. Ao observarmos a narrativa em torno da construção da personagem narrador Arminto, procuraremos demonstrar, segundo a nossa proposta que se volta à configuração espacial literária, como se dá a relação da personagem com a sua cidade natal Vila Bela – localidade no interior do Estado do Amazonas –, o palácio branco – residência da família –, a cidade de Manaus, a fazenda Boa Vida – propriedade da família localizada no interior do Estado do Amazonas – e, por fim, a cidade de Belém.

Como apontamos no subcapítulo “Cinzas do Norte”, ao voltarmos a nossa atenção à configuração espacial nas obras literárias a serem estudadas, não deixaremos de lado outros elementos que fazem parte da narrativa, como por exemplo, a relação entre personagens e

¹⁸³ HATOUM, M. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

referências ao contexto histórico e mítico. É importante ressaltar mais uma vez que toda a reflexão teórica feita até o momento, em especial no primeiro e segundo capítulo da presente pesquisa, nos elucida e nos orienta no momento em que propomos a análise das obras no terceiro capítulo; não para embasar uma interpretação dada previamente, mas de modo que seja possível, através de conceitos e pensamentos de natureza teórica, afirmar o poder reflexivo que existe no objeto literário e que possibilita um diálogo entre os teóricos apontados anteriormente e a construção narrativa presente nas obras.

Como epígrafe de *Órfãos do Eldorado*, reproduzido no início do presente subcapítulo, o leitor encontra o poema “A cidade” (1910), de Konstantinos Kaváfis. O mesmo poema ganha maior representatividade na leitura que propomos, já que é o mesmo que será traduzido durante a narrativa pela personagem Estiliano, advogado e melhor amigo da personagem Amando Cordovil, pai de Arminto. Tal poema, cuja temática aponta para a impossibilidade de se encontrar uma cidade melhor para viver, revela a principal problemática que o narrador-personagem Arminto Cordovil viverá ao longo da narrativa. Estiliano, em gesto significativo, inclusive presenteia Arminto com sua tradução do poema. Ao observarmos os versos “Como dissipaste tua vida aqui/ Neste pequeno lugar, arruinaste-a na terra inteira”, do mesmo poema, podemos traçar uma ligação entre aspectos no processo de identificação das personagens e a relação que elas estabelecem com determinadas localidades.

O romance *Órfãos do Eldorado* é iniciado com a referência ao mito amazônico da Cidade Encantada. Localizada no fundo do rio, a Cidade Encantada é um exemplo de harmonia, de riqueza e esplendor, onde as pessoas vivem como seres encantados, seduzidos a irem até lá por seres das águas ou das florestas. Arminto conhece o mito pela primeira vez através de Florita, personagem indígena que o cria desde bebê por conta da morte prematura de sua mãe durante o parto; “(...) essa moça me criou. A primeira mulher na minha memória. Florita”¹⁸⁴.

A personagem Florita, que conhecia a língua indígena – mencionada como língua geral no romance¹⁸⁵ – traduz o mito da Cidade Encantada para Arminto na primeira cena do romance em que uma personagem de ascendência indígena “falava e apontava o rio”¹⁸⁶:

Agora ia morar com o amante, lá no fundo das águas. Queria viver num mundo melhor, sem tanto sofrimento, desgraça. (...) [Ela] nadava com calma, na direção das ilhas das Ciganas. O

¹⁸⁴ Idem, p. 69.

¹⁸⁵ Ibidem, p. 13.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 11.

corpo foi sumindo no rio iluminado, aí alguém gritou: A doida vai se afogar. Os barqueiros navegaram até a ilha, mas não encontraram a mulher. Desapareceu. Nunca mais voltou. (...) depois Florita repetia as histórias em casa, nas noites de solidão da infância. (...) Eu tinha uns nove ou dez anos, nunca mais esqueci. Alguém ainda ouve essas vozes? Fiquei cismado, porque há um momento em que as histórias fazem parte da nossa vida.¹⁸⁷

A cena que Arminto presencia, assim como o mito traduzido por Florita, ainda tomará dimensões maiores na narrativa, já que mais adiante Arminto ainda narrará sobre sua paixão por Dinaura, que foge após a noite de amor dos dois. Depois disso, comenta-se na comunidade que ela teria ido para a Cidade Encantada. Na citação acima, ademais, quando Arminto aponta para momentos em que “as histórias fazem parte de nossa vida”, podemos fazer um paralelo com o que expomos no capítulo “Identidade”, em diálogo com *Comunidade Imaginadas* (2008)¹⁸⁸, de Benedict Anderson. O narrador consegue identificar no seu presente algo que se associa ao seu passado, um passado (ou mito) de uma comunidade indígena com que a personagem se identifica; uma comunidade localizada em um espaço e tempo simbólicos, mas que será reconhecida por Arminto no seu presente como parte de sua história.

Essa ligação de Arminto com a cultura indígena e os mitos amazônicos é alimentada por sua estreita relação com Florita, que ao longo da narrativa ainda alertará Arminto com seus presságios:

Tentei convencer Florita de que, ao voltar de Belém, eu compraria uma casa no bairro de Santa Clara, onde moraríamos juntos. (...) E então [Florita] sussurrou com ódio: Vais voltar de Belém com o demônio no coração.¹⁸⁹

Os presságios de Florita e seu ar de mistério em muitas descrições do narrador podem ser compreendidos como se fossem motivados tanto por um sentimento materno de proteção como também por ciúmes. Florita, primeira mulher da memória de Arminto, será com quem a personagem estabelecerá uma relação materna, mas também de primeira mulher, já que Florita é quem o inicia sexualmente.

A vida de Arminto em Vila Bela, sua cidade natal, parece-nos também fortemente ligada a figura de Florita. Ao contrário de Amando Cordovil, pai de Arminto, Florita sempre se preocupou em agradá-lo e mimá-lo, revelando-se como mãe, amiga e também como

¹⁸⁷ Ibidem, p. 11-13.

¹⁸⁸ ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁸⁹ HATOUM, M. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 74-75.

mulher apaixonada. Na citação abaixo, no primeiro retorno de Arminto de Manaus para Vila Bela, temos a seguinte descrição do narrador:

Talita cuidava do quintal e limpava a cabeça de pedra no centro da fonte. A cabeça de minha mãe, que Amando mandara esculpir quando ela morreu. Desde pequeno eu costumava olhar o rosto jovem, os olhos de pedra, cinzentos, que pareciam me interrogar. Estava ajoelhado diante da cabeça quando senti o cheiro de essências da perfumaria Bonplant. Florita me avisou que a banheira estava cheia. Depois do banho ela serviu o almoço (...) ¹⁹⁰

Enquanto a memória de Angelina, mãe de Arminto, é representada pela cabeça de pedra na fonte do palácio branco, residência da família, Florita é a personagem que o recebe em casa, prepara seu banho e sua comida, a mulher que se preocupa em proporcionar a Arminto a sensação de chegada ao lar.

Amando, ao contrário de Florita, é a personagem que se esforça em manter o lugar da esposa falecida no palácio branco, impõe-se como figura de patriarca na casa; um pai que não dá lugar ao filho em sua vida, vê nele uma decepção e, ademais, aponta-o como culpado pela morte de Angelina durante o parto.

A relação de pai e filho parece-nos também influenciar negativamente a relação que Arminto mantém com Vila Bela. Na cidade natal da família Cordovil, Amando é um homem conhecido, respeitado e que mantém relações políticas estreitas com os governantes no poder. Amando é um homem amado pelo povo da cidade, admirado, ao contrário de Arminto que, visto sempre em comparação com o pai, é o filho que não deu certo, que não herdou as qualidades dos Cordovil.

Como mencionamos, a relação de Arminto com Vila Bela se constrói estreitamente ligada à relação que ele mantém com Florita e Amando. Se, por um lado, Arminto se acolhe na dedicação de Florita, ele se sente, por outro, rejeitado pelo pai, que além de carregar a lembrança de ter perdido a esposa quando ela dá a luz ao único filho, ainda tem que lidar com a postura avessa do filho. Esse contraste entre pai e filho é, ademais, algo também apontado pela população que venera Amando em Vila Bela, o que provoca em Arminto um sentimento de rejeição ainda maior.

Essa dificuldade em se realizar em Vila Bela – cidade em que Arminto se sente em casa, mas ao mesmo tempo tem vontade de abandonar – será evidenciada na narrativa especialmente na descrição que começa quando Arminto vai embora de sua cidade natal pela

¹⁹⁰ Idem, p. 26.

primeira vez. Amando se enfurece ao saber da noite do filho com Florita e o manda imediatamente para Manaus, onde deve morar na pensão Saturno, uma “pensão de pês-rapados”, sob os olhos do pai, “uma punição contra o filho lascivo”¹⁹¹.

Diferentes descrições da cidade de Manaus pela personagem em diferentes momentos de sua vida evidenciam a relação entre a figuração da cidade e o percurso na formação identitária. A perspectivação do lugar de origem, e as decorrentes mudanças sofridas por ele segundo a transformação da personagem em seu percurso formativo, constituem sinal claro da imbricação entre o espaço como elemento narrativo e a significação da identidade do romance. A primeira consideração de Arminto sobre a cidade é parte de sua memória de infância:

Ele [Amando] passava a maior parte do tempo em Manaus. Ia de bonde ao escritório e trabalhava até quando estava dormindo, como ele mesmo dizia. Mas vinha com frequência para cá. Meu pai gostava de Vila Bela, tinha um apego doentio pela terra natal. Antes de morar na Saturno, fui duas ou três vezes de férias para Manaus. Não queria voltar para Vila Bela. Era uma viagem no tempo, um século de atraso. Manaus tinha tudo: luz elétrica, telefone, jornais, cinemas, teatros, ópera.¹⁹²

Enquanto o pai mantinha apenas uma relação de negócios com Manaus, Arminto, já quando criança, via a cidade com encantamento em comparação a Vila Bela. Esse encantamento ainda prosseguirá quando Arminto se muda pela primeira vez para Manaus, mesmo que para cumprir um castigo do pai.

Após pouco tempo na capital amazonense, Arminto se dedicará aos estudos e entrará no curso de direito da Universidade Livre de Manaus. É nesse momento da narrativa que a personagem-narrador procura cortar os laços de dependência com o pai, procurando então se estabelecer na cidade por conta própria e, ao mesmo tempo, tentando estabelecer uma relação de confiança com Amando por conta de sua nova postura:

Fui embora da pensão [Saturno] quando entrei na Universidade Livre de Manaus. E na mesma semana Juvêncio também saiu da Saturno. Ele foi morar na calçada do High Life Bar, e eu, no alto da mercearia Cosmopolita, na rua Marquês de Santa Cruz. Era um quarto espaçoso, com uma janela que dava para os edifícios da alfândega e da guardamoria. Na Cosmopolita conheci a cidade. O coração e os olhos de Manaus estão nos portos e na beira do Negro.¹⁹³

¹⁹¹ Ibidem, p.18.

¹⁹² Ibidem, p.17.

¹⁹³ Ibidem, p.19.

Nesse momento da narrativa, procurando se entender com o pai, Arminto acredita que precisa encontrar a sua independência e então se afastar da figura paterna. Tal procedimento, no entanto, que proporciona à personagem conhecer melhor a cidade e começar a construir sua identidade sem ficar sob a sombra do pai, é mau visto por Amando, que influenciará para que Arminto perca o emprego e não possa mais manter sua vida sozinho.

Outro detalhe que chama atenção é o nome da pensão, *Cosmopolita*, que ademais oferece vista para o porto junto ao rio Negro que, segundo o narrador, constitui os olhos de Manaus. Como mencionamos no subcapítulo “Cinzas do Norte”, a imagem do porto, um lugar de constantes idas e vindas, de entrada e saída, parece ter grande significância também em *Órfãos do Eldorado*, já que também aqui se observam diversas personagens à procura de um lugar melhor para viver.

O fato de a pensão chamar-se *Cosmopolita*, o fato de Arminto ir morar nela justamente no momento em que procura ser um anônimo e viver por conta própria e o fato de ela se localizar próximo ao porto parecem todos indicar que esse lugar representa, em sua figuração e caracterização, os anseios de Arminto naquele momento da narrativa, em vista de sua constituição identitária.

Após um período se sustentando sozinho, Arminto, quando vai buscar algumas caixas no trabalho, encontra por acaso seu pai e, depois de alguns dias, é demitido do emprego. Sem nunca ter sabido se isso aconteceu a mando de seu pai ou não, ele passa a trabalhar na Roadway, no embarque e desembarque dos passageiros no porto. É nesse momento da narrativa que a personagem, que começa a viver de gorjetas e presentes, vai ter contato direto com o trânsito de pessoas do mundo todo, pessoas que estão sempre chegando ou partindo, e observará, por outro lado, o contraste da pobreza daqueles que não têm a possibilidade de sair da cidade:

Já me acostumava com o trabalho na Roadway. Conversava com jovens que iam estudar no Recife, em Salvador e no Rio de Janeiro. Outros iam para a Europa. Chegava gente de muitos países e de todos os cantos do Brasil. O problema eram os pobres, o governo não sabia o que fazer com eles. As praças amanheciam com famílias que dormiam sobre jornais velhos, e eu podia ler notícias sobre meu pai nessas folhas amassadas e sujas.¹⁹⁴

¹⁹⁴ Ibidem, p.21-22.

Nesse momento da narrativa, quando Amando pretende ampliar os negócios e ganhar ajuda do governo para comprar mais um cargueiro – o *Eldorado* –, Estiliano, advogado e grande amigo de Amando, entra em contato com Arminto e pede para que ele desembarque em Vila Bela antes do Natal para conversar com o pai. Ao se decidir por voltar a Vila Bela e retomar o contato com Amando, a personagem-narrador, depois de avisar que não mais alugaria o quarto na *Cosmopolita*, recebe prontamente do dono da mercearia a passagem para Vila Bela. Temos na seguinte passagem:

Tive a impressão de que todos conheciam meus passos, e fiquei surpreso quando o dono da mercearia me entregou uma passagem para Vila Bela no La Plata e um bilhete datilografado: Reunião na casa do advogado Stelios às 17 horas do dia 24 de dezembro. AC. Amando havia calculado tudo: a data do embarque, o navio, a hora e o lugar do encontro.¹⁹⁵

É interessante notar na citação acima que a personagem-narrador, apesar de ter tentado seguir seu caminho sem a ajuda do pai no período que passou em Manaus, chega à conclusão de que nunca pôde realizar essa autonomia completamente, já que, mesmo de longe, Amando parece ter seguido seus passos. Observaremos, ademais, no decorrer da exposição do presente subcapítulo, que a imagem de Amando e sua influência não deixarão Arminto ao longo da narrativa. Na citação abaixo, quando a personagem chega em Vila Bela, temos a seguinte descrição:

Mas o fato é que viajei com a expectativa de conversar com o meu pai. Desembarquei em Vila Bela às duas horas da tarde de 24 de dezembro e, quando avistei o palácio branco, senti a emoção e o peso de quem volta para casa. Aqui eu era outro. Quer dizer, eu mesmo: Arminto, filho de Amando Cordovil, neto de Edílio Cordovil, filhos de Vila Bela e deste rio Amazonas.
(...) [P]erguntei se ela [Florita] sabia que eu [Arminto] vinha.
Tu e teu pai não conseguem viver longe daqui, respondeu.¹⁹⁶

A emoção e o peso que Arminto narra sentir ao voltar a Vila Bela, parece-nos bastante revelador no romance, já que tal descrição nos parece apontar claramente para o conforto que o poder do pai também lhe é capaz de proporcionar. Mesmo que a personagem carregue o peso de ser um Cordovil que não corresponde às expectativas alheias, ele ainda é um Cordovil e não um anônimo em Vila Bela. Arminto, mesmo querendo ser ele mesmo sem

¹⁹⁵ Ibidem, p. 25.

¹⁹⁶ Idem, Ibidem.

a sombra da família, não consegue se desvencilhar completamente, de modo que sua condição de filho de um Cordovil o perseguirá ao longo de toda narrativa.

Quando chega a Vila Bela, Arminto não encontra o pai imediatamente e é recebido sim por Florita, que o espera com banho pronto e também o almoço. Após a recepção de Florita no palácio branco, Arminto sai pelas ruas da cidade e encontra Amando acidentalmente. É nesse momento que os dois se encontrarão pela última vez, quando o filho presencia a morte do pai. Na seguinte passagem temos:

O jardineiro do colégio abriu o portão, e o homem alto e forte apareceu. Paletó e calça escuros. Ele não usava chapéu. Pensei que seria o momento certo para antecipar a nossa conversa. Entre nós dois havia a sombra da minha mãe: o sofrimento que ele suportava desde a morte dela. Para Amando eu era algoz de uma história de amor. Tive medo do confronto, e hesitei. Ele andou com passos rápidos, as mãos fechadas como se os dedos tivessem sido amputados, o olhar em algum ponto em sua frente. O cabelo bem penteado parecia uma armadura. Meu pai caminhava para o palácio branco. Quando saí da sombra, ele ergueu a cabeça para o sino da torre, virou o corpo e tomou a direção da rua do Matadouro. Acho que havia decidido ir logo à casa de Estiliano. No fim da praça, parou, e as mãos cruzadas agarraram o ombro, como se ele abraçasse o próprio corpo. Dobrou as pernas lentamente e ficou de joelhos. A cabeça brilhava no canto da praça. O homem ia cair de boca mas ele se contorceu, arriou de costas. Gritei o nome dele e corri. Deitado, ele me olhava, o rosto engelhado de dor. Fiquei atrapalhado massageando seu peito. Depois, o único abraço, no pai morto. O homem que eu mais temia estava nos meus braços. Quietos.¹⁹⁷

Nesse momento tão significativo da narrativa, parece-nos clara a condição de Arminto, de um filho que teme e ama a figura do pai, que anseia a aceitação e a intimidade, mas que se sente rejeitado, frustrado, de certa forma, por não corresponder as expectativas do pai e, talvez em grande medida por conta disso, procura se livrar da figura paterna.

Após a morte de Amando, Arminto resolve se mudar definitivamente para Vila Bela. A personagem narrador, único herdeiro da família, tem a chance, a partir de então, de administrar os negócios do pai e refazer a sua vida. Arminto, no entanto, ao invés de tentar se conciliar com a figura paterna, procurará se livrar dela. Curiosamente, é também a partir desse momento na narrativa que a personagem começa a perceber com mais força a presença paterna, não só através das relações que passa a ter por conta dos negócios do pai, mas também por conta dos próprios espaços físicos, em especial do palácio branco, residência da família, e da fazenda Boa Vida. Na citação abaixo tem-se a primeira descrição do palácio branco após a morte do pai:

¹⁹⁷ Ibidem, p. 27.

O quarto onde ele dormia no palácio branco permaneceu do mesmo jeito. Só mudei o lugar da rede na sala. Durante a sesta, o corpo de Amando barrava a passagem para as janelas. Encurtei os cabos e aproximei a rede da janela do meio. Assim podia ver a rampa do Mercado e o rio, podia sentir a vida que vinha das águas.

Florita reagiu com muita tristeza à morte do patrão. Usava roupa branca em vez de luto fechado e não deixou de cozinhar os pratos preferidos de meu pai. Por distração ou hábito, às vezes ela arrumava no centro da mesa o prato e os talheres de Amando; eu comia sozinho, e não olhava o lugar vazio.¹⁹⁸

A vida de Arminto em Vila Bela começa a entrar em decadência. A personagem-narrador, atormentada pela sombra do pai, não consegue se interessar pelos negócios e passa, então, a esbanjar a fortuna que recebeu, usufruindo do dinheiro e dos bens sem comprometer-se com a continuidade do trabalho. É nesse momento, que os laços entre Arminto e Estiliano, advogado e amigo de Amando, começam a se estreitar, de modo que Estiliano passa a exercer um papel de amigo e também de conselheiro de Arminto.

Com a morte de Amando, a personagem narrador passa a estabelecer uma nova relação com Vila Bela, de modo que a cidade natal passa a representar as obrigações que ele teria com os negócios da família. Nesse período, Arminto, que “não agüentava ficar dois meses sem ir para Manaus”¹⁹⁹, começa a se distanciar cada vez mais dos negócios, até que, junto à crise econômica da época, naufraga o cargueiro da família, o *Eldorado*. Naturalmente, isso complica ainda mais a situação financeira de Arminto.

Como observamos, o cargueiro *Eldorado*, último investimento de Amando, prometia uma grande ascensão financeira e, depois do naufrágio, a fortuna da família passa a ser ameaçada, o que representa na narrativa o início da decadência financeira da família. É possível aqui fazer um paralelo entre o nome do cargueiro e a lenda do Eldorado, que mencionamos no subcapítulo “Cinzas do Norte”. Parece-nos que a lenda – baseada na expectativa da descoberta de um lugar de fartura e riqueza, que no romance se situa em um navio, lugar móvel e flutuante – elucida a representatividade desse elemento em *Órfãos do Eldorado*. O navio representa o enriquecimento, a fortuna, e, depois do naufrágio, as ruínas.

Diante de toda a crise financeira, principalmente por conta do naufrágio, Arminto ainda vive o desencontro com a misteriosa Dinaura, uma moça de ascendência indígena que ele viu pela primeira vez no enterro de seu pai. Dinaura, moça órfã que vivia no convento das Carmelitas, também ajudado por Amando, é a mulher por quem Arminto se apaixona perdidamente. Após a única noite de amor entre os dois, ela desaparece. O paradeiro de

¹⁹⁸ Ibidem, p. 29.

¹⁹⁹ Ibidem, p. 30.

Dinaura é descrito como um mistério pela personagem-narrador. Por um lado, as pessoas de Vila Bela dizem que ela havia ido para Cidade Encantada, por outro, a diretora do convento mantém segredo sobre as origens e também sobre o destino da moça.

A paixão de Arminto por Dinaura parece-nos ser motivo para uma nova e única possibilidade de felicidade, tanto antes da moça desaparecer como depois. Durante a noite de amor com Dinaura temos a seguinte declaração de Arminto:

Eu guardava as palavras no meu pensamento. Um dia viajaríamos juntos, conheceríamos outras cidades. Ela olhava a outra margem do Amazonas, como num sonho. Íamos casar e depois viver em Manaus ou em Belém, quem sabe no Rio. A chuva se aproximou com uma zoadada de cachoeira. Parecia que estávamos sozinhos na cidade e no mundo.²⁰⁰

A personagem antevê uma nova possibilidade de recomeçar. Mas dentre as cidades citadas pelo narrador curiosamente não está Vila Bela, o que nos parece representar mais uma vez a tentativa de se livrar da imagem do pai, tão presente na cidade natal da família; é como se nesse momento da narrativa, ademais, Arminto já concluísse a impossibilidade de realização na terra natal, onde sua imagem está intimamente vinculada a do pai, como se ele admitisse o próprio fracasso em vista da tentativa de corresponder as expectativas de Amando. Essa distância que a personagem começa estabelecer com Vila Bela é enfatizada pela sensação expressa de estar sozinho na cidade e no mundo.

Essa possibilidade de recomeço, como mencionamos, será impedida pelo sumiço de Dinaura, notícia recebida por Arminto quando volta da viagem que faz para Manaus para tentar resolver os problemas financeiros após o naufrágio do *Eldorado*. O romance esclarece:

Florita jurou que [Dinaura] não estava em Vila Bela.
Como tu sabes?
Quem sonha com outro mundo não pode estar aqui. Muito menos uma amante arrependida.
Esperou meu olhar de interrogação e acrescentou: Dinaura foi morar numa cidade encantada.²⁰¹

Parece-nos que a busca por Dinaura é mais um motivo para que Arminto se aliene sobre a situação financeira em que se encontra, de modo que a personagem fará disso uma obsessão, vivendo somente na esperança do reencontro e terminando de gastar o que resta.

Na tentativa de resolver seus problemas financeiros, Estiliano aconselha Arminto a vender todos os bens, como a fazenda Boa Vida e também o palácio branco. As reflexões

²⁰⁰ HATOUM, M. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 51.

²⁰¹ Idem, p. 62.

sobre a relação de Arminto com os dois lugares marcam a configuração dos episódios de venda das propriedades e carregam de significados essa providência prática, que se vê relacionada a processos de identificação da personagem, em especial com o pai, Amando. Antes de vender a fazenda Boa Vida, Arminto faz uma última visita ao lugar. A personagem começa a narrativa desse episódio lembrando-se da história que o pai sempre lhe contava, do dia em que mandou matar o homem que se interessou por Angelina:

A árvore mais alta deste mundo, meu pai dizia. Um safado que trabalhava na Boa Vida mexeu com tua mãe. Foi enforcado num galho alto. Ele já estava morto quando atirei na corda. O corpo caiu na água e depois foi colocado numa balsa que o rio levou. Dois homens seguiram a balsa e se divertiram, atirando no pescoço de um cadáver. Lá embaixo, próximo do Paraná do Ramos, espetaram a cabeça do atrevido numa estaca. Os urubus gostaram, e ninguém nunca mais mexeu com tua mãe. Ninguém. Ela viveu para mim até o dia em que te pariu. O rifle, o chapéu e as botas de Amando pendurados na parede do quarto. E a fotografia do rosto dele, entre a arma e o chapéu. Estiliano conhecia essa história? E Florita e madre Caminal? O que um amigo sabe de um amigo? Ou cala? Eu me sentia mal na Boa Vida.²⁰²

Na descrição desse momento, a personagem-narrador não só se lembra do episódio com a mãe, e da saudade que restou para o pai depois de perdê-la quando ela o dava à luz, como também retoma as lembranças da imagem opressora de Amando. Rodeado por tais lembranças, Arminto descreve a noite em que tentou dormir no quarto dos pais:

Não era o lugar que me perturbava: era a lembrança do lugar. (...) Naquela noite tentei dormir no quarto dos meus pais; de madrugada um chiado me despertou. Num vôo torto um morcego se enganchou na tela de arame da janela e soltou um guincho. Os olhinhos de brava faiscaram. Acendi a lamparina, o vulto de um homem armado apareceu na parede. Não era o prático da lancha. Ninguém. Apenas o rifle e o chapéu do meu pai. Sombras. O morcego sumiu. Joguei o rifle e o chapéu no chão, não queria sombras no quarto.²⁰³

As sombras das lembranças do pai atormentam Arminto na Boa Vida e, depois da noite mal dormida, a personagem resolve definitivamente enterrar o que resta dessa imagem, bem representada pelos objetos e pela fotografia do pai:

Cavei dois buracos entre a sumaumeira e o rio, e num deles enterrei a caixa com a papelada; no outro, o chapéu, o rifle e as botas. Ia enterrar também a fotografia de Amando, o rosto voltado para o fundo da terra. Mas Florita quis guardar o retrato.
(...)

²⁰² Ibidem, p. 67.

²⁰³ Ibidem, p. 68.

[Florita] Aprendeu a gostar dele, apesar da baixeza. O Amazonas todo aprendeu. Dei a fotografia para Florita e olhei a Boa Vida como quem olha um lugar que não deve mais ser lembrada. Na viagem de volta para Vila Bela, pensei na mãe que não conheci.²⁰⁴

É depois desse episódio na Boa Vida que Arminto resolve vender as duas propriedades, a fazenda e também o palácio branco. A venda da residência da família porém, assume um significado inesperado para Arminto, já que a ideia de perder o palácio branco o desnorteou. Outra opção, contudo, não resta para a personagem, que se desfaz de toda a casa, deixando “(...) os móveis, as louças, o relógio da parede, até os lençóis de cambraia”²⁰⁵; revela, porém, que só não deixa a memória do tempo que havia morado lá. Parece-nos, em vista de tal momento da narrativa, que a fazenda Boa Vida representa o lugar de Amando e o palácio branco o lugar de Arminto, tão bem cuidado por Florita.

Após a venda do palácio branco, Florita, que segundo o acordo entre as partes continuaria a viver lá, ainda resmunga que a personagem não deveria tê-la vendido, que se arrependeria para o resto da vida. E Arminto, em resposta, narra que

[o]s resmungos de Florita não me abalaram. Sem que eu percebesse, estava sendo tão teimoso e bruto quanto Amando Cordovil. Queria ser diferente, mas uma sombra do meu pai estava dentro de mim, como um caroço numa fruta podre. Eu teimava em ser a casca, queria ser jogado fora, e assim não fazia dano a ninguém.²⁰⁶

As sombras do pai, tanto ao reconhecê-lo em si como nas memórias que a personagem carrega dessa relação, parecem ainda nesse momento da narrativa ganhar mais força.

Com a venda dos bens, Arminto recebe promissórias que devem ser descontadas em um banco em Belém. O valor correspondente ele pretende “(...) gastar sem a vigilância de um pai ou tutor.”²⁰⁷ O que, em princípio, parece ser o momento em que Arminto finalmente se livra da figura opressora paterna é, porém, o momento da narrativa em que essas lembranças parecem ser ainda mais fortes. Mesmo que a personagem passe a esbanjar o restante da fortuna do pai em Belém, ele não consegue se livrar de Amando.

Já de saída, Arminto compra uma passagem no navio *Hildebrandt*, e viaja no camarote preferido de seu pai: “[v]iajei onde meu pai havia dormido. E a memória do homem

²⁰⁴ Ibidem, p. 70-71.

²⁰⁵ Ibidem, p. 79.

²⁰⁶ Ibidem, p. 78.

²⁰⁷ Ibidem, p. 80.

me perseguiu rio abaixo, até Belém.”²⁰⁸ Ademais, a personagem se hospedará no mesmo hotel em que o pai costumava ficar e, durante sua estadia, ainda se deparará com o túmulo de um parente desconhecido:

A curiosidade me levou ao cemitério dos Ingleses. Andei pelo pequeno campo-santo, lendo epitáfios em lápides de mármore de Carrara. Era meio-dia; mal sentei num banco de pedra, começou a chover. E que diabo eu fazia ali? Um rosto atraiu meu olhar. O retrato de um morto. Eu me aproximei da lápide: Cristóvão A. Cordovil, morto num naufrágio na costa da Guiana Inglesa. O nome do barco naufragado parecia atado ao meu destino: Eldorado. O nome e também o rosto daquele Cordovil: anguloso, o queixo proeminente, as sobrancelhas espessas. Como podia estar morto, se me olhava com o mesmo olhar do meu pai? Tive medo de cair numa armadilha, de não receber o dinheiro da promissórias. Saí do cemitério com esse mal presságio. Amando não estava em lugar nenhum, mas parecia seguir meus passos.²⁰⁹

A presença do pai, mesmo depois de morto, em todos os passos de Arminto o motivará a gastar quase todo o dinheiro das promissórias em luxos desnecessários e presentes em Belém e, quando volta a Vila Bela, resta-lhe o presságio de Florita. Os compradores do palácio branco e da fazenda Boa Vida haviam vendido as propriedades para outras pessoas uma semana depois da partida de Arminto para Belém. Florita, sem moradia, é acolhida por amigos de Amando e, para sobreviver, passa a vender beijus e queijo coalho nas ruas. Diante de tal situação, a única opção que resta a Arminto, aconselhado por Estiliano, é encontrar uma moradia. Já vivendo no único lugar que poderia pagar, uma tapera feia, como descreve o narrador, Arminto recebe do último comprador do palácio os móveis, objetos da casa e também um canudo de papel:

Desenrolei e vi a fotografia dos meus pais recém-casados. Rasguei o papel no meio, dei para Florita o rosto de Amando, e pendurei a imagem de minha mãe, Angelina, na parede do único quarto desta tapera. Esperei mais dois anos para entrar no palácio branco. Isso foi quando Genesino Adel vendeu o imóvel para o tribunal de justiça. Não visitei a casa, entrei pelos fundos só para rever no meio da fonte a cabeça esculpida de minha mãe. Beije os olhos de pedra, beije o rosto amornado pelo sol, e pedi ao juiz que me autorizasse a trazer a cabeça para o meu quarto. Ele negou. Jurei: não ia mais pisar no palácio branco. Olhei pela ultima vez o rosto de pedra e pedi a minha finada mãe que me ajudasse a encontrar Dinaura.²¹⁰

Na decadência, sem nem poder ficar com a imagem de pedra da mãe, o que resta a Arminto são os poucos encontros com Estiliano e Florita e também o desejo em encontrar

²⁰⁸ Ibidem, p. 79.

²⁰⁹ Ibidem, p. 80.

²¹⁰ Ibidem, p. 88.

Dinaura, a sua última esperança de felicidade. Em um dos encontros com Florita tem-se a seguinte passagem:

Seu eu fosse mais nova, ia embora desta terra, disse Florita. Para onde? Para outro mundo. As máquinas dos navios fizeram um estrondo, a fumaça nublou o céu, os canoieiros sumiram. E o porto deserto, com o cais em silêncio, me deixou melancólico. Olhei para o chão e vi os pés de Florita. Inchados, sujos de terra, as pernas também inchadas. O rosto já não escondia a velhice.²¹¹

Notamos em tal passagem do texto que até mesmo Florita, a única personagem que acolhia Arminto na juventude e o aproximava de Vila Bela, também tem o desejo de ir embora, de se livrar daquela situação e tentar a felicidade em outro lugar. A vontade é ainda contrastiva com relação à descrição do porto, que antes era o lugar onde todos iam e vinham, onde havia a possibilidade de partir e também chegar, e agora, diante da crise econômica que o país vivia na época, é um lugar deserto, do silêncio, assim como a situação em que viviam Florita e Arminto.

Nesse momento da narrativa, como mencionamos anteriormente, Arminto se apegará cada vez mais ao mistério do sumiço de Dinaura e à possibilidade de reencontrá-la. A personagem deixa de ir ao porto onde conseguia algum trabalho e afasta-se do mundo. Já no final do romance, quando Arminto relembra sua história com Dinaura, ele narra seu último grande rompimento com o passado, a morte de Florita:

A tristeza que senti naquela tarde começou no meio da manhã. Eu colhia jambos rosados quando um homem apareceu. Empurrava bem devagar o tabuleiro de Florita e parou na beirada da rua. Fui ver o que ele queria e vi minha Flor deitada no tabuleiro. Dormindo no sol?, perguntei. O homem tirou o chapéu e disse: Acordou morta. (...) O último choro da minha vida. A morte de Florita rompeu os laços com o passado. Eu, sozinho, era o passado e o presente dos Cordovil. E não queria futuro para homens da minha laia. Tudo vai acabar neste corpo de velho.²¹²

Os laços com o passado, como se lê na citação acima, são rompidos depois da morte de Florita. A partir desse momento, Arminto, que já não consegue enxergar um futuro para homens de sua laia, estreitará os laços com Estiliano e insistirá em descobrir o que aconteceu com Dinaura, mais uma vez, em busca de sua última esperança de felicidade:

Pensava na órfã quando os hidroaviões sobrevoavam Vila Bela; pensava na vida com Dinaura, em outro lugar. Conversava com ela, imaginando a mulher ao meu lado. E dizia em

²¹¹ Ibidem, p. 89.

²¹² Ibidem, p. 93-94.

voz alta que ia encontrá-la e que nós dois íamos partir. Minha imaginação corria rio abaixo até o mar, e isso me assanhava. Olha só: um corpo parado com a imaginação solta, com idéias agitadas... Esse corpo sobrevive.²¹³

É interessante observar a centralidade do corpo como sede da memória, um corpo parado que mantém, contudo, uma imaginação solta, agitando-o, um corpo que sobrevive, mantendo nele um lugar, mesmo em meio a decadência em que já vivia Arminto.

Em resposta as angústias vividas pela personagem, Estiliano, o único a quem Arminto poderia recorrer e desabafar sobre seus anseios, é quem lhe dá a tradução do poema grego, o mesmo que serve de epígrafe da obra. Na seguinte passagem podemos observar como tal poema representa a situação que a personagem Arminto Cordovil se encontra no final da narrativa do romance:

Copiei o poema grego traduzido por Estiliano, e li esse poema tantas vezes que até decorei uns versos: “Vou embora para outra terra, encontrar uma cidade melhor. Para onde olho, qualquer lugar que o olhar alcança, só vejo miséria e ruínas.” Dizia essas palavras olhando o rio e a floresta, pensando no pedido que fiz a minha mãe, Angelina. Quem mais eu conhecia? Cordovil era apenas um nome sem memória. Os mais antigos da cidade estavam enterrados. (...) Vou morrer. Todos nós vamos. Vou morrer antes de ti, continuou. Que tu andas falando na cidade? Não vou mais à cidade, Estiliano. Digo as mesmas palavras sem arredar o pé. O poema grego. Tua tradução do poeta grego, a tradução que não terminaste. Repeti as palavras, olhando o Amazonas e as ilhas. Ele balançou a cabeça e suspirou: Palavras inúteis, Arminto. Inúteis por quê? Porque, se fores embora, não vais encontrar outra cidade para viver. Mesmo se encontrares, a tua cidade vai atrás de ti. Vais perambular pelas mesmas ruas até voltares para cá. Tua vida foi desperdiçada neste canto do mundo. E agora é tarde demais, nenhum barco vai te levar para outro lugar. Não há outro lugar.²¹⁴

Em meio a tanta desilusão, Arminto diz a Estiliano que só uma vida com Dinaura lhe daria ânimo, e, nesse momento, o advogado lhe revelará não somente o destino da moça como também o mistério a respeito de suas origens. Na citação abaixo temos a seguinte descrição:

Estiliano abriu uma folha de papel e me mostrou um mapa com duas palavras: Manaus e Eldorado. (...) Já foram sinônimos, disse ele. Os colonizadores confundiam Manaus ou Manoa com o Eldorado. Buscavam o ouro do Novo Mundo numa cidade submersa chamada Manoa. Essa era a verdadeira cidade encantada. E o mapa? Dinaura está em Manaus ou na ilha? Ela foi morar no povoado da ilha, o Eldorado, disse Estiliano.²¹⁵

Observa-se em tal passagem como os contextos mítico, histórico e geográfico da região estão intrincados na narrativa do romance. Isso acontece já que, segundo a descrição de

²¹³ Ibidem, p. 95.

²¹⁴ Ibidem, p. 95-97.

²¹⁵ Ibidem, p. 99.

Estiliano, a cidade de Manaus pôde ser sinônimo de Eldorado, que por sua vez, segundo o mito, é justamente onde se localiza o ouro tão procurado no Novo Mundo, e então a verdadeira cidade submersa e encantada. Em outras palavras, o Eldorado se confunde tanto com a capital amazonense como também com a lenda da Cidade Encantada. Essa informação, ademais, parece-nos dar maior significado à relação de Arminto com Manaus, especialmente nos momentos de encantamento com a cidade, ao fato dos negócios de Amando também se concentrarem lá e ao fato de Dinaura – que dizem ter ido para a Cidade Encantada – estar vivendo justamente em uma ilha que se chama Eldorado, o que segundo tais informações dadas por Estiliano também remete à Manaus.

Tais informações parecem ser ainda bastante reveladoras quando observadas em paralelo com determinadas passagens do texto: o *Eldorado*, navio cargueiro que antes representava a prosperidade financeira e depois do naufrágio determina as ruínas da fortuna de Amando é também o nome do navio que naufraga e leva então o parente desconhecido Cristovão Cordovil à morte; o mito da Cidade Encantada, mencionado no início da narrativa e incorporado ao sumiço de Dinaura, é o mito que representa a esperança de felicidade, a esperança de um lugar melhor, esperança alimentada ao longo de toda narrativa por Arminto.

Quando se observa tais apontamentos, ademais, é possível afirmar que essas figurações espaciais – sejam elas míticas, históricas ou geográficas e especialmente suas imbricações – revelam parte dos processos de identificação das personagens. Essa construção de identidade individual, então, parece-nos intimamente vinculada aos contextos mítico, histórico e geográfico do romance, que se associam à noção de identidade coletiva e às relações estabelecidas entre as personagens em meio à partilha do espaço comum.

Já no final da narrativa, Estiliano, após revelar o paradeiro de Dinaura, ainda dá um dinheiro a Arminto para que vá atrás da moça. O percurso da viagem, que finalmente parece levar Arminto ao que tanto ansiava, parece-nos bastante revelador:

Bem cedinho, quando o barco se aproximava de Manaus, subi à cabine de comando para ver as torres da catedral e a cúpula do teatro Amazonas. Lembrei da chácara do bairro dos Ingleses, da pensão Saturno e da mercearia Cosmopolita, do trabalho no empório do português e no Manaus Harbour. No porto da Escadaria, um batelão descarregava látex. O cheiro me deu enjôo, as pélas de borracha empilhadas pareciam um monte de urubus mortos. Uma visão feia a poucos quarteirões da empresa que eu havia herdado e perdido. No cais, fui cercado por vendedores de objetos deixados por americanos durante a Segunda Guerra. Não comprei nada. Ninguém reconheceu um Cordovil do passado. Eu até podia estar na pele de um dos marreteiros; a diferença é que a minha história era outra. (...) Saímos de Manaus numa lancha pequena (...) A ânsia de encontrar Dinaura me deixou desnorreado. A ânsia e as lembranças da Boa Vida. A visão do rio Negro derrotou o meu desejo de esquecer o

Uaicurapá. E a paisagem da infância reacendeu a minha memória, tanto tempo depois. Costelas de areia branca e estirões de praia em contraste com a água escura; lagos cercados por uma vegetação densa; poças enormes, formadas pela vazante, e ilhas que pareciam continente. Seria possível encontrar uma mulher naquela natureza tão grandiosa?²¹⁶

A viagem que o levou até Dinaura, a paisagem que o rodeava até chegar ao encontro tão desejado, ainda reacende a memória de Arminto, como se naquele momento, em que finalmente alcançará seu objetivo, houvesse também uma tentativa de conclusão de sua vida através da retomada de sua história e de seu passado.

As torres da catedral e a cúpula do teatro Amazonas remetem-no à pensão *Cosmopolita*, que oferecia vista para o porto. O porto que antes representava os olhos de Manaus, uma visão positiva de Arminto na juventude, que o via como um lugar de possibilidade, transição e mudança, agora tem cheiro de látex e se associa à ruína da empresa e também à fazenda Boa Vida; um porto, ademais, onde agora se comercializa objetos deixados por soldados durante a Segunda Guerra, enfatizando certa decadência do próprio lugar. Também a paisagem da natureza, o contraste entre os cinturões de areia branca com a cor escura do Negro, os lagos cercados pela vegetação densa, as poças existentes por conta de vazantes e também a dimensão das ilhas, que parecem continentes, parecem-nos ser ainda representações espaciais significativas para a própria condição de Arminto no final da narrativa, a de um filho tão diferente do pai, que não prosperou, acabou na decadência e encontrou inúmeras dificuldades nas tentativas de mudar tal situação. A pergunta feita no final da última citação, ademais, parece-nos bastante representativa, já que a grandiosa natureza que integra o cenário geográfico, histórico e mítico do romance, representa essa suscitação à história de vida do narrador.²¹⁷ Segundo a nossa leitura, é como se ele se perguntasse, já em condição decadente, sobre a possibilidade de encontrar a sua felicidade diante de tal situação.

Quando chega ao tão ansiado Eldorado, porém, a personagem observa que “[a]quele lugar tão bonito, o Eldorado, era habitado pela solidão”²¹⁸. O encontro com a solidão em um lugar onde a personagem deveria ter encontrado a tão almejada felicidade, parece-nos ainda retomar às palavras do poema grego e também afirmar o caráter lendário da Cidade Encantada e do Eldorado. Tal afirmação de Arminto, segundo nossa perspectiva, é, ademais, a resposta à

²¹⁶ Ibidem, p. 100-101.

²¹⁷ A natureza tão grandiosa da região é também constantemente apontada no romance *Cinzas do Norte*, de modo que influencia diretamente os processos de identificação da personagem Mundo, assim como também interfere diretamente na vida de outras personagens do romance.

²¹⁸ Ibidem, 102.

pergunta sobre encontrar uma mulher em meio a uma natureza tão grandiosa. No romance não é revelado se Armindo realmente reencontra Dinaura, mas sim que a única possibilidade de felicidade alimentada por ele, através do possível reencontro, não se concretiza. A descrição da personagem-narrador, sobre um lugar tão bonito ser habitado pela solidão, parece-nos afirmar o que chamamos de espaço da identidade das personagens, de modo que as localizações presentes na narrativa estão carregadas dos sentimentos conseqüentes de processos de identificação vividos pelas personagens; tem-se, então, o reconhecimento de uma beleza do Eldorado que não pode apagar a solidão desse desencontro.

O tom mítico da narrativa é, por fim, claramente preservado no romance através da última frase da narrativa, “[p]ensas que passaste horas nesta tapera ouvindo lendas?”²¹⁹, o que nos parece também reafirmar mais uma vez o enredamento dos contextos histórico, geográfico e mítico nos processos de identificação das personagens, em especial de Arminto. O que resta, então, são apenas órfãos de um Eldorado.

Antes de concluir, vale mencionarmos ainda a revelação bastante misteriosa sobre as origens de Dinaura. A moça, que vivia no convento das Carmelitas a pedido de Amando, era, segundo Estiliano, ou filha ou amante dele. Ao revelar a Arminto essa incerteza sobre Dinaura, parece-nos que se problematiza mais uma vez na narrativa o processo de identificação da personagem-narrador, já que tal afirmação influenciará não somente o tom de mistério e o caráter mítico da narrativa, como também ameaçará a única chance de felicidade que Arminto pensa ter-lhe restado, considerando que seu único amor poderia ter sido sua irmã ou uma amante de seu pai. Ademais, o que se narra por Arminto não é o encontro com Dinaura na ilha do Eldorado, e sim com uma moça que diz morar sozinha com a mãe. Seria mais uma órfã? Órfã de quem? Filha do próprio Arminto com Dinaura? Tal informação, segundo nossa leitura, parece problematizar ainda mais os processos de identificação de Arminto, conferindo a eles uma posição central na narrativa, de modo que o Eldorado, assim como a tapera feia onde a personagem termina em Vila Bela, acaba sendo habitado somente pela solidão.

Procuramos analisar, no presente subcapítulo, como se dá a construção espacial no romance *Órfãos do Eldorado* segundo uma perspectiva que a entende como um espaço da identidade das personagens. Esteve no centro deste capítulo da dissertação, que procurou reconstruir os deslocamentos sociais e geográficos do protagonista Arminto, em procedimento

²¹⁹ Ibidem, p. 103.

semelhante ao do próprio romance, a reflexão sobre os contrastes entre a metrópole e a província, aqui em especial entre Manaus, Belém e localidades do interior do Estado do Amazonas. E, nesse contexto, os deslocamentos sociais (e especificamente socioeconômicos) que também constituem dimensão importante na caracterização e constituição da identidade na sociedade contemporânea.

No capítulo que segue, “Conclusão – para além da narrativa”, procuraremos retomar o caminho trilhado até o momento e observar como se poderia ampliar a discussão acerca dos temas que se revelam ao longo das duas obras de Milton Hatoum. Procuraremos, por fim, discorrer conclusivamente sobre como se poderia apontar para o poder teorizador dentro da obra literária, reafirmando mais uma vez a pertinência em se inserir os Estudos Literários no debate com outras áreas de conhecimento.

4. Conclusão – para além da narrativa

Este capítulo de conclusão fará uma apuração sucinta e conclusiva do que foi desenvolvido anteriormente. Pretendemos encerrar a pesquisa desenvolvida, e ainda, de acordo com o nosso entendimento sobre literatura apresentado mais extensamente na “Introdução”, ressaltar alguns argumentos que conduzem os romances analisados para além da narrativa, para uma discussão que não se encerra nos objetos literários ou permanece apenas no âmbito dos Estudos Literários; que justamente demonstra possibilidades adicionais de colocar a literatura em diálogo com outras áreas de conhecimento.

Na “Introdução” da presente pesquisa procuramos apresentar nosso entendimento sobre a produção literária e a presença da literatura no espaço público. Assim, supomos que quando tratamos de literatura, lidamos com uma forma de dicção e um produto de uma comunidade discursiva. Os dois últimos romances de Milton Hatoum, nossos objetos na pesquisa apresentada, foram tratados como um produto que integra uma comunidade discursiva enquanto voz que se manifesta sobre ela e seus temas, como voz ativa de um sujeito integrante de uma comunidade, que fala da mesma e para a mesma.

O discurso literário, na nossa compreensão, não se encerra em si mesmo, ele é a chave para o elo com outros universos discursivos, com reflexões mais amplas, ele é visto, ademais, como uma ponte que proporciona àquele que lê a possibilidade de uma visão de mundo cada vez mais ampla, que abre portas ao pensamento crítico dos sujeitos que integram uma comunidade.

Ao tratarmos a produção literária existente segundo essa perspectiva, que ora retomamos, procuramos apresentar, ao longo do que foi desenvolvido, uma pesquisa no âmbito dos Estudos Literários que possibilitasse o diálogo com teóricos de outras áreas de conhecimento, e reconhecemos, ademais, um poder teorizador presente na produção literária, um teoria difusa, que não pretende sê-la, mas que pode suscitar questionamentos diversos e então configurar alguma forma de saber.

Esta configuração de alguma forma de saber presente no objeto literário, ademais, dialoga com o que Ottmar Ette (2005)²²⁰ chama de “saber sobre a vida” ou “saber sobreviver”, em alemão “Überebenswissen”, que mencionamos brevemente na “Introdução” da presente pesquisa. Os Estudos Literários recuperam a sua importância e sua relevância em

²²⁰ ETTE, O. *ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2005.

vista de sua renovação no contato com os Estudos Culturais, sua confrontação com o mundo real e sua declaração sobre esse mundo a partir do aparato lingüístico e estético próprios aos textos literários. É a partir disso que a reflexão do romanista alemão Ottmar Ette²²¹ acerca do “Überlebenswissen” aponta também para um teor cognitivo da literatura, cujo destaque seria um elemento desejável no trabalho da filologia.

As reviravoltas nos Estudos Culturais²²², em diálogo com o trabalho de Bachman-Medick (2009)²²³, que apresentamos brevemente no capítulo “Espaço literário”, tornam abrangente o objeto e as abordagens metodológicas nas ciências literárias. Ora, se a linguagem passou a ter estatuto central na filosofia e problematizou a cientificidade de métodos acadêmicos, não seria a “ciência literária” tão legítima e pertinente para as “ciências da vida” [*Lebenswissenschaften*] quanto outras áreas de conhecimento tradicionalmente ligadas às ciências naturais? Afinal, reflexões cerradas em si mesmas sob um “reducionismo neurobiológico”²²⁴ não são suficientemente propositivas no que concerne, por exemplo, à intervenção direta no meio ambiente e nas dinâmicas sociais e culturais de grupos humanos. Diante disso, Ottmar Ette e Bachmann-Medick concordam em valorizar o poder do aparato simbólico e lingüístico próprio às ciências humanas (e aos Estudos Literários em particular), quando se trata de compreender a dinâmica comunicativa e expressiva nas relações sociais e em outros âmbitos da vida humana, como a economia, a política, as práticas científicas e administrativas, as atividades de desenvolvimento e planejamento, entre outras.

Ao longo da dissertação, partindo da compreensão retomada acima e de nossa proposta de trabalho, apresentamos primeiramente textos e considerações próprias de natureza teórica que tratam da noção de identidade, especialmente na contemporaneidade, e do espaço (sobretudo literário), de modo que pudemos definir o que chamamos de espaço da identidade das personagens, um espaço que, em outras palavras, pode ser observado como revelador de processos de identificação. Assim, nos dois primeiros capítulos, procuramos apontar para reflexões teóricas que cumprem um papel de interlocutoras em nossa proposta de pesquisa, que podem, inclusive, concretizar a teoria difusa que acreditamos existir nos objetos literários contemplados; mais uma vez, não procuramos fazer uma exposição de natureza teórica com a

²²¹ ETTE, O. *Überlebenswissen. Die Aufgabe der Philologie*. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2004.

²²² As considerações seguintes, que envolvem o trabalho de Bachman-Medick, dialogam mais uma vez com as considerações de Sibele Paulino em sua pesquisa de mestrado, que também será apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da UTFPR.

²²³ BACHMANN-MEDICK, D. *Cultural turns. Neuorientierungen in den Kulturwissenschaften*. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 2009.

²²⁴ Idem, p. 44.

finalidade de legitimar uma verdade latente nas obras, ou um ponto de vista já pré-concebido, mas sim de modo que pudéssemos demonstrar, com a apresentação posterior das análises das obras, em que medida essa teoria pode ser identificada nos objetos literários, em que medida os apontamentos teóricos anteriores estabelecem uma interlocução com essas obras, e, então, em que medida é possível reafirmar o papel da literatura em uma discussão que não se encerra no âmbito dos Estudos Literários.

Acreditamos, também nesse sentido, ser possível apontar a literatura como *medium* para questões que a teoria ainda não conseguiu concretizar ou explicar, de modo que algo apontado pela teoria como incerto pode ser reconhecido concretamente em um objeto literário, como, por exemplo, a própria idéia de opacidade da cultura, ou ainda novas configurações da noção de cultura e de nação no mundo globalizado, que, como expusemos no capítulo “Identidade”, são questões debatidas exaustivamente no momento atual sobretudo por teóricos das Ciências Sociais e da História.

Para que pudéssemos tratar o espaço literário como um espaço da identidade, procuramos tratar a produção literária segundo uma perspectiva antropológica ampla; uma perspectiva voltada ao âmbito dos Estudos Literários, mas que trata a pesquisa e a análise do objeto literário sem o separar em partes isoladas ou o coloque à parte das discussões com outras áreas do saber. Para tanto, no recorte de natureza teórica em “Espaço Literário”, procuramos privilegiar pesquisadores que trataram o assunto não de modo isolado, independente de outros “submecanismos” que configuram a obra, mas que o trataram considerando sua relação, por exemplo, com as personagens, com a voz narrativa, com o tempo, entre outras. Ainda nesse momento voltado à teoria, expusemos reflexões de autores de outras áreas de conhecimento, como Aleida Assmann e Marc Augé, que trataram, por exemplo, o espaço e sua relação com a memória e com o contexto histórico atual.

Gostaríamos de valorizar mais uma vez na presente conclusão, o trabalho de teóricos que, no âmbito dos Estudos Literários, superaram a dicotomia realidade/ ficção, na qual grande parte das correntes intelectuais da Teoria da Literatura basearam as suas considerações. Destacamos os estudos de Wolfgang Iser, em *O fictício e o imaginário* (1996), publicado pela primeira vez em 1991, do professor, ficcionista e ensaísta Luis Alberto Brandão, em dois artigos (2005; 2007) e especialmente em *Grafiadas da Identidade – literatura contemporânea e imaginário nacional* (2007) e do romanista e teórico da literatura alemão Ottmar Ette, em *ZwischenWeltenSchreiben – Literaturen ohne festen Wohnsitz* (2005).

Mesmo que a exposição teórica de tais pesquisadores não tenha sido o nosso foco na presente pesquisa ou que não tenhamos adotado uma posição teórica exclusiva para o desenvolvimento do trabalho, acreditamos haver aqui ecos do que foi desenvolvido por eles em suas pesquisas.

A escolha em apresentarmos primeiramente a teoria nos dois primeiros capítulos e somente depois a análise das obras, de modo que não optamos por mesclar toda a teoria apresentada em meio à análise dos romances, não pretendeu separar a pesquisa em dois momentos independentes. Optamos apenas por apresentar uma análise posterior que pudesse indiretamente remeter à discussão teórica já exposta e com isso revelar que a configuração espacial dos romances relaciona-se, como que por si mesma, aos apontamentos teóricos anteriores. Adotamos, por fim, uma abordagem de descrição e análise da configuração espacial no âmbito dos Estudos Literários como reveladora de processos de identificação, o que, a nosso ver, reafirma justamente esse poder teorizador presente na literatura.

O espaço da identidade das personagens, sempre destacado ao longo da pesquisa, foi tratado como uma dimensão do espaço literário, sendo este, portanto, elemento formal onde se evidenciam processos de identificação das personagens; trata-se aqui de um espaço carregado de significação, um cenário que se manifesta através da linguagem literária e revela questionamentos sobre a noção de identidade por meio de situações humanas vividas pelas personagens. Essa problematização acerca da noção de identidade, ademais, que acreditamos presente tanto em *Cinzas do Norte* como em *Órfãos do Eldorado*, está claramente inserida no momento histórico atual, o que nos fez tratar não somente da noção de identidade vista de modo abrangente, mas sim da noção de identidade em vista do contexto contemporâneo, no qual os romances vêm a público.

Para falar sobre a noção de identidade, se fez necessário, como expusemos no primeiro capítulo de nossa pesquisa, tratar primeiramente das noções de cultura e de nação, de modo que a idéia de identidade individual só existe em relação com a idéia de identidade coletiva. Só poderíamos tratar de processos de identificação individuais, se considerássemos também o coletivo, um coletivo bem representado pelas noções de cultura e de nação.

A noção de identidade não é estável e, à medida que as noções de nação e cultura atrelados a ela são também problematizados, o processo de identificação se intensifica. Isso se evidencia na contemporaneidade, quando as fronteiras tradicionais começam a mudar, quando o processo de globalização proporciona um maior contato entre as culturas, evidenciando-se a hibridez sempre nelas presente, a opacidade que as caracteriza e a falta de fixidez e de

unidade estável. Tais aspectos, que evidenciam a noção de identidade como um processo atrelado às noções de cultura e nação, parecem-nos, como procuramos demonstrar, ser claramente identificáveis na narrativa dos romances analisados na presente pesquisa.

Em *Cinzas do Norte*, ao nos concentrarmos na personagem Mundo, observamos como os processos de identificação da personagem estão intimamente ligados às relações humanas em meio a partilha de um espaço comum, seja com outras personagens ou com o próprio contexto histórico da narrativa.

A epígrafe de *Cinzas do Norte*, “Sou donde nasci. Sou de outros lugares”, de Guimarães Rosa, antecipa os deslocamentos geográficos que serão vividos pelas personagens, em especial Mundo, que, como expusemos, foi nosso foco de análise. Esse deslocamento, não nos parece em vão, ele revela questionamentos sobre processos de identificação, abarcando também discussões em torno da idéia de cultura e nação no contexto histórico atual. Ademais, como observa o próprio Hatoum, em entrevista para o *Correio Braziliense*²²⁵, mencionada em “O autor e as obras”, a epígrafe da obra aponta que pertencer a um lugar não impede que se adira afetiva e intelectualmente a outros lugares, de modo que abandonar o próprio lugar é uma ruptura, mas permanecer pode ser um problema.

Esses deslocamentos geográficos vividos especialmente pela personagem Mundo, são, segundo entendemos, motivados pelos processos de identificação vividos por ele, permeados pelas relações que estabelece em meio à partilha do espaço comum, seja com outras personagens ou com as condições do momento histórico e social em que vive.

Para demonstrar que o deslocamento da personagem Mundo se vincula às relações estabelecidas por ele em meio à partilha de um espaço comum, procuramos observar mais extensamente a relação da personagem com três outras: Alícia, Jano e Arana. As três são decisivas para a relação que Mundo estabelece com Manaus, sua permanência na cidade ou distanciamento dela, assim como seu juízo de valor em relação a ela.

A mãe de Mundo, Alícia, é seu refúgio, como menciona a personagem narrador Lavo, em contraposição a figura opressora do pai, Jano. Arana, “o artista da Ilha”, exerce influência para que Mundo se identifique pela primeira vez com sua terra natal, por meio da arte e, após ser visto como impostor, também motiva Mundo a querer deixar Manaus para sempre.

²²⁵ SÁ, S. de. Servidão humana. *Correio Braziliense*. 13.ago.2005.

Outras relações bastante significativas que procuramos observar são a relação de Mundo com Ranulfo, personagem que sempre o protegeu e o admirou, e a relação com Lavo, seu melhor amigo e aquele que, ao contrário de Mundo, nunca pretendeu deixar Manaus, também sua terra natal.

É ainda interessante observar, que as figuras que oprimem Mundo sempre mantêm alguma ligação com o momento histórico da narrativa, a ditadura militar. Jano, a personagem com quem Mundo tem a maior dificuldade em se relacionar, mantêm estreita relação com os militares do poder, de modo que essa empatia com o governo da época o auxilia nos negócios e até mesmo nas medidas que toma contra a postura avessa do filho, como quando decide mandar Mundo para o colégio militar, acreditando que só assim, com uma educação militar, poderia dar um jeito na figura avessa do filho.

A dificuldade de Mundo em se relacionar com Arana, ademais, também vem permeada por esse contexto histórico. Pois a personagem, que insiste em se afirmar como um artista da região, que exalta a natureza, valoriza e protege a cultura do lugar, na verdade acaba se mostrando um sujeito preocupado apenas consigo mesmo e capaz de tudo para se dar bem e não ser incomodado pelos militares. Tais conclusões são tiradas por Mundo quando, por exemplo, ele presencia Arana se aproveitando da exploração sexual de meninas de ascendência indígena, quando o artista usa ossos de um cemitério indígena para fazer obras de arte sem preocupação alguma ou qualquer autorização ou ainda quando explora a natureza para vender produtos aos turistas que vêm a Manaus. Arana, que se diz contrário a postura dos militares do poder, compactua com eles através de suas atitudes, se mostrando um grande hipócrita, um homem de discurso enganoso, assim como os governantes da época.

Essa postura avessa ao governo militar por parte da personagem Mundo é enfatizada no romance quando se narra sobre a época em que ele estuda no colégio militar. Nesse período, durante os treinamentos na selva, Mundo adoece gravemente e também presencia a morte do amigo Cará, menino pobre explorado pelos militares e que vivia com a família no Novo Eldorado, um conjunto habitacional precário construído pelos militares para alojar a população da periferia de Manaus.

A revolta de Mundo contra a ditadura, já que não suporta a obediência²²⁶, será demonstrada pela personagem claramente quando temos a narrativa do episódio sobre o

²²⁶ Vale aqui retomar a frase de Mundo “Ou a obediência estúpida, ou a revolta”, enviada a Lavo em um cartão postal na época em que vivia em Londres.
HATOUM, M. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 10.

Campo de Cruzes, quando Mundo, junto a Ranulfo, protesta através de sua arte contra a morte injusta do amigo por conta dos militares e também contra o alojamento das pessoas no Novo Eldorado em condições tão precárias. Essa revolta será ainda retomada mais uma vez na narrativa quando no Rio, já após a morte do pai, Mundo é preso em uma manifestação contra a censura.

A nosso ver, como desenvolvemos mais extensamente no subcapítulo “Cinzas do Norte”, os processos de identificação sofridos por Mundo ao longo da narrativa, não somente vêm permeados por suas relações com outras personagens, mas também com a relação estabelecida por elas e por ele com o contexto histórico e social do romance, algo que reafirma a noção de identidade individual atrelada ao coletivo.

Também a dúvida a respeito da paternidade de Mundo, insinuada ao longo do romance e retomada no final da narrativa, relaciona-se a processos de identificação. Mundo, que sempre procurou resolver sua relação com Jano, manteve, porém, uma relação paterna e de empatia com Ranulfo ao longo da vida, mas acaba, já no final da narrativa, sabendo que é filho biológico de Arana. Parece-nos que essa fragmentação da figura paterna, retomada no final do romance, colabora ainda mais para enfatizar a fragmentação do sujeito e a instabilidade de Mundo quanto a sua identidade.

O processo de identificação problemático que vive a personagem Mundo pode ser visto de maneira mais ampla, como representação da problematização da noção de identidade no mundo contemporâneo. Procuramos justificar tal argumento através dos próprios deslocamentos de Mundo, da escolha de seus destinos, e da posição de prestígio sociopolítico e cultural de alguns lugares em relação a outros, como o Rio de Janeiro em face de Manaus, Berlim Ocidental e Londres com relação às cidades brasileiras. Recorremos, nesse contexto, ao diálogo com as considerações teóricas de Édouard Glissant (2005).

O Rio de Janeiro, que no início da narrativa é visto por Alicia e Mundo como um lugar onde não há o provincianismo de Manaus, é identificado mais adiante, porém, como um lugar onde a opressão do governo militar está presente; e que tanto Berlim Ocidental como Londres, que mesmo situados na Europa, apontada na narrativa pela personagem como um lugar muito a frente do Brasil, especialmente com relação à arte, são também duas cidades onde se vive uma busca pela identidade: lugares fragmentados – no caso de Berlim ainda mais claramente por conta da divisão da Alemanha em dois Estados –, povoados por pessoas que, como Mundo, buscam encontrar um lugar para si, onde possam ter a chance de finalmente prosperar.

Assim como procuramos analisar a construção espacial em *Cinzas do Norte*, a fim de demonstrarmos o que chamamos de espaço da identidade, analisamos também a configuração espacial de *Órfãos do Eldorado*.

No último romance de Hatoum, nos concentramos na personagem Arminto Cordovil e na sua relação com diversos lugares – Vila Bela, o palácio branco, Manaus, Belém, a fazenda Boa Vida e a Cidade Encantada. Para analisarmos a relação da personagem-narrador com tais lugares, também significativa para a caracterização da partilha de espaços comuns e valoração dos convívios, observamos em especial a relação de Arminto com o pai, Amando Cordovil, Florita – empregada da casa e quem o criou desde bebê – e Dinaura – a mulher por quem ele se apaixona após a morte do pai.

A figura paterna, assim como em *Cinzas do Norte*, representa para Arminto a opressão e lhe impõe grandes dificuldades de relacionamento. Em meio a esse processo difícil de identificação com o pai, Arminto encontra, segundo a nossa perspectiva, o principal motivador para seu deslocamento geográfico, em busca de um lugar melhor para viver e onde pudesse encontrar a felicidade.

A figura materna, cumprida pela personagem Florita, proporciona conforto a Arminto no palácio branco e parece influenciar positivamente a sua relação com a cidade natal, Vila Bela. É interessante notar que, assim como em *Cinzas do Norte*, a figura paterna representa a dificuldade, a impossibilidade de uma identificação, e a figura materna representa o refúgio, o acolhimento, a identificação.

Se por um lado, é possível encontrar muitos pontos de convergência entre os dois romances – como a relação problemática entre pai e filho, problemas sociais e econômicos ligados aos contextos histórico e social da região, a busca de certas personagens por um lugar onde se encontraria a realização, entre outros – é possível também encontrar uma grande divergência: enquanto em *Cinzas do Norte* Hatoum explora as possibilidades de se encontrar um novo lugar e também a possibilidade de inclusive se aderir a vários lugares, em *Órfãos do Eldorado*, o autor explora, contudo, a impossibilidade de encontrá-lo. Isso se evidencia já nas epígrafes das obras: a de *Cinzas do Norte*, que aponta para esse trânsito (“Sou donde eu nasci. Sou de outros lugares”, de Guimarães Rosa) e a de *Órfãos do Eldorado* (o poema “A Cidade”, de Konstantinos Kaváfis), que aponta para as ruínas que foram dissipadas na terra inteira, mensagem que ganha força, ademais, quando o poema é incorporado à narrativa.

Vale observarmos ainda que o único lugar onde Arminto pensa poder encontrar a felicidade é a Cidade Encantada, um mito amazônico, que ademais designa o paradeiro de

Dinaura. Esse contexto mítico e misterioso, que representa um lugar perfeito e de felicidade é um lugar inexistente no mundo da vida, mas, por outro lado, compõe um imaginário regional, muito bem representado pelo desejo de Arminto, que associa ao mito a possibilidade de viver a felicidade ao lado de Dinaura. Esse contexto mítico, ademais, que vai se valorizando ao longo da narrativa, pode ser observado em contraposição ao contexto histórico do país, especialmente após a morte de Amando, já que diante da crise econômica no pós Primeira Guerra e também do naufrágio do *Eldorado*, tem-se a ruína econômica da família Cordovil e, então, do único herdeiro Arminto.

Também em *Órfãos do Eldorado* se figura a dúvida sobre a paternidade, não de Arminto, mas de Dinaura. A dúvida que permanece sobre Dinaura ser ou não filha de Amando tem uma dimensão maior na narrativa, já que influencia diretamente a única chance de felicidade que Arminto acredita ter. O grande amor de Arminto, Dinaura, que pode ser entendido como representação de sua única possibilidade de felicidade, torna-se, com a dúvida quanto a ser irmã dele, ainda mais mítico e misterioso, assim como a lenda da Cidade Encantada.

A exposição feita sobre *Órfãos do Eldorado* se concentrou na configuração espacial em torno dos deslocamentos da personagem narrador Arminto Cordovil em face das problemáticas humanas vividas por ele e de seu papel diante da noção de identidade na contemporaneidade.

Em diálogo com as considerações de Édouard Glissant (2005)²²⁷, tal como a apresentamos no subcapítulo “Cinzas do Norte”, ressaltamos por fim nosso anseio de uma presença mais efetiva da literatura nos debates que envolvem outras áreas de conhecimento.

Glissant insistirá, em *Introdução a uma poética da diversidade*, na revalorização do papel do escritor, e então da literatura, no amplo debate sobre o conhecimento do mundo, que aqui se volta ao que ele chama de “poética da Relação”, uma poética que, através da própria produção literária, levanta questionamentos e problematizações sobre esse novo momento que se evidencia na contemporaneidade.

Quando o autor é perguntado sobre se haveria um lugar nas sociedades atuais para se ouvir o escritor ele responde:

²²⁷ GLISSANT, É. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

Penso que sim. É bem verdade que houve um declínio da literatura com o aparecimento dos efeitos de saturação midiáticos. Mas retornaremos a ela. Da mesma forma como é recuperada a idéia de que existe algo a limpar no planeta, retomaremos a idéia de que é necessário, ainda, ouvir a voz dos escritores. Isso não lhes confere nenhum status especial, nenhuma vantagem quanto à sua função, mas cria deveres – como se diz – deveres novos, que são – unicamente – deveres da literatura.²²⁸

Compreendemos, em diálogo com a consideração do autor citada acima, que a própria pesquisa em literatura, quando parte de uma perspectiva antropológica ampla, considerando-a como produto de uma comunidade discursiva, pode impulsionar a relevância do lugar do autor nas sociedades e então no grande debate sobre o conhecimento do mundo. Foi nesse sentido que pretendemos desenvolver a nossa pesquisa, de modo que ela não se encerra no âmbito dos Estudos Literários, mas coloca a discussão posta aqui em diálogo com outras áreas do saber.

Compreendemos que a literatura é um *medium* privilegiado, que, assim como as demais artes, é capaz de oferecer uma auto-interpretação do homem, pela plasticidade que abarca a experiência humana. Como afirma Luis Brandão, está em questão na literatura “(...) o processo imaginário de conceber as limitações e as potencialidades de tal experiência, e a transformação desse processo em obras, ou seja, a concretização do imaginário por meio da ficção.”²²⁹

Por fim, este imaginário, que atua nos textos literários, mesmo que não seja capaz de concretizar novas realidades, é capaz, à medida que se faz presente na leitura e no debate e reflexão que daí decorre, de concretizar e ampliar o imaginário coletivo materialmente dado nos textos; como tal, talvez seja capaz, também, de codeterminar o agir das pessoas e coletividades no mundo da vida.

²²⁸ Idem, p. 170.

²²⁹ BRANDÃO, L.A. *Grafias da Identidade – literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina, 2005, p. 11.

5. Referências bibliográficas

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSMANN, A. *Erinnerungsräume – Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*. München: C.H. Beck München, 1999.

AUGÉ, M. *Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHMANN-MEDICK, D. *Cultural turns. Neuorientierungen in den Kulturwissenschaften*. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 2009.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BIRMAN, D. *Das cinzas à memória*. In: *Prosa & Verso*. O Globo. 20.ago.2005.

BRANDÃO, L. A. “Breve história do espaço na teoria da literatura”. In: *Cerrados, revista do programa de pós-graduação em Literatura*. UnB, n.19, ano 14, 2005: 115-133.

_____. “Espaços literários e suas expansões”. In: *Aletria, revista de estudos de literatura*. UFMG, n.15, jan./jun, ano 2007: 207-220.

_____. *Grafas da Identidade – literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina, 2005.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CEBALLOS, R. “Diferença e identidade em Dois irmãos de Milton Hatoum”. In: SIEBER, C; LOSSO, E. G. B. GRONEMANN, C.(Eds.) *Diferencia minoritária en Latinoamérica / Diferença minoritária na América Latina*. Zürich: Georg Olms, 2008.

CORNELSEN, E. L. “O espaço da interdição interdito pela nostalgia e pelo riso: o muro de Berlim e a ‘Alameda do Sol’”. In: *Aletria, revista de estudos de literatura*. UFMG, n.15, jan./jun, ano 2007: 82-97.

DIMAS, A. *Espaço e Romance*. São Paulo: Ática, 1985.

EAGLETON, T. *A idéia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

ECO, H. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ETTE, O. *ZwischenWeltenSchreiben: Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlim: Kulturverlag Kadmos, 2005.

_____. *Überlebenswissen. Die Aufgabe der Philologie*. Berlim: Kulturverlag Kadmos, 2004.

FREIRE, J.A.T. *Entre construções e Ruínas: Uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2006.

FUNKS, J. Cinzas que queimam. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada E1.13.ago.2005.

GLISSANT, É. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GONÇALVES FILHO, A. O romance de Hatoum para tempos incertos. *O Estado de S. Paulo*. 13.ago.2005.

GULLÓN, R. *Espacio y Novela*. Barcelona: Antoni Bosch, 1980.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HATOUM, M. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Relato de um Certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Cidade Ilhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HEIDEGGER, M. *Poetry, Language, Thought*. New York: Harper & Row, 1971.

HOBBSAWM, E. J. *Noções e nacionalismo desde 1780*. Trad. Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ILLIES, F. *Generation Golfzwei*. München: Karl Blessing, 2006.

INGENSCHAY, D. "Between the Boom and the Arabesque. 'Hemispheric Writing' in Juan Goytisolo's Paisajes después de la batalla and Milton Hatoum's Relato de Um Certo Oriente." In: ETTE, O; PANNEWICK, F (Eds.) *AthosAmericas Literary Entanglements of the Americas Hemisphere and the Arab World*. Berlim: Iberoamericana, 2006.

ISER, W. *O fictício e o imaginário*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

- JAUSS, H. R. *L'histoire littéraire comme défi à la théorie littéraire*. Paris: Gallimard, 1967.
- LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. 3. Ed. Paris: Anthropos, 1986.
- LIMA, L.C. Naufrágio da tradição. *Folha de S. Paulo*. Mais!, 6.abril.2008, p.8.
- LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- LOTMAN, I. *A estrutura do texto artístico*. Trad. M. C. V. Raposo e A. Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.
- _____. "Acerca de la semiosfera". Trad. D. Navarro. In: *Critérios*, 1993.
- _____. *La semiosfera: l'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti*. Veneza: Marsilio, 1985.
- _____. *La Semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Cátedra, 1998.
- MELLO, H. F. Romance é mais seco e mantém jogos duplos. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada E1. 13.ago.2005.
- NETTO, I. No inferno de Hatoum. *Rascunho*, 65. set. 2005.
- PEDRA, N. T. de S. *Espacialidade e personagem: a reconstrução do Ethos em Cipriano Salcedo*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Mestrado em Estudos Literários, Universidade Federal do Paraná, 2003.
- PERRONE-MOISÉS, L. A cidade flutuante. *Folha de S. Paulo*. 12.ago.2000.
- PROPP, V. I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.
- RAVETTI, G. "De Moscou a... Marte". In: NAZARIO, L (Org.). *A cidade imaginária*. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Debates, 302)
- RORTY, R. M (Org.). *The linguistic turn. Essays in Philosophical Method. With two retrospective essays*. Chicago, Londres, 1992.
- SÁ, S. de. Servidão humana. *Correio Braziliense*. 13.ago.2005.
- SANTOS, L.A.B; OLIVEIRA, S. P de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SOETHE, P. "Espaço literário, percepção e perspectiva". In: *Aletria, revista de estudos de literatura*. UFMG, n.15, jan./jun, ano 2007: 221-229.
- _____. *Literatura comparada*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.
- TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. *Literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.